

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
Programa de Pós-Graduação em Linguística

Igor de Oliveira Costa

A CONSTRUÇÃO SUPERLATIVA DE EXPRESSÃO CORPORAL
Uma abordagem construcionista

Juiz de Fora
2010

IGOR DE OLIVEIRA COSTA

A CONSTRUÇÃO SUPERLATIVA DE EXPRESSÃO CORPORAL
Uma abordagem construcionista

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Neusa Salim Miranda.

Juiz de Fora
2010

Costa, Igor de Oliveira.

A construção superlativa de expressão corporal: uma abordagem construcionista / Igor de Oliveira Costa. – 2010.
143 f.: il.

Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010.

1. Linguística. 2. Cognições. I. Título.

CDU 801

Igor de Oliveira Costa

A CONSTRUÇÃO SUPERLATIVA DE EXPRESSÃO CORPORAL
Uma abordagem construcionista

Dissertação de Mestrado submetida à
Universidade Federal de Juiz de Fora
como requisito parcial para a obtenção do
título de Mestre em Linguística.

Aprovada em:

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Neusa Salim Miranda (Orientadora)
Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF

Prof.^a Dr.^a Sonia Bittencourt Silveira
Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF

Prof.^a Dr.^a Maria Jussara Abraçado de Almeida
Universidade Federal Fluminense – UFF

Aos bons professores que tive, pois são,
com certeza, grandes responsáveis por eu
aqui chegar.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por sempre guiar meus passos e por me permitir realizar as coisas que sonho.

À Prof.^a Neusa, pela paciência e por entender o real significado da palavra orientação, permitindo-me crescer de maneira superlativa.

Aos professores do PPG Linguística/UFJF, pelo ensino de qualidade e prontidão no esclarecimento de “dúvidas”.

Aos bolsistas de Iniciação Científica Bernardino, Raquel e Danielle, pelo envolvimento, seriedade e dedicação que conferiram a esse projeto.

Ao nosso grupo de pesquisa como um todo, liderado pela Prof.^a Neusa, pelas discussões sempre produtivas e esclarecedoras.

Aos meus pais, Carmen e Sérgio, pela oportunidade e apoio que sempre me deram para me dedicar ao que escolhi. Também pelo amor e carinho que sempre me devotaram.

À minha esposa, Milena, por ter lido cada linha que produzi no bendito “Mestrado” e entendido minhas ausências, além do amor, atenção, carinho e dedicação para comigo.

Aos meus irmãos, Rafael (*in memoriam*) e Júlia, pela amizade, companheirismo e por estarem sempre comigo, independente de estarmos longe ou perto uns dos outros.

À Carol, pela amizade, parceria na pesquisa e disponibilidade em ajudar.

Aos demais amigos e colegas do curso de mestrado (em especial ao Robledo), por compartilharem comigo momentos agradáveis e enriquecedores.

Aos meus tios Janir e Marília e seus filhos – Ian e Luíza –, pelo carinho com que me acolheram nos últimos meses e por criarem uma atmosfera favorável para que eu me dedicasse aos estudos.

À minha primeira professora de Linguística, Amitza, pela disponibilidade de sempre e por ter despertado em mim o interesse por essa ciência tão fascinante.

Ao meu antigo professor e hoje amigo, Émerson, pelos esclarecimentos e providenciais ajudas com o inglês.

À Prof.^a Rita Schittini, pelo incentivo e por ser um grande e valoroso exemplo para todo aquele que pretende um dia ser chamado “Professor(a)”.

À FAPEMIG, pelo apoio financeiro.

“Seja qual for sua origem, a fala é a maior
de todas as invenções.”

(Geoffrey Blainey em *Uma breve história do
mundo*)

RESUMO

Este trabalho tem como objeto a **Construção Superlativa de Expressão Corporal** (Construção SEC) (“solteirona e toda virgem, ignorava machezas, quase **morreu de vergonha** numa tarde de conversas”; “Padre Dito quase **estourou de rir**”; “O Lúcio **rolou de rir** com a explicação, e como consequência acabou virando a vítima e a cobaia do seminário”), um elo da grande rede de construções do Português denominadas por Miranda (2008a) como Construções Superlativas. Tendo como enfoque teórico a Linguística Cognitiva (FAUCONNIER, 1997; FAUCONNIER E TURNER, 2002; FILLMORE, 1977, 1982; FILLMORE E ATKINS, 1992; JOHNSON, 1987; LAKOFF, 1987, 1993; LAKOFF E JOHNSON, 1980, 1999; MIRANDA, 2002, 2008a, 2008b; SALOMÃO, 2002, 2008; dentre outros) e, mais especificamente, o seu Modelo Baseado no Uso da Gramática das Construções (CROFT AND CRUSE, 2004; GOLDBERG, 1995; LAKOFF, 1987; PERINI, 2001, 2008; TOMASELLO, 2003[1999]), propõe-se a descrição dos padrões formais e do valor semântico-pragmático emergentes nas ocorrências dessa construção. Dado o relevo do uso no modelo teórico-analítico adotado, opta-se metodologicamente pela Linguística de *Corpus* (ALUÍSIO E ALMEIDA, 2006; SARDINHA, 2000, 2004), devido à possibilidade de se trabalhar com uma grande massa de dados naturais e de se verificar o grau de convencionalização/gramaticalização e produtividade da construção em foco (GOLDBERG, 1995). O *corpus* utilizado para pesquisa é o *Corpus* do Português (DAVIES E FERREIRA, 2006), composto por quarenta e cinco milhões de palavras, distribuídas em textos que perpassam os séculos XIV-XX. Partindo do trabalho de Sampaio (2007) em que parte da Construção SEC foi analisada dentro dos limites do campo metafórico da “morte” (*morrer de rir*, *morrer de medo*), nossas análises ampliam tal estudo, investigando a produtividade dessa rede (frequência de *types*) e a natureza do desencontro ou discrepância semântico e sintático (o fenômeno do *mismatch*) que institui, sincronicamente, seu padrão. Tal padrão – [X_v de Y_{NV}] – tem em X um verbo (*chorar de*, *rolar de*, *morrer de*, *se acabar de*, *se arrebrantar de...*) que representa o impacto físico ou fisiológico desencadeado pelo excesso de Y, um SN (*de medo*, *de tristeza*) ou um SV (*de rir*, *de estudar*). Nossas análises apontam ainda para: (1) a convencionalização da Construção SEC, que instancia, nos *corpora* investigados, 19 diferentes *types*; (2) a articulação do esquema imagético da Imposição de Forças (JOHNSON, 1987) – que, por sua vez, impõe uma Dinâmica de Forças (TALMY, 2000) –, a noção de Causalidade (LAKOFF E JOHNSON, 2002[1980]; TOMASELLO, 2003[1999]) e as metáforas primárias “Causa É Força Física” e “Intensidade É Escala” (LAKOFF E JOHNSON, 1999) como bases conceptuais do padrão construcional discutido; (3) a reanálise semântica do elemento X (verbos que suscitam os *frames* de impacto físico ou fisiológico) como um Operador Escalar, alinhando-se com outras construções canônicas existentes no Português, no *frame* de Escala Superlativa; (4) o uso pragmático da construção como estratégia argumentativa pertinente a contextos discursivos em que o falante/escritor possui maior liberdade de expressão subjetiva; e (5) a centralidade de processos figurativos na instituição de padrões gramaticais.

Palavras-chave: Linguística Cognitiva. Gramática das Construções. Intensidade. Construções Superlativas.

ABSTRACT

This paper focuses at the Superlative Construction of Body Expression (SEC Construction) (“solteirona e toda virgem, ignorava machezas, quase **morreu de vergonha** numa tarde de conversas”; “Padre Dito quase **estourou de rir**”; “O Lúcio **rolou de rir** com a explicação, e como consequência acabou virando a vítima e a cobaia do seminário”), a major link in the network of constructions of Portuguese named by Miranda (2008a) as Superlative Constructions. Having as theoretical basis the Cognitive Linguistics (FAUCONNIER, 1997; FAUCONNIER AND TURNER, 2002; FILLMORE, 1977, 1982; FILLMORE AND ATKINS, 1992; JOHNSON, 1987; LAKOFF, 1987, 1993; LAKOFF AND JOHNSON, 1980, 1999; MIRANDA, 2002, 2008a, 2008b; SALOMÃO, 2002, 2008; among others) and, more specifically, its Usage-based Model of Construction Grammar (CROFT AND CRUSE, 2004; GOLDBERG, 1995; LAKOFF, 1987; PERINI, 2001, 2008; TOMASELLO, 2003[1999]), it aims at the description of formal standards and the semantic-pragmatic value emerging from the occurrences of this construction. Given the amount of use in the theoretical and analytical model adopted, the Corpus Linguistics (ALUÍSIO E ALMEIDA, 2006; SARDINHA, 2000, 2004) was the methodological approach chosen due to the possibility of working with a large mass of natural data and verification of the degree of conventionalization/grammaticalization and productivity of the construction focused (GOLDBERG, 1995). The corpus used for this research is the Corpus do Português (DAVIES AND FERREIRA, 2006), composed of forty-five million words, allocated in texts that pervade the XIV-XX centuries. Based on the work of Sampaio (2007), in which part of the SEC Construction was analyzed within the limits of the metaphorical field of “death” (*morrer de rir*, *morrer de medo*), our analysis extend such study, investigating the productivity of this network (frequency of types) and the nature of the semantic and syntactic disagreement or discrepancy (the phenomenon of mismatch) that establishes, synchronously, its pattern. This pattern – [X_v de Y_{NV}] – has a verb as the X (*chorar de*, *rolar de*, *morrer de*, *se acabar de*, *se arrebeitar de...*) that stands for the physical or physiological impact triggered by the excess of Y, a NP (*de medo*, *de tristeza*) or a VP (*de rir*, *de estudar*). Yet, our analysis points to: (1) a conventionalization of the SEC Construction, which instantiates 19 different types in the corpora investigated, (2) the articulation of the image schema of the Compulsion (JOHNSON, 1987) – which, in turn, requires the Force Dynamics (TALMY, 2000) –, the notion of Causality (LAKOFF AND JOHNSON, 2002[1980]; TOMASELLO, 2003[1999]) and the primary metaphors Causes Are Physical Forces and Intensity Is Scale (LAKOFF E JOHNSON, 1999) as conceptual basis of the constructional standard discussed; (3) the semantic reanalysis of X (verbs that raise the frames of physical or physiological impact) as a Scalar Operator, aligning itself with other canonical structures present in Portuguese, in the frame of Superlative Scale; (4) the pragmatic use of the construction as an argumentative strategy relevant to discursive contexts in which the speaker/writer has more freedom of subjective expression; and (5) the centrality of figurative processes in the institution of grammatical patterns.

Keywords: Cognitive Linguistics. Construction Grammar. Intensity. Superlative Constructions.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – O estado fixo básico do padrão força-dinâmica	28
FIGURA 2 – <i>Frame</i> Posição em uma Escala	33
FIGURA 3 – A Projeção Metafórica	40
FIGURA 4 – A Projeção Metonímica	40
FIGURA 5 – A organização do conhecimento gramatical segundo o Modelo Gerativo	42
FIGURA 6 – A estrutura simbólica da construção	45
FIGURA 7 – A Construção Ditransitiva	47
FIGURA 8 – A Construção Ditransitiva + <i>dar</i>	47
FIGURA 9 – A Construção de Movimento Causado + <i>espirrar</i>	48
FIGURA 10 – Construção Superlativa Genérica (canônica)	87
FIGURA 11 – A articulação da Causalidade na Construção SEC	103
FIGURA 12 – A representação da Dinâmica das Forças na Construção SEC	106
FIGURA 13 – Mapeamento da metáfora complexa “Viver É Guerrear”	107
FIGURA 14 – A formalização da Construção SEC Nominal	111
FIGURA 15 – A formalização da Construção SEC Verbal	111
FIGURA 16 – Alinhamento da Construção SEC com outras Construções Superlativas da Língua Portuguesa	114
FIGURA 17 – Rede de herança (parcial) da Construção SEC	119

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Relação de Esquemas imagéticos	25
TABELA 2 – <i>Types</i> levantados a partir do <i>Corpus</i> do Português	79
TABELA 3 – <i>Types</i> levantados a partir dos <i>corpora</i> do projeto VISL	79
TABELA 4 – <i>Types</i> levantados a partir do portal Abril.com	80
TABELA 5 – <i>Types</i> da Construção SEC levantados nos três bancos de dados	80
TABELA 6 – Distribuição dos dados no <i>Corpus</i> do Português	82
TABELA 7 – Constituição do <i>corpus</i> específico	84
TABELA 8 – Frequência de ocorrência da Construção SEC no <i>Corpus</i> do Português	90
TABELA 9 – A valência dos <i>types</i> de X evocadas na Construção SEC	93
TABELA 10 – <i>Frames</i> evocados por X	95
TABELA 11 – Distribuição do elemento Y nos <i>types</i> investigados da Construção SEC	98
TABELA 12 – Os gêneros da Construção SEC	115

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 A VISÃO SOCIOCOGNITIVA E CONSTRUCIONISTA DA LINGUAGEM.....	16
2.1 “A linguagem não porta o sentido, mas o guia”.....	17
2.2 Processos de conceptualização e categorização.....	21
2.2.1 <i>Categorias pré-conceptuais.....</i>	24
2.2.2 <i>Domínios conceptuais complexos: os frames.....</i>	29
2.2.3 <i>Processos de Integração Conceptual: vias para a expansão semântica.....</i>	33
2.2.3.1 <i>A Teoria da Metáfora Conceptual (TCM).....</i>	34
2.2.3.2 <i>A Metonímia como estratégia conceptual.....</i>	39
2.3 A Gramática das Construções: uma soma maior do que a soma das partes.....	41
2.3.1 <i>A retomada do conceito de construção.....</i>	41
2.3.2 <i>A Gramática das Construções de Lakoff e Goldberg.....</i>	45
2.3.3 <i>A Gramática das Construções como Modelo Baseado no Uso.....</i>	50
2.4 Gramaticalização de Construções.....	51
2.4.1 <i>Gramaticalização: uma definição e um princípio.....</i>	52
2.4.2 <i>Gramaticalização e Gramática das Construções: algumas convergências.....</i>	56
2.5 O fenômeno do <i>mismatch</i>.....	59
3 A INTENSIFICAÇÃO COMO FENOMÊNO LINGUÍSTICO.....	62
3.1 A intensificação na Tradição Gramatical (TG).....	63
3.2 O ponto de vista da Semântica Argumentativa.....	65
3.3 A abordagem Funcionalista.....	67
3.4 A intensificação de uma ótica Sociocognitiva e Construcionista.....	69
4 METODOLOGIA.....	72
4.1 Linguística de <i>Corpus</i>, do que se trata?.....	73
4.2 Uma definição para <i>corpus</i>.....	74
4.3 A parceria entre Linguística Cognitiva e Linguística de <i>Corpus</i>.....	76
4.4 A montagem do <i>corpus</i> e os caminhos trilhados pela pesquisa.....	78
5 A CONSTRUÇÃO SUPERLATIVA DE EXPRESSÃO CORPORAL.....	86
5.1 A Construção SEC como um elo da rede construcional do português.....	87
5.1.1 <i>O X da construção.....</i>	89
5.1.1.1 <i>A valência de X.....</i>	92
5.1.1.2 <i>Os frames evocados por X.....</i>	94
5.1.2 <i>O Y do X.....</i>	96
5.1.3 <i>Os “foras da lei”.....</i>	100
5.1.4 <i>A instituição do padrão [X_v de Y_(NV)].....</i>	101
5.1.4.1 <i>A motivação conceptual da Construção SEC.....</i>	102
5.1.4.1.1 <i>A articulação do conceito de Causalidade na Construção SEC.....</i>	103
5.1.4.1.2 <i>O esquema imagético da Imposição.....</i>	104
5.1.4.1.3 <i>A metáfora primária “Causa É Força Física”.....</i>	106
5.1.4.2 <i>A nova valência da cena.....</i>	108
5.1.4.3 <i>A reanálise semântica promovida pela cena – o frame de Escala.....</i>	109
5.1.4.4 <i>A formalização da Construção Superlativa de Expressão Corporal.....</i>	110

5.1.4.5 A dimensão pragmática da construção.....	112
5.2 As relações de herança.....	118
5.3 “Morrer de N” e “Cansar(-se) de V”: matrizes de uma herança por tipo.....	120
5.4 A Construção SEC como uma construção em processo de gramaticalização.....	122
5.5 A Construção SEC Verbal: de fato, uma Construção com Verbo Auxiliar?.....	125
5.6 Discussão dos resultados.....	131
6 CONCLUSÃO.....	133
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	137
ANEXOS 1 e 2: CD-ROM que acompanha a dissertação	

1 INTRODUÇÃO

*“O que um Copérnico ou um Darwin descobriram
não foi uma teoria verdadeira, mas antes um
ponto de vista novo e fértil”*

Ludwig Wittgenstein

Esticado. Eis o conceito que se encontra na origem do vocábulo **intenso**, que veio do Latim *intensus*. “Prima” legítima de “tensão”, “tesão”, “entender”, dentre várias outras, intensidade, assim como seus parentes, aponta sempre para a ideia de “esforçar-se para esticar algo” (VIARO, 2010:60-62).

Na linguagem cotidiana, buscamos sempre esticar. Ao propormos uma ideia, ou mesmo um conjunto delas, para alguém, querendo que nela creiam, ou que a partir de sua assimilação adotem determinada conduta ou simplesmente porque buscamos nos expressar, esforçamo-nos para “esticá-la” ou mesmo “encurtá-la”. Se buscamos exaltar, enaltecer algo que se passou conosco, logo damos um jeito de esticar tal ideia até o limite (muitas vezes tentamos até extrapolar esse limite). Se, contudo, o que mais nos convém é diminuir uma ideia, empenhamo-nos com a mesma potência na tarefa contrária: apertamo-la, amassamo-la, para, quem sabe, torná-la o mais imperceptível possível.

Muitas estruturas da língua estão a serviço dessas tarefas de esticar ou diminuir uma proposição. Todavia, dizemos, mais comumente, que elas modificam o grau de elocuições. Algumas dessas estratégias são bastante conhecidas e frequentam gramáticas normativas há um tempo considerável. São exemplos: Construções Comparativas (“Ele nada **tanto quanto** o Phelps”/ “Eu nado **melhor/pior do que** ele”), Construções com Advérbios de Intensidade (“Isso é caro **demais**”), expressões pleonásticas (“Joana é **linda, linda, linda!**”).

Outras estratégias mais periféricas ao sistema regular, contudo, mantêm-se em um limbo, aguardando serem desveladas, para provarem que cumprem tarefas semântico-pragmáticas de intensificação distintas daquelas desempenhadas por construções que receberam mais atenção dos gramáticos. Se, entretanto, lhes falta prestígio nas Gramáticas Normativas e mesmo na Tradição Linguística Formalista, o

mesmo não acontece na linguagem cotidiana, servindo com fartura aos mais variados propósitos que envolvem gradualidade.

O macroprojeto “Construções Superlativas do Português do Brasil: um estudo sobre a semântica de escala” (MIRANDA, 2008a – CNPq), ao qual esta pesquisa se vincula, tem trabalhado arduamente na tarefa de desvelar uma grande rede de Construções Modificadoras de Grau, as Construções Superlativas. De uma perspectiva que visa entender padrões gramaticais não apenas em termos de sua forma, mas também em termos de função, uso e motivação conceptual, cinco dessas construções, relegadas à periferia pela Tradição Gramatical e pela Tradição Linguística, já foram trazidas à tona: a Construção Superlativa Causal, (“Acho o cúmulo da folga e **morro de raiva**.” (SAMPAIO, 2007); a Construção Concessiva de Polaridade Negativa, “Não vou **nem que** a vaca tussa” (CARVALHO-MIRANDA, 2008); a Construção Superlativa Lexical do Domínio ‘Animal’, “O cara é um **monstro** na informática” (ALBERGARIA, 2008); a Construção Negativa Superlativa de IPN (Itens Sensíveis à Polaridade Negativa), “**Não escrevo uma linha** pra você” (MIRANDA, 2008b); e a Construção Superlativa Causal Nominal, “A festa foi **de arrasar**” (CARRARA, 2010).

Seguindo essa trilha, o presente trabalho vai em busca de clarear mais um dos nódulos dessa macrorrede de signos superlativos da Língua Portuguesa. O objeto recortado é uma construção que já foi parcialmente desvelada em Sampaio (2007), dentro dos limites do campo metafórico da “morte” (*morrer de rir*, *morrer de medo*), a Construção Superlativa Causal, por hora nomeada **Construção Superlativa de Expressão Corporal (Construção SEC)**, devido à natureza semântica do elemento que lhe é definidor (verbos que integram *frames* de impacto/dano físico ou fisiológico):

- (01) 19Or:Br:Intrv:Web - É difícil ficar do lado do Deo sem **se borrar de rir**, esse é o problema desse sujeito.
- (02) 19:Fic:Br:Novaes:Mao Sem se controlar, começou a rir **chorando de hilaridade**. Apertou com força os benguelês da chamada [...]
- (03) 19:Fic:Br:Lopes:Falência que menos estima os superiores quanto mais estes a afagam. Por isso ela **morria de amores** por Mário, um rapazinho atrevido, de gênio autoritário e palavras duras [...]

Em vista disso, nossa tarefa investigativa incide, portanto, sobre a descrição do padrão formal e semântico-pragmático que define o uso metafórico dessa construção e pretende, juntamente com o todo formado pelas demais construções já desveladas no interior do projeto, contribuir com um ponto de vista novo – sociocognitivo e construcionista – para a descrição de categorias gramaticais de nossa língua.

Para tanto, elegemos como arcabouço teórico central a Linguística Cognitiva (FAUCONNIER, 1997; FAUCONNIER E TURNER, 2002; FILLMORE, 1977, 1982; FILLMORE E ATKINS, 1992; GIBBS, 1993; JOHNSON, 1987; LAKOFF, 1987, 1993; LAKOFF E JOHNSON, 1980, 1999; MIRANDA, 2002, 2007, 2008; SALOMÃO, 2002, 2008; dentre outros) e, mais especificamente, o seu Modelo Baseado no Uso da Gramática das Construções (CROFT E CRUSE, 2004; GOLDBERG, 1995; LAKOFF, 1987; PERINI, 2001, 2008; TOMASELLO, 2003[1999], dentre outros), sobre a qual discutiremos, apresentando os principais constructos teóricos que tangem esta pesquisa, no capítulo 2.

No capítulo 3, ponderaremos sobre abordagens prévias do fenômeno da intensificação. Nesse ponto do trabalho, discorreremos brevemente sobre o tratamento que o tema já recebeu em três vertentes distintas – na Tradição Gramatical (Gramática Normativa) e na Tradição Linguística (Análise do Discurso e Funcionalismo) –, além de situar com mais detalhes a abordagem do fenômeno no paradigma sociocognitivo e construcionista.

No capítulo 4, trataremos da Linguística de *Corpus* – metodologia adotada na investigação do objeto – e de seu diálogo com a Linguística Cognitiva. Será ainda tópico desse capítulo a descrição dos *corpora* que subsidiaram a pesquisa e os caminhos que percorremos na coleta dos dados.

O capítulo 5 trará nossas análises, que envolvem a descrição do polos da forma e semântico-pragmático e das motivações conceptuais que instituem o padrão abstrato que estamos nomeando Construção Superlativa de Expressão Corporal. Essas análises visam, de maneira geral, corroborar nossa hipótese de ser a Construção SEC um nódulo específico da grande rede de Construções do Português, com forma, sentido e uso próprios.

Na conclusão, enfim, sintetizaremos nossos achados e os principais ganhos teóricos e analíticos resultantes da assunção de uma perspectiva sociocognitiva e construcionista em uma pesquisa de natureza descritivista, como esta.

2 A VISÃO SOCIOCOGNITIVA E CONSTRUCIONISTA DA LINGUAGEM

“Toda notação particular realça algum ponto de vista particular”

Ludwig Wittgenstein

O aporte teórico principal que embasa nosso trabalho, como enunciamos à introdução, está reunido sob o rótulo de Linguística Cognitiva (doravante LC). Este capítulo será, então, dedicado à enunciação dos construtos relativos a tal perspectiva da linguagem que servirão à nossa tarefa analítica.

Iniciaremos tratando dos fundamentos da LC, nos termos firmados por Croft e Cruse (2004), Fauconnier (1994), Lakoff (1987), Salomão (2006), Miranda (2002), e das teses antropológicas de Tomasello (2003[1999]) sobre o caráter cultural da cognição humana que servem de endosso à abordagem sociocognitivista da linguagem subscrita neste estudo (seção 2.1). Nesse mesmo viés teórico, abordamos os processos de conceptualização e categorização (FAUCONNIER, 1997; FAUCONNIER E TURNER, 2002; FILLMORE, 1982; FILLMORE E ATKINS, 1992; JOHNSON, 1987; LAKOFF, 1987; LAKOFF E JOHNSON, 1980, 1999) (seção 2.2). A seguir, passamos a nos ater à abordagem cognitivista e construcionista da sintaxe, nomeada Gramática das Construções (GrC), em sua variante dos Modelos de Uso, baseada especialmente em Lakoff (1987) e Goldberg (1995) (seção 2.3). Discorreremos, em seguida, sobre um paradigma de mudança linguística que tem estabelecido diálogos produtivos com a visão cognitivista e construcionista da linguagem, a Teoria da Gramaticalização (BYBEE, 2003; HOPPER E TRAUGOTT, 1993; GONÇALVES *et al.*, 2007; TRAUGOTT, 1995, 2003), vista na perspectiva de Gramaticalização de Construções (MIRANDA, 2008b; TRAUGOTT, 2009) (seção 2.4). Por fim, trataremos do fenômeno do *mismatch* (TRAUGOTT, 2007) (seção 2.5).

2.1 “A linguagem não porta o sentido, mas o guia”

Foi a partir de um movimento de ruptura com o paradigma Gerativista que a LC emergiu como um novo paradigma dentro das Ciências da Linguagem. O *locus* da fermentação da dissidência foi a chamada Semântica Gerativa. Segundo Salomão (2006), dois foram os motivos principais para o cisma dentro de tal modelo:

de um lado, a relutância de Chomsky em abordar a questão do sentido com a mesma energia e audácia que devotara à questão da sintaxe e, de outro lado, a intratabilidade, no interior do paradigma gerativo, de uma característica indescartável das línguas humanas como produções históricas – sua idiomaticidade.

A partir de tal emancipação, a LC delineou seus próprios rumos e elegeu como problema central de sua agenda investigativa a questão da construção do significado, relegado à periferia dos estudos pelas principais vertentes teóricas linguísticas do século XX.

Croft e Cruse (2004:01-04) definem a abordagem cognitivista da linguagem a partir do seguinte tripé:

- (i) A linguagem não é uma faculdade cognitiva autônoma.
- (ii) Gramática é conceptualização.
- (iii) O conhecimento sobre a linguagem emerge do uso da linguagem.

Tais princípios chocam-se principalmente com os alicerces da Gramática Gerativa, de Chomsky, e da Semântica de Condição de Verdade, de Frege.

O primeiro princípio opõe-se à hipótese chomskyana de que a linguagem é uma faculdade cognitiva autônoma, separada dos demais modos da cognição. Dessa forma, afirmar o contrário (de que “A linguagem **não** é uma faculdade cognitiva autônoma”) é, em primeiro lugar, dizer que os modos da cognição se integram. É assumir também que o conhecimento linguístico é estrutura conceptual e, como tal, é representado do mesmo modo que os demais tipos de estruturas conceptuais. Assim, os processos cognitivos que o regulam são os mesmos que governam outras habilidades cognitivas. Isso não quer dizer que a linguagem não seja uma habilidade cognitiva especial. Cognitivamente falando, a linguagem possui propriedades únicas: é percepção em tempo real e produção de uma sequência de

unidades simbólicas estruturadas. Entretanto, o componente cognitivo requerido para tal não é exclusivo.

Segundo os autores (CROFT E CRUSE, 2004:01-04), essa primeira hipótese traz duas sérias implicações à pesquisa em LC: (1) a de elucidar estruturas conceituais e habilidades cognitivas que podem ser percebidas através da linguagem, demonstrando que a linguagem pode ser perfeitamente modelada usando apenas um aparato conceptual e cognitivo geral; e (2) a de possibilitar o alinhamento com a psicologia cognitiva, que inspirou modelos linguísticos de organização do conhecimento linguístico em *frames* (cf. seção 2.2.2) e do conhecimento gramatical em redes ligadas por relações taxionômicas (seção 2.3), além de ter fornecido subsídios importantes acerca da organização categorial, como os efeitos de prototipia e de gradiência cognitiva na conceptualização do mundo físico e cultural (seção 2.2).

A construção que aqui estamos investigando é justamente um caso que remete ao primeiro desses dois tópicos: por se valer de um campo conceitual ligado a experiências físicas e fisiológicas, a Construção SEC aponta para uma interface entre estratégias linguísticas de modalização e processamentos cognitivos genéricos de projeção de esquemas de experiências corpóreas. Isso, indiretamente (se não diretamente), pode ser visto como uma correlação entre processos cognitivos responsáveis pela linguagem e pela expressão corporal, que, de um viés modularista, seriam processamentos totalmente distintos e distantes.

O segundo princípio – “Gramática é conceptualização” – diz respeito ao fato de uma estrutura conceptual não poder se reduzir simplesmente a uma correspondência de verdade com o mundo. Do ponto de vista cognitivista, conceptualizamos algo de um dado enfoque da cena, dessa forma, algo pode ser verdadeiro de uma dada perspectiva e não de outra. Nesse espectro, o que construções gramaticais e lexicais fazem é construir a experiência humana de um dado olhar, é apresentar uma dada cena perfilada. Esse princípio tange uma posição central no paradigma cognitivista para a linguagem, a postulação de Fauconnier (1994:xxii), colocada como título desta seção, de que “a linguagem não porta o sentido, mas o guia”. Nas palavras de Miranda (2002:61), isso se traduz no **princípio da escassez da forma linguística**, que

corresponde a uma característica essencial do processo de significação da linguagem, qual seja: a subdeterminação do significado pelo significante. Tal suposto implica tomar a forma lingüística, o significante, como instrução, como pista suscitadora das tarefas semântico-cognitivo-sociais da linguagem.

Por fim, o terceiro princípio apresentado – de que “o conhecimento sobre a linguagem emerge do uso da linguagem” – faz referência à questão de que categorias e estruturas sintáticas, morfológicas e fonológicas são construídas por nosso aparelho cognitivo a partir da recorrência de elocuições específicas em ocasiões específicas de uso. Assim, rompendo-se com a tese inatista da “pobreza de estímulos”, considera-se que o que há de inato na mente humana não é a linguagem propriamente dita, mas a capacidade de adquirir uma linguagem a partir da habilidade da espécie de lidar com símbolos de maneira geral (TOMASELLO, 2003[1999]). Tal perspectiva impõe, portanto, uma visão construcional do léxico e da gramática de uma língua na medida em que atribui ao uso e, portanto, à cultura, papéis institutivos na rede de construções linguísticas.

Os princípios acima enunciados encontram forte endosso em vários campos das Ciências Cognitivas. A título de exemplo, no campo da Antropologia Evolucionista, vale considerar as teses do antropólogo Michael Tomasello (2003[1999]) que trazem evidências fundamentais ao sociocognitivismo linguístico. Assumindo uma abordagem construcionista da cognição e da linguagem, o autor vem dar relevo a um traço fundamental da cognição humana: seu caráter cultural.

Em linhas sucintas, a principal questão de Tomasello consiste na busca de uma resposta evolucionista coerente para o nomeado “Enigma do Tempo”, isto é, para o acelerado e singular desenvolvimento da cognição humana. Sua resposta a tal questão se alinha com a Hipótese da Herança Dual, o que significa dizer que o aparato cognitivo do homem moderno resulta, a um só tempo, de sua evolução biológica e cultural. Assim, o homem só foi capaz de desenvolver habilidades tais que lhe facultaram a capacidade simbólica e, portanto, a linguagem, porque acumulou e ainda acumula uma herança genética e cultural.

Alinhando pesquisas psicolinguísticas, o autor propõe, em âmbito ontogenético, que é a partir da “revolução dos nove meses” – momento em que passamos, através do envolvimento em *frames* de atenção conjunta, a reconhecer nossos semelhantes como agentes intencionais (seres movidos por intenções, metas) e agentes mentais (seres com pensamentos e crenças) – que nos tornamos

capazes de desenvolver uma cognição especificamente humana. Tal explicação se estende à filogênese e, assim, Tomasello (2003[1999]:292) propõe que a

explicação de por que uma única adaptação cognitiva humana pôde resultar em todas as inúmeras diferenças entre a cognição primata humana e não-humana é que essa única adaptação tornou possível um novo conjunto evolucionário de processos, ou seja, processos de sociogênese, responsáveis por boa parte dos mecanismos efetivos e numa escala de tempo bem mais rápida que a evolução.

Assim, em termos da ontogênese e da filogênese, o autor estabelece importantes marcos teóricos acerca da aquisição de nossa capacidade simbólica e de nosso processo de evolução cultural cumulativa. Para ele, o que o homem fez e faz, ao longo da história, é criar e acumular para passar adiante o que aprendeu, de modo que as gerações futuras não tivessem (e tenham) que partir sempre de um “marco zero”. Assim, o que fazemos em nossa ontogênese é recuperar o caminho já trilhado pela espécie como um todo, apreendendo o que nos foi legado por ela.

Alguns desses processos de transmissão cultural, que se diferenciam das formas de aprendizagem dos demais primatas, são os processos de aprendizado por imitação e por ensino (instrução ativa), que, por sua vez, possibilitaram novos processos de desenvolvimento sociogenético – desenvolvimento social –, como a inventividade colaborativa e a criação conjunta. Tais noções encerram o que o autor denomina como o “efeito catraca” da evolução cultural humana, ou seja, os homens “armaram”, através de aparatos simbólicos, suas descobertas, seus aprendizados, sua cultura, enfim, de modo que essa não regrida, não ande para trás, somente para frente. Assim, o que vai sendo aprendido por gerações posteriores vai se anexando ao inventário já desvelado por gerações anteriores.

Dessa forma, a linguagem, diferentemente de como a querem os inatistas, não veio do nada, “não caiu na terra vindo do espaço sideral como algum asteróide perdido”, ela “é uma instituição social simbolicamente incorporada que surgiu historicamente de atividades sociocomunicativas” não-linguísticas e de atenção conjunta das quais participam crianças em idade pré-linguística e adultos (TOMASELLO, 2003[1999]:131-132).

Para o antropólogo, as representações simbólicas (em especial a linguagem verbal) apreendidas nas interações sociais são especiais, pois são:

(a) intersubjetivas, no sentido de que um símbolo criado é, mediante processo de reiteração, socialmente “compartilhado” com outras pessoas; e (b) perspectivas, no sentido de que cada símbolo apreende uma maneira particular de ver algum fenômeno (a categorização sendo um caso especial desse processo). [Assim,] o ponto teórico central é que os símbolos linguísticos incorporam uma miríade de maneiras de interpretar intersubjetivamente o mundo que se acumularam numa cultura ao longo do tempo histórico, e o processo de aquisição do uso convencional desses artefatos simbólicos, e portanto sua internalização, transforma fundamentalmente a natureza das representações cognitivas da criança. (TOMASELLO, 2003[1999]:133)

As proposições de Tomasello (2003[1999]) avançam, pois, de modo explícito, para a afirmação do viés construcionista da linguagem – os símbolos linguísticos são construídos no uso, e, reiterados, acabam por convencionalizar-se no que chamamos gramática e léxico de uma língua. Tal perspectiva, como veremos à seção 2.3, serve de alicerce aos Modelos de Uso da Gramática das Construções.

A partir do enquadre anunciado, a LC apresenta seu modo sociocognitivo e construcionista de lidar com os processos de significação tanto no léxico como na gramática. É disso que falaremos nas próximas seções, a começar pelos processos de conceptualização e categorização que servem à semântica das línguas.

2.2 Processos de conceptualização e categorização

Em trabalho de 1999, Lakoff e Johnson, reunindo vários estudos (inclusive de suas autorias) realizados sob a égide da Linguística Cognitiva desde a sua criação em meados da década de setenta do século passado, defendem uma visão experiencialista da cognição e da linguagem e apontam para a seguinte tríade de evidências que, segundo os autores, desafiam a tradição filosófica ocidental: (i) a mente é inerentemente corporificada, (ii) o pensamento é majoritariamente inconsciente e (iii) conceitos abstratos são largamente metafóricos (LAKOFF E JOHNSON, 1999:03).

A visão corporificada da mente que se constitui como a tese central do experiencialismo lakoffiniano implica, em princípio, no reconhecimento de uma dupla função do corpo, qual seja, o corpo como contexto, meio, e o corpo como cerne

experencial do pensamento. Em outros termos, significa dizer que o corpo dá forma a conceitos e categorias ou que o pensamento e a razão não transcendem o corpo e a experiência social e cultural; nascem dessas dimensões.

A afirmação de que “o pensamento é majoritariamente inconsciente”, por outro lado, permite-nos assumir que realizamos, fora do alcance da consciência, diversas tarefas que demandam conhecimentos específicos. Ao conduzirmos um veículo, por exemplo, necessitamos saber realizar uma série de operações, que não são marcadamente conscientes no ato de dirigir: a atitude de quem dirige é quase automática, não pensamos em cada etapa que devemos realizar para, e.g., colocar o carro em movimento (que seria preciso pressionar o pedal da embreagem, engatar a primeira marcha, soltar aos poucos a embreagem e pressionar aos poucos o acelerador). Isso, por sua vez, aponta que, independentemente, de não associarmos atividades corporais a conceitos, inconscientemente operações que envolvem tal processo associativo pode ocorrer.

O terceiro ponto apresentado diz respeito às atividades corporais apresentarem-se para nós, animais, como atividades essenciais à nossa sobrevivência (caçar, abrigarmo-nos, protegemo-nos etc.). São, por assim dizer, experiências demasiadamente concretas em nossas existências e, por isso, auxiliam-nos, por meio de processos complexos, nas tarefas de compreender conceitos mais distantes de nossa experiência.

O desafio que tais postulações impõem à filosofia ocidental mora justamente na eliminação da visão de que a linguagem é uma representação direta do mundo, o que destrói dicotomias históricas, tais como corpo/alma, biologia/cultura, razão/emoção, objetividade/subjetividade, a partir das quais conceitos centrais à nossa cultura foram erguidos.

O tripé indicado por Croft e Cruse (2004:01-04, cf. seção 2.1), em consonância com as postulações desses autores, ressalta, de igual modo, a centralidade da experiência humana – física, corporal, ou social – na constituição do pensamento e da linguagem.

Tal forma de conceber a cognição e a linguagem implica uma ruptura com o modo clássico como conceitos e categorias têm sido pensados. De acordo com Miranda (2010), dentro dessa tradição secular, as categorias:

(i) existem objetivamente “no mundo”; (ii) definem-se por propriedades essenciais compartilhadas por todos os seus membros (simetria entre os membros); (iii) possuem sempre fronteiras claras a partir de condições necessárias e suficientes para pertencer à categoria, o que implica admitirem apenas dois tipos de membros: o que pertence e o que não pertence.

Ao contrário, a perspectiva sociocognitivista anunciada, acerca dos nossos processos de categorização e do aparato cognitivo e cultural evocado, em síntese, implica, de acordo com Miranda (2010), o seguinte conjunto de assertivas definidoras do que entendemos por **categoria**:

1. Resultam da interação entre o sujeito e o mundo, derivando, portanto, de nossa conceptualização da experiência;
2. Dependem do mundo físico externo, da biologia humana, da mente (capacidade imaginativa, projetiva) e da cultura;
3. Estabelecem relações de semelhança familiar (os membros de uma categoria podem estar relacionados sem que todos os membros possuam um conjunto de propriedades em comum);
4. Organizam-se de modo a demonstrar efeitos de prototipia (alguns membros podem ser melhores exemplos – exemplos prototípicos – de uma categoria do que outros);
5. Possuem, por vezes, fronteiras pouco definidas, sobretudo se envolvem escalas ou gradações (par/ímpar VS vermelho/alto/grande/gordo).

Cabe considerar, ainda, que as distintas categorias e operações que servem aos processos de significação linguísticos não se encontram desorganizadas na mente. Elas estão emparelhadas em vista de suas naturezas e funções (estruturação de conceitos, organização de um conjunto de conceitos, emergência de conceitos novos em termos de conceitos velhos etc.) e podem ser agrupadas, basicamente, da seguinte maneira: categorias pré-conceptuais (categorias de nível básico e esquemas imagéticos), domínios complexos (*frames*) e projeções entre domínios (mesclagem, metáfora e metonímia). Nas subseções a seguir, deteremo-nos a cada uma dessas formas de conceptualização e categorização da experiência humana que, de alguma maneira, são refletidas na linguagem.

2.2.1 *Categorias pré-conceptuais*

Lakoff e Johnson (1999) sugerem, como vimos, a existência de um *continuum* que engloba percepção e concepção, não havendo, portanto, separação entre essas operações. Assim, o mesmo sistema neurológico engajado na percepção ou no programa motor tem papel central na concepção (i.e., na formação e uso dos conceitos) e nos modos da razão. Com isso, muito da estrutura da razão deriva da corporificação.

No interior desse *continuum*, as estruturas que são anteriores aos conceitos são responsáveis, dentre outras coisas, por organizá-los e servir como base mais concreta na conceptualização de conceitos mais abstratos. Essas estruturas são as categorias de nível básico e os esquemas imagéticos.

O conceito de categorização que assumimos, como vimos à seção anterior, não é necessariamente produto de um processo de organização consciente de nossa mente, ao contrário, trata-se de algo quase instintivo, oriundo de nossa condição primária de animais, que precisa separar as coisas que existem no mundo como alimento, instrumento, moradia etc.

Para Miranda (2010), as categorias de nível básico (CNB) são, então, segmentações naturais do mundo a partir das nossas características corpóreas e sensoriomotoras. Reportando-se a Lakoff (1987), ela afirma que

Nossa experiência é pré-conceitualmente estruturada nesse nível. Trata-se de segmentações naturalmente impostas por nossa percepção, via *gestalt*, por nossas capacidades de movimento motor na interação com objetos e por nossa habilidade de formar imagens mentais dos objetos. Nesse nível básico da experiência física é que distinguimos acuradamente tigres de elefantes, cadeiras de mesas, couve de alface. Em um nível abaixo ou acima, as coisas ficam mais complexas: teremos subordenação ou superordenação (tipo de girafa, tipos de couves, tipos de carros). Os exemplos da CNB dados por Lakoff (1987) incluem OBJETOS NATURAIS: elefante/vaca, jacaré/cobra, água, ouro; OBJETOS ARTEFATOS: carros, cadeira, livros, casas, lâmpada; AÇÃO: andar, correr, comer, beber; e PROPRIEDADES: alto, baixo, pesado, leve, quente, frio, cores focais.

Os esquemas imagéticos, por suas vezes, são estruturas pré-conceptuais formadas a partir da sistematicidade de nossas experiências perceptuais e sensório-

motoras, como o deslocamento no espaço, a manipulação de objetos, dentre outras. Em outras palavras, um esquema imagético é uma estrutura gestáltica, i.e., “um todo organizado e unido dentro de nossa experiência e entendimento que manifesta um padrão ou estrutura recorrente” (JOHNSON, 1987:44) mais saliente, em termos perceptivos, do que suas partes e que atua como átomo significativo na construção de significados mais complexos.

Vários são os esquemas que estruturam conceitos na mente humana. Evans e Green (2006:190) apresentam uma relação parcial desses esquemas, que reproduzimos abaixo:

TABELA 1
Relação de Esquemas Imagéticos

ESPAÇO	CIMA-BAIXO, FRENTE-TRÁS, ESQUERDA-DIREITA, PERTO-LONGE, CENTRO-PERIFERIA, CONTATO, PLANO, VERTICALIDADE
CONTENÇÃO	CONTÊINER, DENTRO-FORA, SUPERFÍCIE, CHEIO-VAZIO, CONTEÚDO
LOCOMOÇÃO	MOMENTO, ORIGEM-MEIO-DESTINAÇÃO
BALANÇO	EQUILÍBRIO, EIXO DE BALANÇA, PRATOS DA BALANÇA, PONTO DA BALANÇA
FORÇA	IMPOSIÇÃO, BLOQUEIO, CONTRAFORÇA, DESVIO, REMOÇÃO DE BARREIRAS, CAPACITAÇÃO, ATRAÇÃO, RESISTÊNCIA
UNIDADE/MULTIPLICIDADE	FUNDIÇÃO, COLEÇÃO, DIVISÃO, REPETIÇÃO, PARTE-TODO, CONTÁVEL-INCONTÁVEL, LIGAÇÃO
IDENTIDADE	COMBINAÇÃO, SUPERIMPOSIÇÃO
EXISTÊNCIA	REMOÇÃO, ESPAÇO CERCADO, CICLO, OBJETO, PROCESSO

Fonte: Evans e Green (2006:190)

No presente trabalho, trataremos apenas dos esquemas que interessam à análise do objeto sob investigação: o esquema da Força e o esquema da Escala.

(i) Esquema da Força

Esse esquema emerge, segundo Johnson (1987:42), porque precisamos sobreviver como organismo. Para tanto, precisamos interagir com o meio no qual estamos inseridos e tal interação causal demanda aplicação de força. Assim, vivenciamos mais substancialmente essa experiência quando precisamos nos valer de energia para agir sobre algo/alguém ou somos objeto da energia de algo/alguém, casos em que sempre há uma interação, mesmo que potencial, entre forças.

Tal esquema, de acordo com Evans e Green (2006:187), ocorre em *clusters* (ou seja, em uma rede de esquemas relacionados) e apresenta as seguintes propriedades (propostas por JOHNSON, 1987:42-45):

- (a) Esquemas FORÇA são sempre experienciados na interação;
- (b) Esquemas FORÇA envolvem um vetor força, isto é, uma direcionalidade;
- (c) Esquemas FORÇA tipicamente envolvem um único caminho por onde ocorre o movimento;
- (d) Esquemas FORÇA têm fontes de força e alvos que são atingidos por elas;
- (e) Esquemas FORÇA envolvem graus de intensidade;
- (f) Esquemas FORÇA envolvem uma cadeia de causalidade, como consequência de ter uma fonte, um alvo, um vetor força e um caminho para o movimento (uma criança chuta uma bola para o gol).

Johnson (1987:45-48) identificou e caracterizou sete Esquemas Força e suas respectivas motivações, quais sejam: Imposição (ser movido por forças externas, como o vento, a água, objetos físicos e outras pessoas); Bloqueio (encontros com obstáculos que bloqueiam ou resistem a nossa força); Contraforça (colidir com outra pessoa ou objeto); Desvio (o encontro de uma entidade com outra que provoca um desvio no vetor de ambas); Remoção de Barreiras (abrir portas); Capacitação (diz respeito à energia potencial, ou falta dela para realizar uma tarefa – sentimo-nos habilitados para levantar uma sacola de compras, mas não um carro); e Atração (a energia que ímãs exercem entre si é um exemplo da origem desse Esquema Força).

Uma vez que a palavra de ordem ao se tratar de Esquemas Força é interação, pode-se dizer que tal esquema suscita uma relação entre forças nem sempre idênticas. Em vista disso, o modelo de Dinâmica das Forças tal como proposto por Talmy (2000¹ *apud* MULDER, 2007:294-317) vem a tratar da representação linguística da interação entre forças e relações causais que ocorrem entre entidades dentro de uma dada situação. Esse arquétipo envolve um Agonista, o foco da atenção e da força, e um Antagonista, entidade que se opõe ao Agonista em termos de força e suprime ou não sua tendência de força. Essas entidades apresentam uma tendência de força intrínseca: eles guardam a tendência de manterem-se em movimento ou em repouso, isto é, de ação ou de inatividade. O

¹ TALMY, L. **Toward a Cognitive Semantics** (vol. 1): Concept structuring systems. Cambridge: MIT Press, 2000.

confronto entre as entidades apresenta um resultado: o Agonista mantém-se ou passa à ação ou inatividade.

Dessa forma, segundo Miranda (2008b:50),

o Modelo em questão mapeia as transferências metafóricas que permitem a projeção de aspectos do campo físico de forças para o campo psicológico e interacional. O modelo de Talmy tem servido à explicação de distintos fenômenos lingüísticos, dentre eles os efeitos polissêmicos e a ambigüidade pragmática da modalidade, da condicionalidade, da concessividade apresentados por Sweetser (1990).

A concepção linguística sugerida pela representação da Dinâmica das Forças pode apresentar quatro configurações básicas²: (1) a tendência do Agonista de permanecer em repouso é sobreposta pela força do Antagonista, passando a estar em movimento (“A bola continuou rolando por causa do vento a impelindo”); (2) a tendência do Agonista de permanecer em repouso é mais forte do que a contrária do Antagonista (“A barraca continuou de pé, apesar do forte vento soprando contra ela”); (3) a tendência do Agonista de manter-se em movimento é superior à do Antagonista de mantê-lo, Agonista, estático (“A bola seguiu rolando, apesar da grama alta”); e (4) a tendência do Agonista de manter-se em movimento é bloqueada pela maior força do Antagonista (“A lenha continuou parada na inclinação por conta da contenção”). Os diagramas abaixo são utilizados para ilustrar essas relações entre forças³:

² Os exemplos são todos adaptados de Mulder (2007).

³ No diagrama, o círculo representa o Agonista; a figura côncava, o Antagonista; o sinal de mais (+) indica a entidade mais forte; o ponto preto, a tendência ao repouso; o sinal “>”, a tendência intrínseca para o movimento; o traço com a seta indica que o resultado da interação é o movimento imposto pelo Antagonista (quando a força do Agonista é a vencedora, usa-se um traço seccionado); e, por fim, o traço com o ponto preto representa que o resultado da interação é o repouso imposto pelo Antagonista.

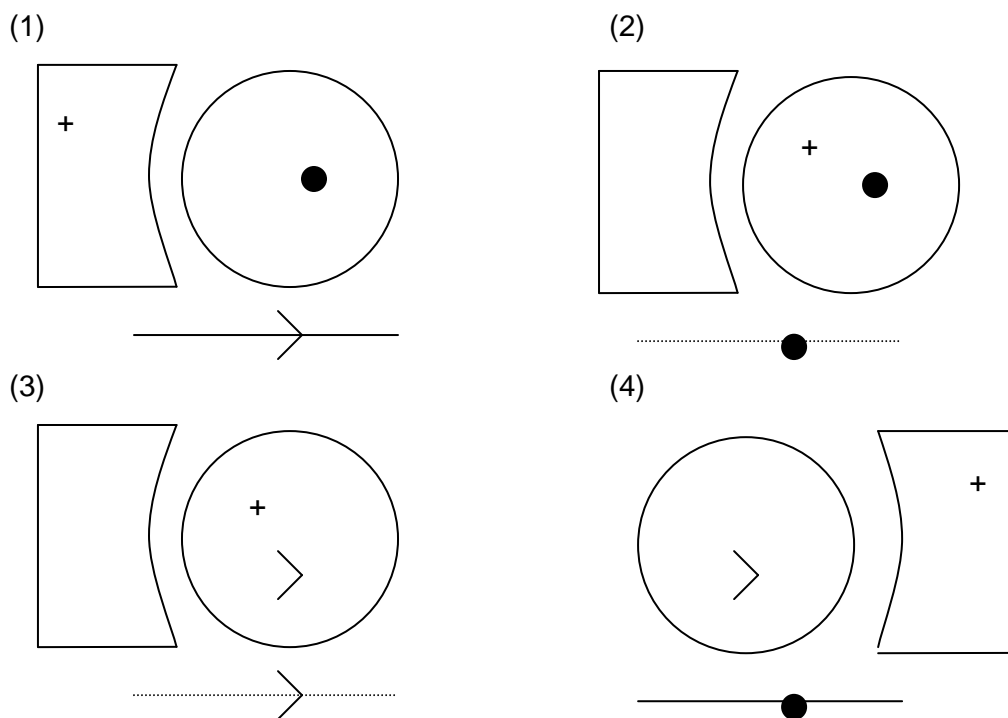


FIGURA 1 – O estado fixo básico do padrão força-dinâmica
 Fonte: Talmy (2000:415 *apud* MULDER, 2007:296)

(ii) Esquema da Escala

Este esquema conceptual está na origem de ideias que suscitam a noção aumento/diminuição. Cognitivamente falando, o esquema da Escala insurge de nossa vivência ligado ao aumento e a diminuição de quantidade/qualidade de algo e instancia, dentre outros conceitos, as metáforas primárias “Mais É Para Cima” e Menos É Para Baixo” (LAKOFF E JOHNSON, 2002[1980]).

Para Johnson (1987:123), esse

esquema que emerge na nossa experiência com entidades físicas, concretas é figurativamente ampliado para recobrir entidades abstratas de todos os tipos – números, propriedades, relações, estruturas geométricas, entidades em modelos econômicos. [Trad. nossa]

Dessa forma, o conceito de intensidade (a “força” de algo), tema indireto dessa dissertação, está ligado a tal esquema, uma vez que a intensidade de uma ideia sugerida por uma elocução será cognitivamente posicionada pelo falante/ouvinte em uma escala referencial (cuja origem é a experiência humana), conferindo-a uma posição de menor, média ou maior “força”.

Na Construção SEC, este esquema ainda se faz presente por os verbos que suscitam impactos/danos físicos ou fisiológicos estarem agrupados escalarmente em vista da potência dos impactos que semanticamente indicam (e.g.: fartar(-se) > chorar > mijar(-se) > cagar(-se) > rebentar(-se) > acabar(-se) > morrer), embora não possam ser quantificados. Essa escalaridade é mantida no uso dessa construção linguística como estratégia de conferir superlatividade a uma ideia, indicando que algo (uma ação ou um sentimento, por exemplo) é vivenciado de maneira muito intensa, sugerindo os níveis finais de uma escala referencial, que, por sua vez, aponta para um excesso dessa experiência.

2.2.2 Domínios conceptuais complexos: os frames

A noção de *frame* utilizada em LC emerge especialmente dos trabalhos liderados pelo linguista norte-americano Charles Fillmore e diz respeito a estruturas estáveis de conhecimento, como veremos a seguir. Contudo, esse termo remonta ao trabalho de pesquisadores de diferentes áreas das Ciências Humanas e das Ciências Cognitivas.

Albergaria (2008:27) apresenta, resumidamente, a origem, cunhagem do termo e as diferentes facetas que assumiu em vertentes atuais de pesquisa sobre a linguagem e o conhecimento humano:

A noção de *frame*/enquadre perpassa uma ampla variedade de estudos, que vai desde a Antropologia (Bateson 1955; Hymes 1974), [*passando*] na Sociologia (Goffman 1974) chegando à Linguística através dos trabalhos de Chafe (1977), Fillmore (1975) e Inteligência Artificial (Minsky 1975). Apesar da variedade de estudos, os usos deste termo encaixam-se, basicamente, em duas categorias: “enquadres de interpretação” que incluem os trabalhos em Antropologia e Sociologia; e “estruturas de conhecimento” incluindo as pesquisas em Linguística e Inteligência Artificial.

Conforme enunciamos acima, o conceito que estamos assumindo trata *frame* como um construto da descrição de estruturas de conhecimento, no caso a descrição semântica, a partir das cenas que uma determinada palavra ou construção suscita tendo em vista o contexto em que é utilizada. Assim, na visão de Fillmore

(1977:59), o “significado é relativizado a cenas”, isto é, o sentido de uma determinada unidade lexical é mais precisamente calculado pensando-se a cena cognitiva que evoca.

Dessa perspectiva, um *frame* é um sistema de conceitos relacionados de maneira que, para se entender algo, é necessário entender todo o sistema em que tal conceito está inserido (FILLMORE, 1982:111). Assim, palavras representam modelos globais sobre um dado conceito, ancorados em nossas experiências culturais e na interação do nosso organismo com o ambiente em que vivemos. Em outros termos, *frame* é um pacote conceptual coerente em relação à nossa experiência física e cultural. Ao enunciarmos, por exemplo, o item lexical “risco”, tal termo evoca uma rede de conceitos, tais como possibilidade, dano, dentre outros (FILLMORE E ATKINS, 1992).

Um *frame* pode ser visto ainda como uma estrutura de expectativa, suscitando aquilo que já conhecemos de antemão sobre um dado item lexical. Ninguém precisa informar a outrem, em nossa cultura, como se organiza a dinâmica de um restaurante, uma vez que a palavra, por si, aciona toda uma rede de conhecimentos acerca do que esperamos que se passe nesse tipo de ambiente: o que se faz (comer, beber, conversar), quem faz (o cozinheiro, o garçom, o gerente, o *maître*, se for o caso de haver um) e o que cada um faz (cozinha, serve, gerencia, sugere) etc.

De maneira geral, para Fillmore (1982:111),

uma Semântica de *Frames* oferece uma maneira particular de olhar para os significados das palavras, além de proporcionar uma forma de caracterizar princípios para a criação de novas palavras e frases, para a adição de novos sentidos a palavras e para a construção do sentido de um texto a partir dos sentidos dos elementos que o compõem. [Trad. nossa]

O Projeto FrameNet (<http://framenet.icsi.berkeley.edu/>), liderado pelo próprio Fillmore, visa estruturar a informação semântica dos textos de um *corpus* a partir dos parâmetros suprapostos. Os dados oferecidos pelo projeto são ferramentas de importância considerável para a pesquisa em LC e seu desenvolvimento e ampliação trará frutos ainda maiores. No Brasil, o projeto (<http://www.framenetbr.ufjf.br/>) ainda está em fase inicial, mas já representa um

grande passo para a pesquisa linguística e suas interfaces com outros campos como a Inteligência Artificial.

Em termos processuais, o sentido de uma elocução é, então, calculado da seguinte maneira: o uso de uma determinada Unidade Lexical (UL) em um determinado contexto atua como gatilho para a ativação de um *frame*, ou seja, remete a uma cena específica composta por variados elementos. A associação da UL a esses elementos vai tornar o seu sentido compatível à cena na qual está inserida, eliminando ambiguidades e sugerindo um sentido mais específico.

Os Elementos do *frame* (EF) são classificados de acordo com a sua centralidade para um dado *frame*. Assim, três diferentes níveis são distinguidos:

- (a) **Nucleares:** são aqueles elementos que suscitam um componente conceptual necessário a um *frame*, fazendo desse *frame* único e diferente dos demais. Por exemplo, no *frame* de Vingança (cf. FILLMORE, 1982), Vingador, Parte Ofendida, Ofensa, Ofensor e Castigo, são todos elementos essenciais do *frame*, porque um evento de vingança, necessariamente os inclui. Ninguém é capaz de imaginar um ato de vingança que não é precedido por uma ofensa ou que não é direcionado a alguém. Existem propriedades formais que determinam quais elementos são nucleares: (1) o elemento deve estar sempre especificado; (2) quando omitido, o elemento é interpretado limitadamente; e (3) um elemento cuja semântica não pode ser deduzida de sua forma deve ser nuclear desde que sua interpretação dependa completamente do alvo;
- (b) **Periféricos:** elementos que introduzem eventos adicionais, independentes ou distintos do evento principal. Esses elementos, geralmente, marcam as noções de tempo, espaço, modo, meio, intensidade etc. e não caracterizam um *frame* exclusivamente, além de poderem ser instanciados a qualquer *frame* semanticamente apropriado. Em relação ao *frame* de Vingança, por exemplo, qualquer informação sobre um evento dessa natureza pode incluir, dentre outros, informações sobre a Maneira e o tempo da vingança (e.g., “A família ofendida retaliou [tempo imediato].”);
- (c) **Extra-Temáticos:** elementos que situam um evento em contraste com o cenário de um outro estado de coisas, podendo ser esse um evento atual ou um estado do mesmo tipo. Os Elementos Extra-Temáticos não pertencem

conceptualmente aos *frames* em que aparecem, são elementos de outros *frames*.

No caso da construção que estamos estudando, os verbos que vêm a ocupar a variável X (“acabar(-se)”, “borrar(-se)”, “chorar”, “fartar”, “morrer”, dentre outros) – e que caracterizam a construção –, na origem, evocam sempre cenas cognitivas que ativam os *frames* de Impacto Físico ou Impacto Fisiológico. Esses *frames*, embora não estejam ainda descritos pela FrameNet Brasil, nem exista um equivalente já descrito na versão em inglês, a nosso ver, apresentam-se como estruturas conceptuais estáveis. Como elementos nucleares⁴ desses *frames*, postulamos os EFs: Causa (aquilo/aquele que desencadeia o impacto), que pode ser animado ou inanimado (no caso da Construção SEC, teremos prototipicamente Causas inanimadas); Afetado (aquele que é atingido pela Causa, que sofre o impacto), que, na construção, é prototipicamente uma entidade humana; e Efeito (aquilo que é sentido pelo Afetado). O exemplo abaixo ilustra o arranjo desses elementos na construção:

(01) 18:Azevedo:Cortiço preferiam todos morar lá, porque ficavam a dois passos da obrigação. O Miranda rebentava de raiva.
Afetado Efeito Causa

A construção como um todo (i.e. todos os elementos da construção vistos como uma única UL; várias formas apontando para um único sentido), em seu sentido metafórico, ainda suscita, por sua vez, o *frame* Posição em uma Escala (*Position_on_a_scale*), traduzido do *site* da FrameNet em inglês por Albergaria (2008:66):

⁴ Não temos a pretensão de descrever tais *frames* nos termos complexos da FrameNet, queremos apenas oferecer uma estruturação mínima a esses *frames* que estamos postulando, de modo a contribuir no estabelecimento da coerência semântica da cena evocada na Construção SEC. A descrição precisa desses é conteúdo para outro(s) trabalho(s), inclusive de natureza distinta do que estamos empreendendo.

Posição em uma escala

Definição: As palavras neste *frame* descrevem a posição estática de um **Item** em uma escala referindo-se a alguma **Variável** de propriedade.

Elementos do *Frame*: (EFs)

Centrais:

- **Item [Item]** – O EF **Item** identifica a entidade cuja propriedade escalar é especificada.
Bacon é alto/rico em gordura. (**Bacon** is high in fat)
- **Valor [Val]** – O EF **Valor** corresponde à posição ou variações de posição que o **Item** ocupa em uma escala.
Este carro está com o preço **alto**/caro. (This car is **high** in price.)
- **Variável [Var]** – O EF **Variável** é a propriedade escalar que o **Item** possui.
Refrigerante tem um alto/rico teor de **açúcar**. (**Soda** is high in **sugar**.)

Não-centrais:

- **Grau** – Este EF identifica o **Grau** para o qual a propriedade escalar de um **Item** retém com respeito a alguma **Variável**.
Bacon é **muito alto**/rico em gordura. (Bacon is **very** high in fat.)

FIGURA 2 – *Frame* Posição em uma Escala
Fonte: Albergaria (2008:66)

2.2.3 Processos de Integração Conceptual: vias para a expansão semântica

Segundo Carrara (2010:34) “a simples postulação da existência de domínios do conhecimento simples ou complexos [...] não dá conta de todo o processo de produção e difusão do conhecimento”, tornando a capacidade humana de integrar domínios distintos fundamental na tarefa de ampliar a possibilidade de construirmos novos sentidos.

Na literatura cognitivista, metáfora e metonímia são as estratégias cognitivas de entendimento que mais receberam relevância. Mais recentemente, a Integração Conceptual tem sido largamente postulada em termos do processamento cognitivo em mescla (*blending*) (FAUCONNIER E TURNER, 2002).

Sem nos determos na questão, uma vez que a mesclagem não será usada como uma ferramenta analítica em nosso estudo, vale pontuar que, para Fauconnier e Turner (2002), a metáfora é um tipo de mesclagem. Para os autores, a mesclagem é uma estratégia cognitiva que atua a partir da integração de pelo menos quatro

domínios/*frames*: dois espaços fontes (*Input Space 1* e *Input Space 2*) que fazem surgir um espaço genérico (*Generic Space*) que relaciona o que há de comum entre os elementos dos dois *inputs*. A partir da associação entre esses espaços mentais, emerge um quarto, o espaço mescla (*Blended Space*), que evoca informações novas das existentes nos *inputs* a partir de uma estruturação também nova e diferente da dos espaços que lhe deram origem. Um caso interessante de metáfora analisada como mesclagem é o que envolve a proposição “aquele médico é um açougueiro” (GRADY, OAKLEY E COULSON, 1999). Nessa expressão, a grosseria do ofício do último se integra à delicadeza necessária ao ofício do primeiro, gerando um conceito de incompetência (não presente em nenhum dos domínios que interagem – medicina e comércio/manipulação de carnes) para o foco da elocução, o médico.

Vista como processamento cognitivo em mescla, a metáfora presume, portanto, a emergência de informações novas, que não são encontradas em nenhum dos domínios-fontes (*inputs*) da mesclagem (GRADY, OAKLEY E COULSON, 1999:103).

2.2.3.1 A Teoria da Metáfora Conceptual (TCM)

Vista tradicionalmente como um recurso da imaginação poética e um ornamento retórico, a partir do trabalho inovador de Lakoff e Johnson (2002[1980]), a metáfora recebe um novo olhar e passa a ser tratada, no seio da Linguística Cognitiva, como estratégia corriqueira do nosso sistema conceptual ordinário, estando, pois, presente não só na nossa linguagem, mas também em nosso pensamento e ação.

A base da conceptualização metafórica é, de acordo com Lakoff e Johnson (2002[1980]:47-48), “compreender e experienciar uma coisa em termos de outras”. Partindo desse princípio, somos capazes de entender muitos conceitos, geralmente, abstratos, em termos de outros mais concretos, de modo a tornar mais palpável o entendimento de “coisas” que muitas vezes transcendem a nossa experiência. Em outras palavras, para a TCM, o que fazemos é entender um domínio mais abstrato

da nossa vivência – o domínio alvo – a partir de algo mais concreto e saliente a nossa experiência – o domínio fonte.

Algumas dessas projeções, próprias de nossa cultura, são: compreendemos tempo em termos de dinheiro (“Já gastei muito tempo com você”) ou espaço (“O Natal está chegando”); a vida em termos de viagem (“Minha vida chegou a uma encruzilhada”); dentre outras. É importante observar que não se trata de tipos diferentes da mesma coisa (tempo nada tem a ver com dinheiro, vida e viagem são coisas completamente distintas), é apenas uma maneira de se estruturar parcialmente uma coisa em termos de outra.

Uma outra metáfora com a qual nos deparamos em nosso dia a dia é “Discussão É Guerra”, em que o conceito de discussão é estabelecido através do de guerra. Assim, expressões oriundas do vocabulário de guerra – como “atacar”, “defender”, “vencer”, “ganhar”, “destruir” etc. – estabelecem uma maneira sistemática de exprimir os aspectos bélicos do ato de discutir (LAKOFF E JOHNSON, 2002[1980]:49).

Nessa metáfora, como temos discussão por domínio-alvo e guerra como domínio-fonte, podemos projetar: os debatedores como guerreiros; os guerreiros mais fortes como as pessoas mais entendidas sobre um determinado assunto em debate; o “local” (físico ou virtual) em que se dá a discussão como o campo de batalha; argumentos e ideias como armas; argumentos mais convincentes como armas de maior poder destrutivo; argumentos e ideias convincentes como armas difíceis de destruir; que os debatedores precisam atacar as ideias uns dos outros e defenderem suas próprias ideias no intuito de vencer a batalha; e que um dos lados vence e o outro perde.

Um fator interessante é que nem todos os elementos do domínio-fonte são mapeados no domínio-alvo (LAKOFF, 1993): não encontramos, por exemplo, o elemento morte, que é imponente em uma guerra, mapeado em uma discussão, pois, por mais que sejam evidenciados aspectos inconsistentes, por exemplo, de uma teoria, dificilmente ela “morre”.

Também a mesma sistematicidade metafórica que nos permite entender um conceito em termos de outro esconderá outros aspectos desse conceito. Por exemplo, em meio a uma calorosa discussão, esquecemos os aspectos cooperativos da discussão, de que, por exemplo, a pessoa com a qual discutimos oferece-nos um bem precioso, seu tempo.

Um caso bastante sutil em que um conceito metafórico pode esconder um aspecto de nossa experiência diz respeito ao que Michael Reddy (2000[1979]) chamou de “metáfora do canal” (*conduit metaphor*). A nossa linguagem sobre a linguagem, observou Reddy, é estruturada pela seguinte metáfora: “Ideias (ou Significados) São Objetos/ Expressões Linguísticas São Recipientes/ Comunicar É Enviar”. Dentro deste raciocínio metafórico, o falante coloca ideias (objetos) dentro de palavras (recipiente) e as envia (através de um canal) para um ouvinte que retira as ideias-objetos das palavras-recipientes. São alguns exemplos da metáfora do canal: “É difícil *passar* aquela ideia *para* ele”, “Eu lhe *dei* aquela ideia”, “Suas razões *chegaram* até nós”.

Para Lakoff e Johnson (2002[1980]:55), a metáfora do canal camufla vários aspectos do processo comunicativo: implica que palavras e sentenças tenham significados e existência independentes de pessoas e contexto. Dessa forma, embora pareça adequada em algumas situações, a metáfora do canal não é adequada para representar a linguagem, mesmo porque “o modo como pensamos que pensamos não é o modo como pensamos” (FAUCONNIER E TURNER, 2002). Em lugar dessas metáforas, Fauconnier (1994, 1997), inclusive, propõe as metáforas do mapa e do *iceberg*, em que as formas linguísticas seriam como as “pistas” de um mapa (que apenas indicam as dimensões e o relevo real de um determinado território) ou as pontas de um *iceberg* (cuja parte externa diz respeito a uma pequena parte do todo que integra).

Em sua primeira proposta, Lakoff e Johnson (2002[1980]) dividiram as metáforas em três diferentes categorias: Metáforas Estruturais, ocorreriam quando um conceito é parcialmente estruturado em função de outro (“Discussão É Guerra” e “Tempo É Dinheiro”); Metáforas Orientacionais, metáforas cujo conceito organizaria todo um sistema de conceitos em relação a um outro (“Feliz É Para Cima” e “Triste É Para Baixo”); e Metáforas Ontológicas, metáforas que emergiriam de nossa experiência com substâncias e objetos físicos (“A Mente É Uma Entidade”).

Nessa versão da TCM, Lakoff (1993:215) propõe que os “mapeamentos metafóricos preservam a topologia cognitiva (isto é, a estrutura do esquema imagético) do domínio fonte, de uma maneira consistente com a estrutura inerente do domínio alvo”. Dessa forma, como característica fundamental na construção de um conceito metafórico, atua o Princípio da Invariância, restringindo o que do domínio fonte é projetado no domínio alvo e garantindo que, em mapeamentos que

tenham por base o esquema do Recipiente, por exemplo, interiores sejam mapeados como interiores, exteriores como exteriores e limites como limites; em mapeamentos que se valham do esquema do Trajeto, origens sejam origens, metas como metas, trajetórias como trajetórias.

Uma proposta mais contemporânea (LAKOFF E JOHNSON, 1999), entretanto, refina a noção de metáfora estabelecendo diferenças entre o que é nomeado Metáfora Complexa – metáforas que associam conceitos complexos – e o que é denominado Metáfora Primária – metáforas que associam noções primárias e que atuam como átomos de metáforas complexas.

De maneira geral, as Metáforas Primárias⁵ são aquelas em que uma experiência primária traz consigo uma ideia subjetiva de uma ocorrência sensório-motora. Um exemplo clássico de metáfora primária (extraída do trabalho de GRADY, 1997⁶ *apud* LAKOFF E JOHNSON,1999) é a projeção “Afeição É Calor”: nos primeiros meses de vida de uma criança, o fato de a afeição que recebe estar diretamente ligada à temperatura calorosa ao colo de seus pais subsidia a integração entre esses dois domínios. Para Feldman (2006:200), em termos neurais, “metáforas primárias podem ser vistas como uma consequência normal de aprendizado associativo”.

De acordo com Lakoff e Johnson (1999:60), essas metáforas

são como átomos que podem se arranjar para formar moléculas. Grande parte dessas metáforas são estáveis – convencionalizadas, entrincheiradas, fixadas por longos períodos de tempo. Elas formam uma imensa parte do nosso sistema conceptual e afetam a maneira como pensamos e apreciamos as coisas. Além disso, elas estruturam nossos sonhos [...] e formam a base de novas combinações metafóricas, poéticas ou ordinárias. [Trad. nossa]

Lakoff e Johnson (1999:60-63), a partir da explicação a seguir, apresentam como, então, metáforas primárias estruturam metáforas complexas: em nossa cultura, há a crença de que as pessoas têm propósitos em suas vidas e, por isso, espera-se que ajam para atingi-los. Essa crença suscita as metáforas primárias

⁵ O que Lakoff e Johnson (1999:45-59) propõem, na verdade, é uma Teoria Integrada da Metáfora Primária que explique como as metáforas conceptuais estão estruturadas. Para tanto, os autores (1999:46) relacionam a Teoria da Conflação, de Christopher Johnson (1997), a Teoria da Metáfora Primária, de Joseph Grady (1997), a Teoria Neural da Metáfora, de Sriniv Narayanan (1997) e a Teoria da Mesclagem/*Conceptual Blending*, de Gilles Fauconnier e Mark Turner (2002).

⁶ GRADY, J. **Foundations of Meaning: Primary Metaphor and Primary Scenes**. Berkley: University of California, 1997. Tese (PH.D) – University of California, Berkley, 1997.

“Propósitos São Destinações” (por se ligar a nossa experiência primária de alcançarmos objetivos ao alcançarmos destinações: se se está com sede, devemos nos deslocar até a geladeira) e “Ações São Movimentos” (por nossas ações estarem ligadas, especialmente em nossos primeiros anos de vida, ao deslocamento no espaço). Assim, uma versão metafórica de tal crença poderia ser de que as pessoas têm destinações em suas vidas e, por isso, espera-se que se movam para alcançá-los. Como a passagem por uma série de destinações é uma viagem, podemos estruturar, a partir de conceitos mais elementares, a metáfora complexa “Propósito De Vida É Uma Viagem”. Assim, teríamos o mapeamento:

Viagem	→	Propósito de Vida
Viajante	→	Vivente
Destinações	→	Objetivos
Itinerário	→	Plano de Vida

Neuralmente, o que uma metáfora complexa, então, provoca são ativações neurais paralelas, de forma que, ao se ativar um conceito, ativa-se toda a rede de conceitos a ele relacionados.

Como pontuamos à introdução, a construção que apresentamos como objeto no presente estudo, a Construção SEC, é uma forma de se intensificar uma ideia aos níveis que o locutor quer indicar para aproximá-la daquilo que quer sugerir – estratégia de subjetificação (cf. seção 2.4.1) – e por crer que elevando a intensidade da elocução causará mais impacto em seu interlocutor, levando-o a dar crédito ao que propõe – estratégia argumentativa.

Como tática argumentativa, a construção evoca a metáfora que apresentamos acima – Discussão É Guerra (LAKOFF E JOHNSON, 2002[1980]) –, que correlaciona parte da estrutura do *frame* de discussão em termos do *frame* de guerra. Essa metáfora apresenta como conceito basilar a metáfora primária “Causa É Força Física” (LAKOFF E JOHNSON, 1999:53).

De acordo com os linguistas, a articulação das noções de Causalidade e força física encontra-se em nossa experiência primária de alcançar resultados ao exercer força física em objetos para movê-los ou mudá-los de lugar. Nessa linha, estando numa discussão, naturalmente, temos como objetivo “vencê-la” e, para isso, não medimos “esforços”.

A noção de Causalidade, presente nessa metáfora é, segundo Tomasello (2003[1999]:31), básica de nossa experiência e nos permite entender

as relações antecedente-conseqüente entre eventos externos sem estar diretamente envolvido neles [...]. Mas, além disso, a compreensão da intencionalidade e da causalidade exige que o indivíduo entenda as forças mediadoras nesses eventos externos que explicam “por que” uma determinada seqüência antecedente-conseqüente ocorre como ocorre – e essas forças mediadoras, por definição, não são observáveis de maneira direta. [...] Portanto, para os humanos, o peso de uma pedra que cai “força” a tora a se lascar; o objetivo de conseguir alimento “força” o organismo a olhar debaixo da tora.

Dessa forma, a ideia de Causalidade se agrega à força física nos termos em que a causa, em termos elementares, é resultado da aplicação de força física: a criança sabe, por exemplo, que a causa de uma bola que estava em sua posse estar, segundos adiante, a alguns metros de si é consequência da aplicação de uma determinada força (em um determinado vetor) no objeto, conferindo-o potência (e direção) que lhe permita alcançar e ocupar um determinado espaço.

Outra metáfora primária que institui o padrão construcional em estudo é “Intensidade É Escala”. Essa metáfora, que estrutura o conceito de intensidade em termos escalares, tem por base concreta o esquema imagético da Escala (cf. seção 2.2.1) e justifica-se por lidarmos, primariamente, com a intensidade a partir das noções de mais e menos, maior e menor. Por exemplo: a intensidade da força aplicada sobre um martelo para pregar um prego na parede é, sem dúvida, maior do que a intensidade da força utilizada para encaixar as peças de um brinquedo.

2.2.3.2 – A Metonímia como estratégia conceptual

Para Lakoff e Johnson (2002[1980]:91-98), a metonímia também é um recurso que está muito além de um adorno retórico. Ela é, também, uma estratégia constante de nosso sistema conceptual.

A metonímia, assim como a metáfora, consiste em usar uma entidade para nos referirmos a outra. Contudo, a metonímia suscita um único domínio conceptual, estando, por isso, as duas pontas do processo de entendimento em relação de

contiguidade (SILVA, A. S. 1997), enquanto a metáfora associa dois domínios conceptuais distintos. Segundo Lakoff e Johnson (2002[1980]:92), metáfora e metonímia possuem, portanto, naturezas distintas:

A metáfora é principalmente um modo de conceber uma coisa em termos de outra, e sua função é a compreensão. A metonímia, por outro lado, tem principalmente uma função referencial, isto é, permite-nos usar uma entidade para *representar* outra. Mas a metonímia não é meramente um recurso referencial. Ela também tem a função de propiciar o entendimento. No caso da metonímia PARTE PELO TODO, por exemplo, há muitas partes que podem *representar* o todo. A parte selecionada determina que aspectos do todo estamos enfatizando. [Grifos dos autores]

As figuras abaixo ilustram a diferença entre os dois processos:

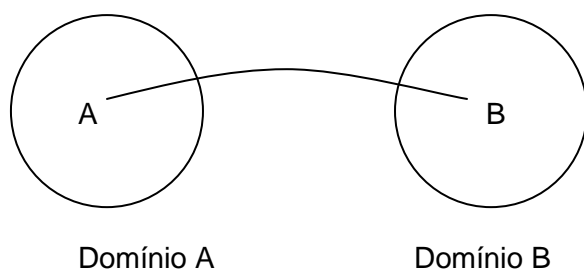


FIGURA 3 – A Projeção Metafórica

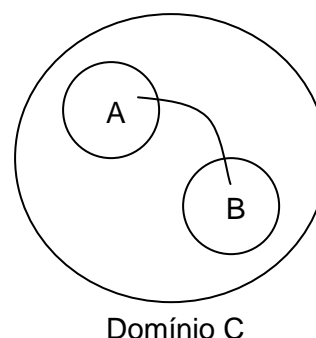


FIGURA 4 – A Projeção Metonímica

Na Figura 3, que ilustra uma projeção metafórica, um Domínio A é projetado em um Domínio B, a partir de correspondências ontológicas e epistêmicas, de modo que entendamos que A É B. Na Figura 4, A e B são subdomínios de um mesmo domínio C e A é usado para referir-se a B. Assim, A ESTÁ POR B, sendo que A é um subdomínio mais saliente em relação a B (SILVA, A. S. 2003) e recorta um determinado aspecto específico do domínio que compõe.

Alguns tipos de metonímia que encontramos, na vida cotidiana são as seguintes (LAKOFF E JOHNSON, 2002[1980]:91-98):

- Parte Pelo Todo: “Estou com *pneus novos*”;
- Produtor Pelo Produto: “Ele comprou um *Ford*”;
- Objeto Pelo Usuário: “O *saxofone* está resfriado hoje”;

- Controlador Pelo Controlado: “*Nixon* bombardeou Hanói”;
- Instituição Pelos Responsáveis: “A *Esso* aumentou seus preços novamente”;
- Lugar Pela Instituição: “A *Casa Branca* não está se pronunciando”;
- Lugar Pelo Evento: “Não deixemos que a Tailândia se torne outro *Vietnã*”.

O enlace dos construtos até aqui pontuados de modo a resultar na instituição da Construção SEC como padrão construcional do Português será aprofundado ao capítulo 5. Cabe, contudo, ressaltar, de pronto, o papel que metáfora e metonímia exercem na constituição das redes do léxico e da gramática de uma língua. Nosso trabalho, assim como outros que têm sido desenvolvidos em nosso grupo de pesquisa (cf. Introdução), busca contribuir com evidências relevantes nessa direção advindas da Língua Portuguesa.

Por agora, na subseção a seguir, olhemos para a noção de gramática que estamos assumindo.

2.3 A Gramática das Construções: uma soma maior do que a soma das partes

A seção anterior apresentou, em breves linhas, a forma como a LC encara o fenômeno da linguagem e os constructos bases que utilizaremos na análise da Construção SEC. Na presente seção, preparamos a apresentação da Teoria da Gramática das Construções, que, segundo Croft e Cruse (2004:225), corresponde a uma abordagem cognitivista para a sintaxe.

2.3.1 A retomada do conceito de construção

A abordagem construcionista da linguagem, de acordo com Croft e Cruse (2004), surgiu como uma alternativa ao postulado da Gramática Gerativa, de que o conhecimento gramatical é organizado em módulos, isto é, que cada componente da linguagem governaria apenas um único tipo de propriedade da sentença – fonológico, sintático, semântico –, que, por suas vezes, estariam ligados por meios

de regras. Além desses três componentes, existiria o léxico, formado pelas unidades básicas das combinações sintáticas e que, diferentemente dos demais componentes, forneceria a cada palavra sua estrutura sonora, sua categoria sintática e seu significado. Dessa forma, os três primeiros componentes, por fornecer apenas um tipo de informação, estariam no chamado eixo ‘horizontal’, enquanto que o léxico, por angariar informações dos três tipos, se enquadraria em um eixo ‘vertical’:

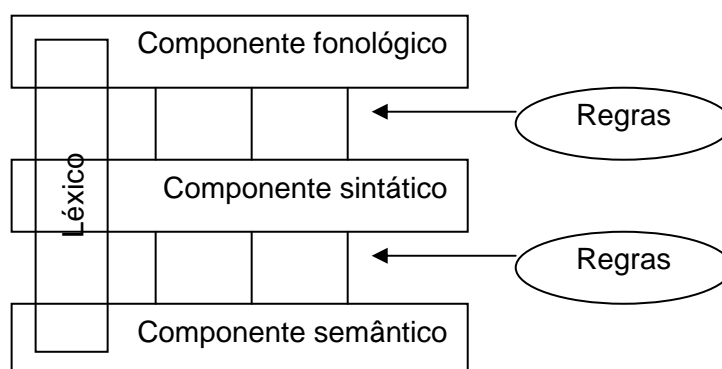


FIGURA 5 – A organização do conhecimento gramatical segundo o Modelo Gerativo
Fonte: Croft e Cruse, 2004:227

Uma característica bastante relevante desse modelo é que não existe idiosincrasia que seja maior do que uma palavra (princípio da arbitrariedade do léxico na gramática). Assim, toda e qualquer ‘anormalidade’ reside no léxico. Nas palavras de Salomão (2006), o léxico, nessa abordagem, é o “asilo dos fora-da-lei”.

Dessa forma, a noção de construção, mesmo que tomada no sentido mais tradicional da palavra (e.g. construção ativa, passiva etc.), foi rejeitada, uma vez que o cálculo de sentido de uma dada oração dar-se-ia através da soma de suas partes – Hipótese Forte da Composicionalidade –, intermediada pelas regras gramaticais.

Estudos que abordaram o fenômeno do idiomatismo, entretanto, abalaram o paradigma composicional-gerativo. Fillmore⁷ (1979 *apud* SALOMÃO, 2002:66), em um artigo extremamente irônico, ridiculariza o modelo composicional na figura do “falante inocente”, um falante que, por entender as elocuições a partir da soma do significado de suas partes, mal poderia se comunicar, já que seria incapaz de

⁷ FILLMORE, C. Innocence: a second idealization for linguistics. **Proceedings of the Annual Meeting of the Berkley Linguistics Society**. University of California, Berkeley, 1979.

entender idiomatismos, bordões e outras expressões idiomáticas tão comuns à linguagem cotidiana.

O clássico estudo de Fillmore, Kay e O'Connor (1988) da expressão idiomática *let alone* também mostra de maneira bem sucedida que o argumento componencialista dos gerativistas não procede. Os autores, partindo de uma análise profunda e de uma detalhada classificação dos idiomas, propõem que sintaticamente nosso conhecimento sobre a linguagem está representado em nossas mentes como **construções** (expressões abstratas em que parte de seus elementos estão definidos de antemão e/ou são preferidos e parte são lexicalmente abertos – somente sua categoria está definida – ou em que todos os seus elementos estão em aberto – têm apenas a categoria definida) (FILLMORE, KAY E O'CONNOR, 1988:504-506), constituídas social e cognitivamente, cada qual com valor sintático, semântico e pragmático próprios, inestabelecíveis a partir de um simples somatório do sentido de seus elementos.

A pesquisa de Lakoff (1987:462-584), ancorada nos processos de conceptualização da experiência humana, ainda acrescenta algo especial ao conceito de construção. Estudando as construções com *there*, Lakoff propõe que tais construções se relacionam e apresentam sutis diferenças sintáticas e semânticas umas das outras. Considerando as noções de radialidade e prototipia (cf. seção 2.2), o autor identifica que há uma construção central, com um sentido central, da qual outras construções serão derivadas⁸. Dessa forma, o que nos propõe o autor é que, em nossas mentes, a linguagem organiza-se como uma grande rede, em que cada nó representa uma dessas construções de valor sintático, semântico e pragmático exclusivo.

Embora o foco dos autores seja uma abordagem mais holística do significado, o que se propõe não é um desprezo total do sentido dos elementos que estão presentes na construção em favor de se considerar unicamente o sentido da construção. O que se sugere é uma dissolução da Hipótese Forte da Composicionalidade, em favor de uma composicionalidade mais sutil, em que o cálculo do sentido final da construção seja fornecido pela interação do sentido da mesma com o dos sentidos dos elementos lexicais que se encontram nessa

⁸ Goldberg (1995), como veremos, aprofunda essa idéia, apresentando uma taxonomia de modos de herança.

construção – Hipótese Fraca da Composicionalidade. Para usar as palavras de Goldberg (1995), é substituir o olhar *bottom up* por um olhar *top down*⁹.

Na GrC, não há uma separação brusca entre os diferentes âmbitos da linguagem. Essa abordagem considera que as expressões sintáticas, independentes de seu grau de esquematicidade/idiomaticidade, têm em si regras de interpretação semântica (CROFT E CRUSE, 2004:253), o que permite estabelecer um *continuum* entre sintaxe e semântica. O mesmo também se pode dizer em relação à morfologia e ao léxico, uma vez que morfologia e sintaxe diferenciam-se por uma questão estrutural: enquanto os morfemas estão limitados à palavra, palavras são morfologicamente livres dentro da frase.

Nessa linha, palavras do léxico também são vistas como construções – pares de forma e função –, porém construções de menor complexidade, uma vez que são sintaticamente simples. Assim, esse modelo desemboca em um *continuum* que vai desde a sintaxe até o léxico.

Clareemos dois pontos fundamentais: (1) **as construções são unidades simbólicas**, formadas por um polo formal e outro semântico-pragmático, simbolicamente ligados; e (2) esse **elo simbólico** que une a forma ao sentido de uma dada construção é **interno** à construção, diferentemente das regras externas que ligam os módulos no modelo gerativo:

⁹ Ou seja, substituir o olhar “de baixo para cima” por um “de cima para baixo”, de modo que o todo se sobressaia.

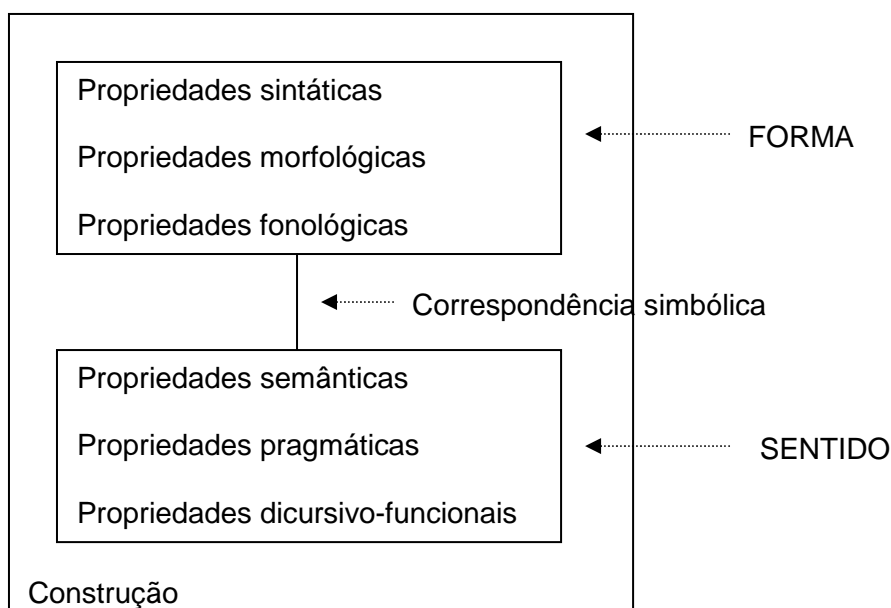


FIGURA 6 – A estrutura simbólica da construção
 Fonte: Croft e Cruse (2004:258)

Miranda (2008b:12) resume bem os pontos apresentados ao afirmar que

uma idéia simples e consensual forja o coração da Gramática das Construções (GrC): o conhecimento lingüístico do falante é uma coleção sistemática de pares de forma-função, isto é, de construções aprendidas com base na língua que ouve ao seu redor. Uma idéia simples (e, até certo ponto, bem tradicional!), posta, ao modo saussuriano, em termos dos dois pólos do signo lingüístico. Assim, por definição, a construção articula (i) o pólo da forma como dimensão expressiva do significante (expressão fônica, escrita e outras semioses, como o gesto, e dimensão morfossintática); e (ii) o pólo da significação ou função que agrega a dimensão semântica e pragmática. Um elo simbólico (CROFT e CRUSE, 2004), promove a correspondência entre os pólos formais e semânticos dentro da estrutura das construções. Nesse enquadre teórico, construções, sejam elas mais esquemáticas ou mais substantivas, são, pois, unidades simbólicas.

2.3.2 A Gramática das Construções de Lakoff e Goldberg

Os postulados apresentados na subseção anterior formam as bases do que se denomina GrC e tratam-se de consensos entre as variantes desse modelo. No que diz respeito à estrutura e representação das construções e organização do

conhecimento gramatical na mente do falante, há, de acordo com Croft e Cruse (2004:257-290) quatro diferentes abordagens dentro do paradigma construcionista que são mais difundidas: (a) a Gramática das Construções, de Fillmore, Kay e colaboradores; (b) a gramática das construções, de Lakoff e Goldberg; (c) a Gramática Cognitiva, de Langacker; e (d) a Gramática das Construções Radical, de Croft. De maneira geral, os pontos de divergência entre essas variantes são o *status* das categorias dos elementos sintáticos, os tipos de relações sintáticas assumidas, os tipos de relações existentes entre as construções e a maneira que a informação é armazenada na taxonomia construcional. Focalizaremos tais questões apenas da perspectiva de Lakoff e Goldberg, que é a abordagem que utilizaremos no trato com nosso objeto.

Para Croft e Cruse (2004:272), a GrC emergente das pesquisas de Lakoff (1987), e aprimorada por Goldberg (1995), apresenta como fator diferenciador das demais variantes a exploração de processos de categorização não-clássicos (cf. seção 2.2) na análise da relação entre as construções.

Nessa versão da GrC, Goldberg (1995) propõe que a função dos participantes em eventos complexos, como derivados dos próprios eventos, deve seguir os princípios da semântica de *frames* (seção 2.2.2). Assim, os eventos e situações são tratados como unidades primárias de representação semântica e as definições das funções nos eventos são derivadas da situação específica como um todo.

Por outro lado, as funções e relações sintáticas propostas por Goldberg (1995) são relações gramaticais primitivas, tais como sujeito e objeto e categorias sintáticas primitivas, como verbos. As relações sintáticas presentes são tanto entre os elementos como entre os elementos e a construção como um todo. Tais relações se resumem nas seguintes: (a) entre elementos sintáticos (por exemplo, cláusula, sintagmas nominais, verbo etc.); (b) entre elementos lexicais (como aqui, lá, vir, ir, ser etc.); (c) entre as condições sintáticas (e.g. ordem dos elementos, relações gramaticais, preferência por certos elementos etc.); e (d) entre as condições fonológicas (tais como presença/ausência de acento, comprimento da vogal etc.) (CROFT e CRUSE, 2004:272-273).

Nesse modelo, Goldberg (1995) utiliza um diagrama para ilustrar a correspondência entre as relações semânticas e sintáticas da construção. A autora (1995:55) delinea da seguinte maneira da construção ditransitiva (“*John gave him a box*”, que em português equivale a algo próximo a “John deu a ele uma caixa”):

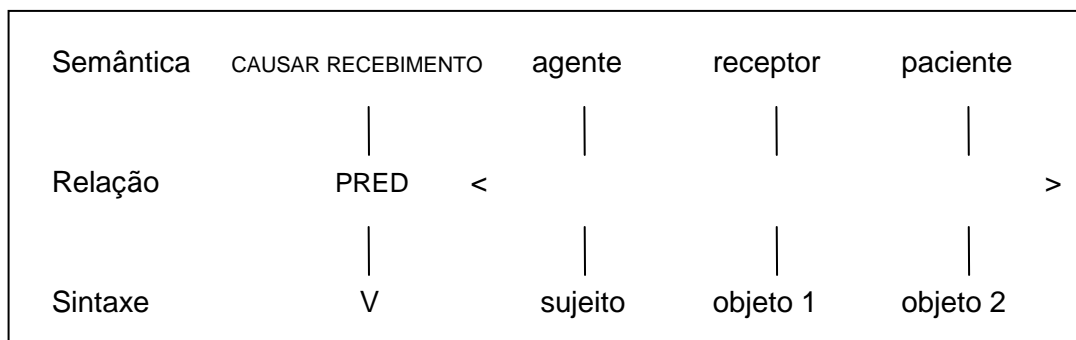


FIGURA 7 – A Construção Ditransitiva
Fonte: Goldberg (1995:50)

A semântica da construção aponta para a ideia de causar recebimento, que suscita a ideia de um agente que entrega a um receptor o paciente. Esses participantes assumem na construção as funções sintáticas apresentadas na última linha da figura. A linha do meio no diagrama diz respeito ao que a autora denomina fusão¹⁰ entre os participantes da construção e os suscitados pelo verbo de uma determinada instância da construção. O diagrama abaixo ilustra a mesma construção ditransitiva, porém instanciada com o verbo “dar” (como no exemplo acima):

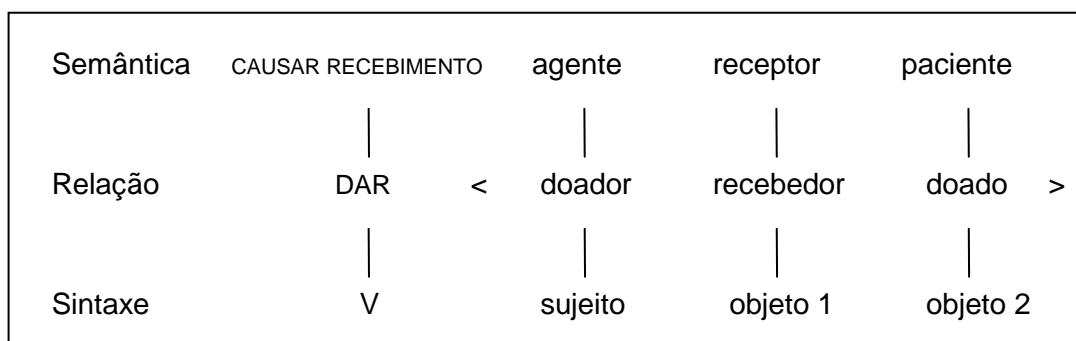


FIGURA 8 – A Construção Ditransitiva + dar
Fonte: Goldberg (1995:51)

O exemplo ilustrado no diagrama acima é um caso em que, de acordo com Goldberg (1995), os argumentos suscitados pelo verbo coincidem com os participantes acendidos pela construção: tanto a construção como o verbo dar (em

¹⁰ De acordo com Goldberg (1995:50), a fusão obedece a dois princípios: (1) Princípio da Coerência Semântica – “apenas funções semanticamente compatíveis podem ser fundidas”; (2) Princípio da Correspondência – “cada participante que é lexicalmente perfilado e expressado deve ser fundido com um argumento perfilado da construção”.

seu sentido mais central) evocam três participantes. Em casos assim, “o sentido da construção é redundante com o sentido da construção e o verbo apenas adiciona informação ao evento suscitado pela construção” (GOLDBERG, 1995:51).

Casos de interação entre construções e verbos que em seus sentidos mais canônicos evocam uma quantidade diferente de participantes ocasionam um desencontro, um *mismatch* (cf. seção 2.5) entre a valência mais central do verbo e a valência que assume na construção. Um dos casos utilizados pela autora (1995:55) é o que se refere à interação entre a Construção de Movimento Causado (“Mané chutou a bola para o canto”), que possui três argumentos (o agente que move o tema para um objetivo), e o verbo “espirrar”, que canonicamente evoca apenas argumento externo. Casos como “Ele espirrou o guardanapo para fora da mesa” (“*He sneezed the napkin off the table*”) suscitam uma diagramação do tipo:

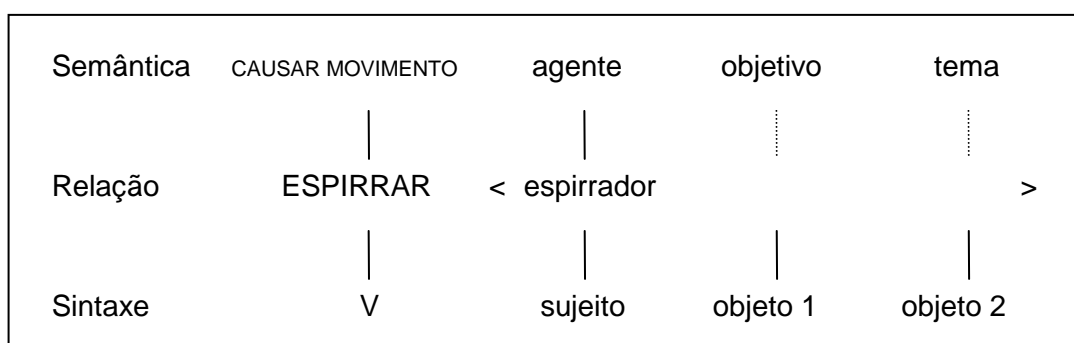


FIGURA 9 – A Construção de Movimento Causado + *espirrar*
Fonte: Goldberg (1995:54)

Acerca das relações entre as construções, Goldberg (1995:67-100) propõe que as construções se relacionam a partir de elos de herança (*inheritance links*), instanciados a partir de duas propriedades cognitivas centrais – a **polissemia** e a **extensão partindo de um protótipo** – e respeitando quatro princípios básicos de organização, quais sejam:

- (1) **Princípio da Motivação Maximizada** [*The Principle of Maximized Motivation*]: se uma construção A está relacionada a uma construção B sintaticamente, então o sistema da construção A é motivada pelo nível a que está relacionada semanticamente à construção B [...]. Essa motivação é maximizada.
- (2) **Princípio da Não-sinonímia** [*The Principle of No Synonymy*]: se duas construções são sintaticamente distintas, elas serão semanticamente ou pragmaticamente distintas [...]. Aspectos

pragmáticos de construções envolvem estruturas de informações particulares, incluindo tópico e foco, e aspectos estilísticos da construção, como um registro.

Corolário A: se duas construções são sintaticamente distintas e S(semanticamente)-sinônimas, então elas não serão P(pragmaticamente)-sinônimas.

Corolário B: se duas construções são sintaticamente distintas e P-sinônimas, então elas não serão S-sinônimas.

- (3) **Princípio do Máximo Poder Expressivo** [*The principle of Maximized Expressive Power*]: o inventário de construções é maximizado para propósitos comunicativos.
- (4) **Princípio da Máxima Economia** [*The Principle of Maximized Economy*]: o número de construções distintas é minimizada na medida do possível devido ao Princípio III. [Trad. nossa]
(GOLDBERG, 1995:67-68)

Os quatro principais elos de herança expostos por Goldberg (1995:75-81) são:

- (i) Elos por Polissemia (*Polysemy Links*), apresentados quando o sentido mais genérico, mais prototípico de uma dada construção é estendido polissemicamente para outras construções, cujos sentidos são mais periféricos, conseqüentemente, sintaxe e morfologia da construção-mãe (o protótipo) são herdados pelas construções-filhas (as extensões do protótipo);
- (ii) Elos por Subparte (*Subpart Links*), são assumidos quando uma construção é uma subparte de outra e mesmo assim existe independentemente dela;
- (iii) Elos por Instanciação (*Instance Links*), são estabelecidos quando uma construção é um caso especial, uma instância de uma outra construção;
- (iv) Elos por Extensão Metafórica (*Metaphorical Extension links*), apresentam-se quando duas construções estão relacionadas através de um mapeamento metafórico.

Em relação ao modo como a taxonomia de construções é armazenada na mente do falante, a GrC de Lakoff e Goldberg licencia a **herança normal** (*default inheritance*), em que aquilo que procede a respeito de um elemento de uma categoria não procede necessariamente para todas as instâncias dessa categoria. Tal modo de herança se relaciona com o conceito de protótipo (cf. seção 2.2). Assim, para ilustrar, podemos usar o clássico exemplo das aves: a maior parte das aves voa, mas aves como pinguins e galinhas ou aves que tenham problemas em seus membros aéreos, não. Contudo, não deixam de ser aves. Dessa maneira,

podemos dizer que a característica VOAR é herdada pelos membros desse grupo, porém pode ser bloqueada quando se trata, por exemplo, de pinguins ou de aves deficientes. Assim, transpondo tal conceito para o território da linguagem, o modelo de herança normal permite que uma dada construção-filha bloqueie certas características do protótipo do qual derivou.

2.3.3 A Gramática das Construções como Modelo Baseado no Uso

O modelo lakoffgoldberiano de GrC é um **modelo da linguagem baseada no uso** (*Usage-based Model*) – assim com outros dois dos modelos de GrC apresentados na seção anterior, a Gramática Cognitiva e a Gramática das Construções Radical.

Nesse molde, as propriedades do uso de elocuições na comunicação é que determinam a representação de unidades gramaticais em nossa mente (CROFT e CRUSE, 2004:278). Dessas propriedades duas são primordiais: a frequência de uma forma ou estrutura gramatical particular e o sentido das palavras e construções em uso.

Croft e Cruse (2004: 291-327) resumem os princípios básicos desse modelo de linguagem em quatro hipóteses:

- Hipótese 1:** o armazenamento da forma de uma palavra, regular ou irregular, ocorre em função de sua frequência de ocorrência (*token*).
- Hipótese 2:** a produtividade de um esquema está relacionado à frequência de tipos (*types*) das instâncias desse esquema.
- Hipótese 3:** em adição às regras/esquemas inicialmente morfológicas, existem esquemas orientados produtivamente, que não podem ser facilmente representados por regras derivacionais.
- Hipótese 4:** a intensidade da conexão entre formas linguísticas, e, deste modo, as forças que influenciam seus aspectos fonológicos, está ligada à similaridade entre essas formas. A similaridade é limitada pela comparação entre palavras, tanto de suas formas como de seus sentidos; a similaridade de sentido é mais forte do que a similaridade de forma. [Trad. nossa]

A consideração dessas hipóteses nos leva a afirmar que a gramática se constitui a partir do uso da linguagem. Não existe “asilo de foras-da-lei” (cf. seção 2.3.1), são os esquemas gramaticais que emergem de modos de expressão, às

vezes distintos, e, a partir da reiteração de padrões, da repetição de formas. Isso faz com que o sentido só possa ser estabelecido a partir da cena cognitiva (seção 2.2.2).

Tais pressupostos (especialmente as hipóteses 1 e 2) ainda tornam imprescindível tratar dos coeficientes quantitativos frequência de *token* e frequência de *type*. A averiguação da convencionalização e da produtividade da construção investigada, assim, permite-nos entender a centralidade de um determinado padrão na linguagem e na mente dos falantes de uma língua.

Em vista disso, uma parceria dos trabalhos de natureza construcionista com a Linguística de *Corpus* (capítulo 4) apresenta-se como muito pertinente e oportuna, uma vez que nos dará acesso a tais informações.

Visto o que entendemos por gramática, passamos a uma apreciação da Teoria da Gramaticalização, paradigma de mudança linguística que tem dialogado produtivamente com a visão cognitivista e construcionista da linguagem.

2.4 Gramaticalização de Construções

Gramaticalização é um processo comum de mudança linguística e se relaciona à constante emergência na língua de novas formas para funções já existentes e de novas funções para formas já existentes.

O conceito de gramaticalização propriamente dito emerge dos estudos de Meillet (1912¹¹:131 *apud* GONÇALVES *et al.*, 2007:19) para nomear “a passagem de uma palavra autônoma à função de elemento gramatical”.

A partir, então, das noções apontadas por Meillet (1912), vários programas (especialmente dentro do paradigma Funcionalista, ao qual o tema pioneiramente se associou) propuseram-se a investigar a gramaticalização nas línguas, pendendo, de acordo com a abordagem, ora a uma visão mais formalista ora a uma mais discursiva do fenômeno.

Assim, em virtude de nossa visão de linguagem e do conseqüente aparato epistemológico que nos embasa, assumimos um modelo de gramaticalização que

¹¹ MEILLET, A. *Linguistique historique e linguistique générale*. Paris : Libraire Honoré Champion, 1912.

entenda tal fenômeno como “estrutura baseada no uso” (HOPPER E TRAUGOTT, 1993:35) e a gramática como estruturadora de aspectos tanto comunicativos quanto cognitivos da linguagem (TRAUGOTT, 2003:626), tal como nos é oferecido por Hopper e Traugott (1993), Traugott (1995, 2003, 2009) e Bybee (2003). Ainda, como veremos mais detalhadamente às seções 2.4.2 e 5.4, entendemos, com Traugott (2009) e Miranda (2008b), que é o item na construção como um todo que gramaticaliza e não o item isoladamente.

2.4.1 Gramaticalização: uma definição e um princípio

Traugott (2003:645) define gramaticalização como o processo pelo qual itens lexicais e construções, em certos contextos morfo-pragmáticos, assumem funções gramaticais e, se gramaticais, passam a desenvolver funções mais gramaticais. Assim, tem-se “alteração nas propriedades sintáticas, semânticas e discursivo-pragmáticas de uma unidade linguística que promove a alteração de seu estatuto gramatical” (GONÇALVES *et. al.*, 2007:17).

Hopper e Traugott (1993:07), para ilustrar essas passagens, propõem que uma forma em processo de gramaticalização segue por diferentes camadas (*clines*) de mudança – categoriais e funcionais, como indica o esquema abaixo:

item de conteúdo > palavra gramatical > clítico > afixo flexional

Dessa forma, dois vieses distintos relativos ao fenômeno podem ser postos em discussão: um **diacrônico**, o qual se foca na mudança categorial, i.e., o percurso de palavras principais (classes abertas: nomes, verbos, adjetivos etc.) passando a desenvolver funções gramaticais (classes fechadas: auxiliares, conectivos, determinantes etc.); e outro **sincrônico**, cujo foco é a variação linguística, o *layering*, para usar o termo de Hopper (1991¹² *apud* GONÇALVES *et al.*, 2007), ou seja, a “convivência” entre forma gramaticalizada e a que lhe deu origem em um mesmo recorte temporal (GONÇALVES *et al.*, 2007:21-22). No presente trabalho, empreendemos análises de ambas as naturezas, apesar de nossa prioridade ser dar conta da Construção SEC em sua configuração atual.

¹² HOPPER, P. On Some Principles of Grammaticalization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (orgs.). **Approaches to Grammaticalization**. Amsterdam: John Benjamins, 1991. p.17-36.

O princípio definidor da gramaticalização é o princípio da **unidirecionalidade**, que diz respeito à direção da mudança nesse processo. Gonçalves *et al.* (2007:41-42) observam que Hopper e Traugott (1993:95),

na definição da unidirecionalidade, enfatizam a especificidade dos contextos discursivos que propiciam a gramaticalização e afirmam que a passagem de *[lexical]* > *[gramatical]* não é direta. Assim, a escala *[item lexical usado em contextos lingüísticos específicos]* > *[sintaxe]* > *[morfologia]* representa que itens lexicais que se tornam gramaticalizados cumprem, primeiramente, funções necessariamente discursivas, tornando-se em seguida sintaticamente fixos e, posteriormente, vindo a constituir um morfema. A postulação básica, dizem os autores, 'é que existe uma relação entre dois estágios A e B, tal que A ocorre antes de B, mas não o inverso. Isso é o que se entende por unidirecionalidade'.

Em função desse caráter unilinear da mudança em gramaticalização, Silva, A. S. (2008¹³ *apud* MIRANDA, 2008b:27-28) propõe-nos quatro trajetórias da mudança linguística proporcionada por esse fenômeno, quais sejam:

- (i) **Do lexical ao gramatical:** reanálise de um item lexical usado em um contexto específico passando a exercer uma função sintática e, possivelmente, tornando-se afixo.
- (ii) **Da autonomia à dependência:** tendência de a forma gramaticalizada passar a depender de outras formas para se fazer entendível;
- (iii) **Do específico/concreto ao genérico/abstrato:** generalização de um conteúdo semântico, passando a construção a operar em uma larga gama de contextos;
- (iv) **Do objetivo ao subjetivo:** passagem de um sentido mais semântico para um sentido mais pragmático. Tendência de aproximação do conteúdo proposicional de uma elocução à realidade do falante.

O item "iv" supraposto diz respeito a um ponto fundamental em nosso trabalho: a "tendência dos processos de mudança conceptual descrita em termos de modelos de subjetificação" (MIRANDA, 2008b:28). Traugott (1995:32), grosso modo, define a subjetificação em gramaticalização como a inclinação de uma expressão gramaticamente identificável passar a exprimir as crenças e atitudes do falante em seu conteúdo proposicional.

¹³ Notas do IX Seminário do Projeto de História do Português Paulista, coordenado pelo Prof. Dr. Augusto Soares da Silva (UCP), sobre o tema Linguística Cognitiva e Linguística Histórica, entre 06 e 10 de outubro de 2008.

Langacker (1985, 1990¹⁴ *apud* TRAUGOTT, 1995:32-33) aborda a subjetificação como um fenômeno gradiente¹⁵ encontrado sincronicamente. Para o autor, de um ponto de vista cognitivo, a subjetificação está ligada aos níveis de construção da cena (*grounding*) na perspectiva do falante: todas as situações são construídas pela fala dos participantes de uma interação. Entretanto, umas são expressas de uma maneira altamente objetiva, e outras de forma menos objetiva e mais próxima à perspectiva que o falante assume na cena.

Como dimensão do processo de mudança por gramaticalização, a noção de subjetificação vem corroborar as hipóteses construcionistas de Tomasello (cf. seção 2.1). Uma vez que o signo linguístico recorta a cena cognitiva a partir de um ponto de vista, é natural que, à medida que surjam novos pontos de vista na busca de partilhamento de atenção com outro, insurjam na língua novos padrões (MIRANDA, 2008b:30).

Apesar de várias evidências acerca do caráter unidirecional da mudança em gramaticalização já terem sido catalogadas, esse ponto ainda apresenta algumas controvérsias.

Castilho (2007) tece duras críticas ao modelo unidirecional ao afirmar que tal princípio assume a língua como uma entidade estática, de categorias dispostas linearmente. O autor (2002¹⁶:05 *apud* GONÇALVES *et al.*, 2007:62-63) emenda:

não é clara a teoria sobre a língua que os autores [da gramaticalização] esposam. Aparentemente, para eles a língua é um conjunto de peças sem articulação visível entre elas. [...] Parece que o implícito aqui é que nossa mente funciona em termos de blocos estanques de instruções seqüenciais, isoladas umas das outras, podendo-se ir linearmente de um subsistema para outro.

Ao contrário, Castilho (2007:26-27) argumenta em favor de uma multidirecionalidade, que abarcaria a verdadeira dinâmica existente nas línguas:

para escapar da estatividade, poderíamos assumir que a língua é um multissistema dinâmico, que pode ser graficamente representado – bem, parece que nunca escaparemos das metáforas geométricas! –

¹⁴ LANGACKER, R. W. Observations and speculations on subjectivity. In: HAIMAN, J. (ed.). **Iconicity in Syntax**. Amsterdam: John Benjamins, 1985. p.109-150.

_____. Subjetification. **Cognitive Linguistics**, v. 1, p.05-38, 1990.

¹⁵ A noção de **gradiência cognitiva** está ligada à conjugação das idéias de que algumas categorias têm graus de pertencimento e limites não evidentes e de que membros manifestamente pertencentes a uma determinada categoria podem ser mais ou menos centrais (seção 2.2.1).

¹⁶ CASTILHO, A. T. **Unidirectinality ou Multidirectinality?** Some Issues on Gramaticalization. In: XII Seminary of Functional Syntax. São Paulo: USP, 2002.

numa forma radial, tendo ao centro o léxico e à volta o discurso, a semântica e a gramática. Cada um desses sistemas dispõe de categorias próprias. Situações de interface podem ocorrer, porém não implicam em derivação nem em subordinação.

Nossa mente deve operar simultaneamente sobre esses conjuntos de categorias, e os produtos lingüísticos que daí resultam podem ser representados como uma constelação. Quero com isto dizer que qualquer expressão lingüística exhibe simultaneamente propriedades discursivas, semânticas e gramaticais, variando embora o grau de saliência entre elas. Essa postulação retira da agenda da gramaticalização a problemática distinção entre *itens lexicais* e *itens gramaticais*.

Tais palavras alertam para a impossibilidade de sustentar um modelo de mudança lingüística que veja a língua de maneira simplista e linear. Ao contrário, é preciso que tal modelo convirja com uma visão de língua que abarque a sua complexidade e dinamicidade. Assim, a crítica do linguista brasileiro parece-nos legítima e converge ao princípio, antes assumido, dos Modelos de Uso da GrC, de que uma língua é uma rede de símbolos – construções, pares forma/função – erguidos na cultura, em que cada nóculo/construção mantém relações multidirecionais com as demais construções da língua através de elos de herança (cf. seção 2.3).

Um ponto ainda relevante diz respeito ao fato de as mudanças envolvidas no processo de gramaticalização não ocorrerem de repente. Elas vão se concretizando através do tempo e, fundamentalmente, através do aumento de sua frequência de uso.

Visando os momentos que antecedem a consolidação de tais mudanças, o estudo de Hopper (1991 *apud* Gonçalves *et al.*, 2007:79-85) procura compreender os estágios mais incipientes do processo. O linguista propõe cinco parâmetros para o entendimento desses estágios: **estratificação** (coexistência entre formas antigas e a nova forma de se indicar uma ideia); **divergência** (preservação, na unidade que dá origem à gramaticalização, de suas propriedades originais); **especialização** (diminuição das opções no exercício de determinada função em vista de uma alternativa ser mais gramaticalizada); **persistência** (conservação de parte da semântica da forma fonte na forma alvo); e **deategorização** (tendência à perda ou neutralização de marcas morfológicas e privilégios sintáticos de categorias plenas). Valar-nos-emos dessas categorias, à seção 5.4, na tarefa de indicarmos evidências

de que se trata a Construção SEC de uma construção em processo de gramaticalização.

Expostas nossas assunções acerca da gramaticalização, passamos a expor brevemente algumas considerações acerca da possível convergência entre o estudo desse tipo de mudança e os Modelos de Uso da Gramática das Construções.

2.4.2 Gramaticalização e Gramática das Construções: algumas convergências

Conforme sinalizamos ao final da seção anterior, um modelo contemporâneo de gramaticalização deve enxergar o fenômeno de maneira multidimensional, atestando, com isso, a dinamicidade da linguagem, que agrega, simultaneamente, informações de ordem lexical, discursiva, semântica e gramatical. Nesses termos, modelos de investigação da gramaticalização dialogam ampla e convergentemente com os modelos que integram a GrC em sua variante baseada no uso efetivo da linguagem.

Miranda (2008b:33), em trabalho que discute e propõe uma aproximação entre tais modelos, apresenta três pontos chave, a saber:

1. A incorporação da perspectiva dos **Modelos de Uso**;
2. A vinculação ao conceito de **construção**;
3. A afirmação da **diversidade** como parâmetro nuclear da gramática.

O primeiro ponto (e do qual decorrem os demais) põe relevo no caráter dinâmico da linguagem e na conseqüente dimensão que o uso assume na configuração da gramática de uma língua: “os processos de convencionalização que emergem na gramática e no léxico têm sua gênese nas escolhas simbólicas motivadas sociocognitivamente e reiteradas pelo uso coletivo” (MIRANDA, 2008b:33).

Nesse viés, não se trata estritamente de mudança linguística, mas do recrutamento de novas funções para velhas formas e de novas formas para velhas funções (cf. introdução desta seção). Na pesquisa que estamos empreendendo, por exemplo, temos a designação de uma nova função para a forma da Construção Ergativa Causal (“*João morreu de gripe*”) – que não deixa, contudo, de existir –,

originando uma nova construção que funciona como Construção Modificadora de Grau (“João morreu de inveja”). Essa nova construção, por sua vez, vem a suscitar a noção escalar em graus muito elevados, antes elucidada por construções que, devido a sua alta frequência de uso, cristalizaram-se e, conseqüentemente, perderam força pragmática (e.g. “João teve inveja demais”). Certamente, nesse momento da história da Língua Portuguesa, quem teve “inveja demais”, vivenciou com menos intensidade esse sentimento do que aquele que “chorou/morreu/mijou/cagou de inveja”.

Sobre a importância da frequência na gramaticalização de uma construção, Bybee (2003:604), alinhando-se com Haiman (1994¹⁷) para afirmar a **gramaticalização como um processo de ritualização**, propõe que a repetição (base da ritualização) cumpre fundamental papel no decorrer da gramaticalização de uma construção e ocasiona os seguintes aspectos:

- (i) A frequência de uso leva ao enfraquecimento da força semântica pelo hábito – processo pelo qual um organismo para de responder com o mesmo vigor a um estímulo repetido.
- (ii) Mudanças fonológicas de redução e de fusão de formas gramaticalizadas são condicionadas por sua alta frequência e seu uso em partes de enunciados que contém informação velha ou de fundo.
- (iii) O aumento da frequência confere uma grande autonomia para a construção dentro da rede de construções de uma língua, já que seus componentes, em termos individuais, enfraquecem ou perdem sua associação com outras de suas instâncias.
- (iv) A perda de transparência semântica acarretada pela divisão dos componentes de uma construção e seus congêneres lexicais permite o uso da construção em novos contextos com novas associações pragmáticas, levando à mudança semântica.
- (v) A autonomia de uma forma frequente a faz mais entrincheirada na linguagem e frequentemente condiciona a preservação de características morfossintáticas obsoletas. [Trad. nossa]

O segundo ponto de proximidade entre os modelos está ligado à evolução do “tratamento simbólico dos processos de mudança linguística e para a conseqüente visão holística das unidades linguísticas”, que, por seu turno, torna “a postulação da construção como a unidade analítica, por excelência, [...] um ponto de consenso teórico-analítico possível e já anunciado” (MIRANDA, 2008b:34).

¹⁷ HAIMAN, J. Ritualization and the development of language. In: PAGLIUCA, W. (ed.). **Perspectives on grammaticalization**. Amsterdam: John Benjamins, 1994. p.03-28.

Acerca desse tópico, Bybee (2003:602) demarcou importante posição ao afirmar que não é suficiente definir gramaticalização como o processo pelo qual itens lexicais se tornam morfemas gramaticais, mas, uma vez que o processo ocorre no contexto de uma construção particular, que é a construção com itens lexicais próprios que se gramaticalizam e não o item propriamente dito. Para a autora (2003:603), uma definição pertinente de gramaticalização deve, reconhecendo o papel da repetição, caracterizá-la como o processo em que uma sequência de palavras ou morfemas usados com frequência passam a ser processadas como algo único, portanto, como construção.

Em vista disso, tal como afirma Miranda (2008b:34),

o espaço ideal para se postularem mudanças de itens do léxico ou da gramática é o da rede de construções que institui a gramática de uma língua. A gramaticalização de uma conjunção concessiva, como o *nem que*, por exemplo, em vez de ser estudada de modo isolado, passa a ser compreendida a partir de uma construção concessiva específica, a Construção Concessiva de Polaridade Negativa (CARVALHO-MIRANDA, 2008), onde tal item particular ocorre e se gramaticaliza. Dito de outro modo, a gramaticalização se dá dentro de construções particulares, ou seja, itens lexicais desenvolvem funções gramaticais dentro de construções.

O terceiro tópico recai sobre a diversidade dos sistemas linguísticos. Conforme apontamos à seção 2.3, para a GrC, centro e periferia (ou seja, sistematicidades e as ditas idiosincrasias) recebem o mesmo tratamento analítico-descritivo assim como a gramaticalização, encarada como emergência de novos padrões construcionais, certamente deve traçar percursos idênticos (MIRANDA, 2008b:35-36).

O trabalho de Traugott (2009) também advoga abertamente em favor da aproximação entre gramaticalização e os Modelos de Uso da Gramática das Construções, corroborando com o que vimos tecendo sobre o assunto. Em artigo intitulado “*Grammaticalization and Construction Grammar*”, a linguista norte-americana (2009:98) aponta que tal convergência pode trazer ganhos extremamente valiosos para ambos os modelos:

- (1) O trabalho em gramaticalização traz para a gramática das construções foco em: (a) mudança dinâmica e emergência de novos padrões construcionais através do tempo e dos falantes; (b) desenvolvimento semasiológico (a trajetória de microconstruções); (c) unidirecionalidade (de micro a

macroconstruções, aumento de esquematicidade e produtividade de *token/type*, decréscimo de composicionalidade); e (d) a hipótese de que construções podem se gramaticalizar em qualquer nível.

- (2) A perspectiva construcionista, por sua vez, leva a gramaticalização a focalizar: (a) o pareamento forma-sentido; (b) o alinhamento de padrões de uso e padrões gramaticais a partir do par forma/sentido; e (c) o desenvolvimento onomasiológico (incorporação de microconstruções na rede de construções de uma língua).

Nesse cenário, Traugott (2009:99-100) ainda postula a analogia como uma estratégia central na “geratividade” e renovação da gramática, o que nos remete diretamente à noção de herança que assumimos acima (cf. seção 2.3).

Em vista de tudo o que foi aqui dito, parece-nos clara a ideia de que uma análise que se valha do promissor casamento entre os modelos discutidos tenderá a ser mais rica e, conseqüentemente, ajudar-nos-á a entender melhor a construção que estamos investigando. De tudo, se cometemos algum equívoco, a intenção foi sempre o diálogo e a discussão, jamais a postulação de “verdades”.

Antes de passarmos ao próximo capítulo, olhemos para um fenômeno que tange de maneira direta o presente estudo: o fenômeno do *mismatch*, ou desencontro.

2.5 O fenômeno do *mismatch*

Mismatch, ou desencontro, é uma incongruência sincrônica, relativa a exemplos mais gerais da língua, no mapeamento forma-função de certos itens/expressões em uma determinada construção (TRAUGOTT, 2007:526). Esse conflito estrutural pode, nesses casos, ter natureza semântica, sintática ou mesmo sintática e semântica.

Sampaio (2010:48-51), valendo-se dos exemplos de Traugott (2007) para ilustrar esse tipo de desconexão, põe que as construções modificadoras de grau podem ser divididas em duas classes distintas: intensificadores – posicionam seu núcleo, para cima (“muito”) ou para baixo (“pouco”), em uma escala; e maximizadores – posicionam seu núcleo sempre no topo da escala

“completamente”). Os primeiros interagem, prototipicamente, com núcleos graduáveis/limitados (“Muito bonito, mesmo”), enquanto que os outros, com núcleos não-graduáveis/delimitados (“Totalmente Grátis”). Alguns exemplos, porém, transgridem esse padrão e apresentam-se como uma discrepância do comportamento típico desses itens¹⁸:

(02) A moda fitness ganhou espaço porque ela é uma moda muito confortável, é muito barata e **completamente bonita!**

<revistapegn.globo.com>

(03) Ahh, passagens na TAM daqui da Bahia para POA, saiu R\$ 390,00...
muito grátis vei

<http://listas.spftwarelivre.org>

Em (1), um núcleo graduável – “bonito” – interage com um maximizador – “completamente” – e, em (2), um núcleo não-graduável – “grátis” – combina-se com um intensificador – “muito”, configurando, por isso, um *mismatch* entre o comportamento padrão desses itens e o que desempenham nesses casos.

Os estudos construcionistas desse fenômeno apontam para o mecanismo de **Coerção** como o mecanismo responsável pela resolução desse desencontro em termos processuais. Pustejovsky (1995¹⁹:xi citado em BRODBECK, 2010:39) define coerção como uma “uma operação semântica que converte uma expressão, α , ao tipo esperado pela função que a rege, β ”. Traugott (2007:529) vê a Coerção como um fenômeno “semântico-pragmático”, que possibilita ao usuário interpretar a elocução a partir da cena cognitiva evocada.

O estudo do fenômeno do *mismatch* tem ganhado terreno nas pesquisas linguísticas e, conforme Brodbeck (2010:38),

vem se tornando uma das pautas mais caras para discussões linguísticas recentes, especialmente, para linguistas cognitivos que assumem programaticamente o Princípio da Continuidade na cognição humana. Essa questão é também relevante para a Gramática das Construções, porque Construção é um **pareamento** de forma e sentido e a hipótese *default* a esse respeito é a homologia da arquitetura das estruturas semânticas e formais que constituem a Construção. [Grifos da autora]

¹⁸ Exemplos extraídos de Sampaio (2010).

¹⁹ PUSTEJOVSKY, J. **The generative lexicon**. Cambridge: MIT Press, 1995.

No capítulo próximo, passamos à resenha do tratamento que recebeu nas ciências linguísticas, até o momento, o fenômeno da intensificação.

3 A INTENSIFICAÇÃO COMO FENÔMENO LINGUÍSTICO

*“Eterno é tudo aquilo que vive uma fração de segundo/
mas com tamanha intensidade que se petrifica e
nenhuma força o resgata”*
Carlos Drummond de Andrade

A construção do português que tomamos como objeto de estudo tem como conteúdo semântico definidor a noção de intensidade, mais especificamente a intensidade em versão superlativa (cf. Introdução).

Em nosso cotidiano, as experiências que vivenciamos e as ações que praticamos não são sempre iguais: elas se diferenciam, dentre outras coisas, pela intensidade com que ocorrem, isto é, pela maior ou menor força com que nos marcam. A intensidade, em outras palavras, posiciona nossas experiências em uma escala subjetiva (cf. seção 2.2.1): se mais intensa, uma experiência é “colocada” em níveis mais elevados da escala; se vivenciada de maneira mais comum, em níveis medianos; e se menos intensa, em níveis inferiores da escala. Por isso, podemos dizer que a intensidade gradua subjetivamente o que vivemos e, naturalmente, a forma como nos referimos a essas vivências.

A intensidade é tão central em nossa experiência, que costuma determinar se arquivamos algo em um “lugar” mais ou menos acessível em nossa memória. Quem, por exemplo, gosta de esportes não costuma lembrar-se com facilidade de todas as partidas de futebol que assistiu, por mais fanático que seja. Mas aquelas que lhe causaram mais emoção (por que os sentimentos provocados, bons ou ruins, foram mais intensos que o “normal”), seja porque era a mais decisiva, ou porque o resultado contrariou uma lógica, possuem lugar especial na memória e, geralmente, podem ser facilmente acedidas.

A linguagem, como reflexo de nossas atividade mentais, possui, então, uma vasta gama de estratégias para sinalizarmos para o nosso interlocutor a força, a intensidade com que experimentamos/realizamos algo ou mesmo julgamos como foi (para o outro), ou é (para nós), vivenciar algo.

No Brasil, poucos estudos, no entanto, procuraram investigar o reflexo da intensidade na linguagem. Este capítulo é, de toda forma, dedicado às abordagens

prévias desse assunto. Mostraremos como foi, até o presente momento, tratado o tema na Tradição Gramatical (TG), ou seja, nas Gramáticas Normativas (seção 3.1), e na Tradição Linguística, mais especificamente, na Análise do Discurso, em estudos da enunciação e argumentação (seção 3.2), no Funcionalismo (seção 3.3) e, finalmente, na perspectiva Sociocognitiva e Construcionista da Linguagem (seção 3.4).

3.1 A intensificação na Tradição Gramática (TG)

Na TG, o fenômeno da intensidade, e sua manifestação na linguagem, não recebe um tratamento específico, sendo relegado à periferia de outros estudos. A Moderna Gramática Portuguesa (BECHARA, 2005), assim como outras Gramáticas Normativas (CUNHA E CINTRA, 2007, por exemplo, segue a mesma linha), trata a noção em nível semântico-formal, circunscrita ao nível lexical (grau de substantivos, adjetivos e advérbios, e do uso de advérbios de intensidade), oracional (oração subordinada adverbial comparativa) e estilístico (pleonasma).

Em relação ao grau dos substantivos, a intensidade é marcada através do uso de sufixos derivacionais (“casarão”/“casinha”)²⁰ e adjetivos escalares (“casa grande”, “casa pequena”), que marcam os graus aumentativo e diminutivo (BECHARA, 2005:140).

Para os Adjetivos, Bechara (2005:148-152) apresenta três tipos possíveis de gradação para as qualidades que expressam: positivo, “enuncia simplesmente a qualidade” (“O rapaz é cuidadoso”); comparativo, compara a qualidade entre seres, sugerindo igualdade (“O rapaz é tão cuidadoso quanto os outros”), superioridade (“O rapaz é mais cuidadoso que os outros”) e inferioridade (“O rapaz é menos cuidadoso que os outros”); e superlativo, que pode “ressaltar com vantagem ou desvantagem, a qualidade do ser em relação a outros seres (“O rapaz é mais/menos cuidadoso dos pretendentes ao emprego”) ou “que a qualidade do ser ultrapassa a noção comum que temos dessa mesma qualidade (“O rapaz é muito cuidadoso”/“O rapaz é cuidadosíssimo”). Além dessas, ainda estariam incluídas entre as estratégias

²⁰ Todos os exemplos apresentados no presente capítulo foram extraídos da obra de seus respectivos autores.

linguísticas que sugerem intensidade a repetição do adjetivo (“O dia está belo belo”), as comparações em lugar do superlativo (“Pobre como Jó”) e o uso de adjetivos diminutivos (“Blusa amarelinha”).

Dentre os Advérbios, Bechara (2005:291) postula os chamados advérbios de intensidade (“Andou *mais/muito* depressa”, “Andou depressa *demais*”) que confeririam, por si só, intensidade ao(s) termo(s) com o(s) qual(is) se associam (verbos, adjetivos e outros advérbios). Segundo o gramático brasileiro (BECHARA, 2005:295), os advérbios, de maneira geral, podem ainda apresentar gradação comparativa (“Falou mais/menos alto que o irmão”/“Falou tão alto quanto o irmão”) e superlativa. A última pode ser alcançada através da forma sintética (“Falou pessimamente/altíssimo”), absoluta (“Falou muito ruim/alto”) ou através do uso do diminutivo (“Andar devagarzinho”).

As chamadas Orações Subordinadas Adverbiais Comparativas também implicariam graus de intensidade para Bechara (2005:473-474), suscitando igualdade (“Janete estuda tanto quanto trabalha”), inferioridade (“Janete estuda menos do que trabalha”) e superioridade (“Janete estuda mais que trabalha”). Além desses casos, o autor afirma que (a) as formas adjetivas “maior”, “menor”, “melhor” e “pior” (“As qualidades devem ser maiores que os vícios”) e (b) as unidades multiplicativas (“A nota conseguida é o *dobro* que o candidato merecia”), indefinidas (“Tudo nele era o *mesmo* que se vira antes”) e advérbios de valor seletivo (“O roubo *antes* denigre o ladrão que lhe aumenta os haveres”) podem atuar como quantificadores no lugar dos quantificadores mais canônicos.

Por fim, o Pleonasma é apresentado como “a repetição de um termo já expresso ou de uma ideia já sugerida, para fins de clareza ou ênfase” (BECHARA, 2005:594). São exemplos dessa estratégia “monopólio exclusivo”, “protagonista principal”.

Cunha e Cintra (2007:258-259) ainda trazem que “o acréscimo de um prefixo ou de um pseudoprefixo, como *arqui-*, *extra-*, *hiper-*, *super-*, *ultra-*, etc. (*arquimilionário*, *extrafino*, *hipersensível*, *superexaltado*, *ultra-rápido*)”, o uso de expressões fixas, como “podre de rico” e o “artigo definido, marcado por uma tonicidade e uma duração particular (“Ela não é apenas uma excelente cantora, ela é **a cantora**”) também podem formar grau superlativo.

É interessante notar que, em todos os âmbitos discutidos, a intensificação é apontada como estruturas formais cujas funções semânticas são passíveis de serem

identificadas e estabelecidas *a priori*, revelando que a simples articulação de uma forma, por si só, garante-nos determinados efeitos de sentido que sugerem uma intensidade específica.

Ao posicionarem o fenômeno de tal maneira, as gramáticas normativas ignoram dois princípios que são fundamentais na abordagem que adotamos. Primeiramente, não é considerada a premissa cognitivista de Fauconnier (1994:xxii) de que o significante não porta o significado. Em segundo lugar, é ignorada a criatividade da mente humana que, partindo de vários processos cognitivos (como metáfora e metonímia), é capaz de estabelecer maneiras altamente inovadoras para expressar um conceito.

A TG, assim, não fornece base para a descrição de construções que fogem aos padrões regulares postulados pelos gramáticos normativos, como a Construção Superlativa de Expressão Corporal, objeto do presente estudo. Contudo, essas obras podem funcionar como fonte de questões e ponto de partida para a investigação linguística.

3.2 O ponto de vista da Semântica Argumentativa

O ponto de vista que passamos a enunciar na presente seção emerge do trabalho de Lopes (2000)²¹, discutido de maneira breve em Lopes (2001), e situa-se no âmbito na Análise do Discurso e, no interior deste, na Semântica Argumentativa.

Nessa perspectiva,

a linguagem não se limita apenas a exteriorizar um pensamento ou transmitir informação. Ao contrário disso, ela serve, principalmente, para realizar ações, atuar sobre o alocutário, persuadir, argumentar, veiculadora que é de ideologias. Na interação o sujeito se identifica com aquilo que diz, revelando o caráter subjetivo e dialógico da linguagem. (LOPES, 2001:01)

Essa visão, então, não se limita, como nas gramáticas normativas, a aspectos formais e semânticos cristalizados, trazendo para a língua o componente

²¹ LOPES, C. A. G.. **Processos de intensificação na norma urbana culta de Salvador**. Salvador: UFBA, 2000. 347 f. Tese (Doutorado em Letras – Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2000.

enunciativo, que nos permite entender as estratégias de intensificação como operadores pragmáticos da linguagem, isto é, como estratégias retóricas ligadas à força argumentativa de uma determinada ideia, que visa expressar um grau de apreciação, mas também manipular e persuadir o interlocutor, impressionando-o.

Os processos de intensificação, nesse enquadre, são agrupados em duas grandes classes semânticas: amplificadores, marcam “uma intensificação tipo aproximativa, adequada ou excessiva, situada acima do grau médio, ou então de uma intensificação absoluta ou totalizante”; e atenuadores, marcam uma intensificação do tipo aproximativa ou minimal situada nas proximidades ou abaixo do grau médio.

Assim, nos termos de Lopes (2001:03),

os intensificadores [...] nem sempre se limitam a indicar um simples aumento ou diminuição da intensidade. Podem indicar também um ponto numa escala de valores situável acima ou abaixo do ponto neutro (ou médio) dela, como é o caso dos amplificadores relativos, capazes de expressarem uma intensificação relativa, correspondente aos graus aproximativo-superior, médio-superior e superior, quando, então, se pode dizer que há uma intensificação graduada, onde o grau está para a intensificação assim como o número para a quantificação.

Postula-se, então, para a intensificação uma dupla característica: afetiva e argumentativa, pois revela o desejo de o interlocutor interagir no meio social, influenciando persuasivamente no interlocutor, impressionando-o, empolgando-o comovendo-o, envolvendo-o, apaixonando-o, seduzindo-o e instigando-o, levando-o a mudar/manter uma conduta que esteja em acordo com o enunciador (LOPES, 20001:04).

Vendo dessa forma, o uso de intensificadores revela muito mais do que a noção de gradualidade, apontando para a subjetividade e a relatividade que compõe a experiência de cada um, que, segundo Lopes (2001:03), implica na

posição que o locutor assume perante uma determinada apreciação, que pode tomar uma dentre duas direções, a partir de um ponto neutro: para cima, quando o locutor transmite de forma veemente seus sentimentos, destacando ou intensificando uma noção com ênfase ou exagero, como ocorre nas hipérboles; e, para baixo, quando atenua uma noção para expressar cortesia, como acontece no eufemismo. Esse caráter relativo intimamente ligado à subjetividade dos intensificadores (que faz com que, por exemplo,

para um mesmo trabalho escolar feito por um aluno, um professor o considere bom e outro o considere regular) é que vai fazer com que a apreciação adquira um valor argumentativo. É por isso que se diz que paralelamente a uma escala gradativa ou de valores (ligada ao componente lingüístico) há uma escala argumentativa (ligada ao componente retórico, às intenções do locutor).

3.3 A abordagem Funcionalista

Uma abordagem Funcionalista concebe, de acordo com Furtado da Cunha (2008:157),

a linguagem como um instrumento de interação social, alinhando-se, assim, à tendência que analisa a relação entre linguagem e sociedade. Seu interesse de investigação lingüística vai além da estrutura gramatical, buscando na situação comunicativa – que envolve os interlocutores, seus propósitos e o contexto discursivo – a motivação para os fatos da língua. A abordagem funcionalista procura explicar as regularidades observadas no uso interativo da língua, analisando as condições discursivas em que se verifica esse uso.

Consoante a essa visão de linguagem, Silva, J. R. (2008), baseando-se em Halliday (1976, 1985²²), visa abordar a intensificação como um fenômeno vinculado não apenas à função ideacional – manifestação de conteúdo –, mas também às funções interpessoal – relacionada à construção e manutenção de relações sociais – e textual – ligada à “teia” emaranhada pela própria linguagem, que estabelece vínculos consigo mesma e com as situação nas quais é utilizada.

A intensificação, em termos desse tripé, apresenta-se a partir da necessidade de o falante relacionar um grau intensivo, isto é, uma noção superelevada a uma determinada realidade, considerada em nível além do “normal” (manifestação de conteúdo cognitivo, função ideacional): “eu dormi a manhã inteira porque tava **super frio...**”. A atribuição dessa intensidade, contudo, revela um caráter subjetivo, não se limitando à manifestação de um conteúdo semântico, mas também de revelação de um mundo interno, que reflete um juízo de valor, uma

²² HALLIDAY, M. A. K. Estrutura e função da linguagem. In: LYONS, J. (Org.). **Novos horizontes em lingüística**. São Paulo: Cultrix, 1976. p. 134-78.

_____. An introduction to functional grammar. London: Edward Arnold, 1985.

avaliação pessoal. Tal expressividade está, dessa forma, a serviço de intenções informativas e retórico-argumentativas do locutor para com seu interlocutor (função interpessoal).

Assim, de acordo com Silva, J. R. (2008:09), quando afirmamos, por exemplo, que “algo é *muito longe/longíssimo*” ou que algo é “ruim... ruim... ruim... ruim...”, o locutor “não está apenas expressando um estado de coisas, mas também fazendo uma avaliação pessoal dessa realidade e, ao mesmo tempo, fornecendo certas instruções de sentido, com vistas a atingir algum propósito socio comunicativo”.

Como observa Silva, J. R. (2008:12),

A aplicação de características sobrelevadas em nomes ou verbos tem, ainda, a função de participar na coesividade textual, assessorando no mapeamento da teia de significados que se cruzam no interior do texto. Significa dizer que a aplicação de marcas superlativas especiais a um item transforma-o num componente de extrema relevância e indispensável na confecção da malha textual, uma vez que este aponta para outras entidades endofóricas circunvizinhas, auxiliando no estabelecimento das relações co-textuais. Desse modo, um elemento é esclarecido em função do outro, o que os torna interdependentes e co-participantes num determinado conjunto de signos.

No exemplo

... você vê que a gente adota um pre/ elege um presidente... ele não é solução pros nossos problemas... pelo contrário... a gente pensa que vai ser... mas aí dificulta mais as coisas... o salário diminui... as coisa aumenta... a inflação sobe lá pra cima... pronto... sobe lá pra cima... olha que coisa... vai subir pra onde? pra baixo? mas... a... é uma situação **super difícil** sabe? **super difícil mesmo**...

a expressão intensificada funciona, segundo Silva, J. R. (2008:13), como uma “retomada avaliativa de tudo o que havia sido dito antes”, atuando, por isso, como anáfora que retoma resumindo e concluindo o posicionamento apresentado em um momento anterior, acerca da frustração de não se ver nada resolvido após a eleição.

Tendo percorrido três visões acerca do macrotema investigado, passamos, enfim, a apreciação que recebeu dentro programa investigativo no qual estamos inseridos.

3.4 A intensificação de uma ótica Sociocognitiva e Construcionista

Embora muito se tenha avançado desde a abordagem mais tradicional à funcionalista, é no seio do Paradigma Cognitivista e Construcionista (cf. capítulo 2) que a intensificação tem sido tratada de forma mais holística, buscando entendimento de suas múltiplas funções, a partir de uma análise que integra forma, sentido, uso e motivações conceituais (cf. introdução).

No Brasil, o macroprojeto “Construções Superlativas no Português do Brasil: um estudo sobre a semântica das escalas” (MIRANDA, 2008a – CNPq), vinculado ao GP Linguística e Cognição da UFJF, assume esse ponto de vista e vem buscando explicar e evidenciar o caráter de analisabilidade e recorrência de alguns nódulos da grande rede de Construções Superlativas. Como veremos mais adiante, à seção 5.1, essas construções, de maneira geral, alinham-se em torno de uma dimensão conceptual (evocação de um *frame* escalar focalizado em seu grau máximo ou mínimo) e comunicativa (saliência expressiva) específicas (MIRANDA, 2008a:01).

Conforme apresentamos à Introdução, o projeto tem como produto quatro dissertações (SAMPAIO, 2007; ALBERGARIA, 2008; CARVALHO-MIRANDA, 2008; e CARRARA, 2010), já defendidas, um relatório de pós-doutorado (MIRANDA, 2008b), além deste trabalho.

O trabalho de Sampaio (2007) (que como se verá no capítulo 5, foi o ponto de partida de nosso trabalho), investigando a polissemia do léxico de “morte”, deparou-se com um padrão construcional bastante produtivo, a construção, então nomeada Superlativa Causal – X MORRER DE Y (“Centenas de pessoas **morrem de frio** em Moscou. Mais de 250 moradores de rua já morreram em consequência de baixas temperaturas.”) –, que, usada metaforicamente, serve para demarcar a superlatividade de um nome (“As garotas devem **morrer de pena** de você e do seu dedinho nu”) ou de um verbo (“E outros, como o Alexandre Borges e o Paulo Gorgulho, já me pararam e disseram que **morrem de rir** com as cenas do Cabeção e do MauMau.”).

Carvalho-Miranda (2008), por sua vez investigou a Construção Concessiva de Polaridade Negativa, que tem como gatilho do valor escalar um satélite concessivo do tipo “nem que”. A autora identificou duas variantes dessa construção:

[P nem que Q], “*Eu escrevo aqui, **nem que** seja qualquer coisa.*”; e [~ P nem Q], “*Ela não perdia uma frase, **nem que** isso custasse perder um amigo.*”.

Albergaria (2008) focou a expansão figurativa e categorial do léxico relativo ao *frame* de “animal”, que no interior da Construção Superlativa Lexical do Domínio ‘Animal’, os vocábulos que suscitam esse *frame* atuam como operador escalar de grau superlativo: “*Uma **fera** da informática*”; “*um comício **monstro***”.

Em dissertação defendida recentemente, Carrara (2010) abordou as nomeadas Construções Superlativas Causais Nominais. Nessas construções, verbos que suscitam *frames* de impacto físico, orgânico e emocional atuam como Operadores Escalares de Núcleos Graduáveis nominais: “Tribos brasileiras ainda praticam o infanticídio. O livro traz *histórias de arrepiar*. Impressionante...”, “*Esse senador é chato de doer*, mas é oportunista, sonso...”.

Miranda (2008b), por sua vez, abordou a Construção Negativa Superlativa de IPN (Itens Sensíveis à Polaridade), cujo Operador de Escala Superlativa é um “SN que, em sua origem, expressa unidades mínimas dentro de distintas escalas de dimensão e dimensão/valor”: “*Não dou **um passo!***”; “*Não empresto **um tostão!***”; “*Não escrevo **uma linha!***”.

O trabalho de Bronzato (2010), realizado fora dos domínios do macroprojeto “Construções Superlativas no Português do Brasil” (mas coorientado por Miranda), assume a mesma perspectiva na investigação da Construção Gramatical de Hiperbolização, construção que evoca cenas de sucesso a partir da metáfora complexa “Sucesso é Destruição” para demarcar superlatividade: “Claro que Hollywood sempre privilegiou a beleza e neste quesito, **Diane arrasa**”, “Eu só sei que **Waldick Soriano arrebentou**”.

Tais trabalhos, diferentemente dos demais, apresentam uma busca contínua de se desvelarem os nódulos da grande rede de construções superlativas, investigando construções tanto em nível lexical quanto em nível oracional.

As abordagens do fenômeno da intensificação que aqui apresentamos possuem, é fato, diferente pertinência em relação à forma como vemos o mundo. Mesmo assim, todas contribuem, de alguma maneira, com nossa pesquisa: as visões da Semântica Argumentativa e Funcionalista contribuem, sobretudo, pelo relevo que dão ao fenômeno na língua em uso; a visão tradicional, por seu turno, apresenta-se como ponto de partida, especialmente a questionamentos não só em

relação ao macrotema que estamos investigando, mas também a vários outros objetos de natureza gramatical.

Como propõe Carrara (2010:63-64), o que nenhum desses pontos de vista, entretanto, oferecem

é uma abordagem holística de forma-significado, de tal modo a promover a análise da forma em compasso simultâneo com a dimensão semântica e pragmática. Esta é uma tarefa que as abordagens construcionistas da gramática podem cumprir de modo bem mais primoroso.

Tarefa que buscaremos realizar no decorrer dos próximos capítulos.

4 METODOLOGIA

“não há nenhum corpus que contenha toda a informação que eu quero explorar, [mas] todo corpus me ensinou coisas sobre a linguagem que eu não teria descoberto de nenhum outro modo.”

Charles Fillmore

Uma vez que nosso paradigma teórico implica entender a gramática como uma rede de símbolos erguidos na cultura e a significação como um jogo interacional dinâmico (cf. capítulo 2), nossa escolha metodológica envolve igual perspectiva, qual seja, uma abordagem do objeto investigativo através de evidências empíricas colhidas no discurso real. Para tanto, elegemos os parâmetros da Linguística de *Corpus*²³ (ALUISIO E ALMEIDA, 2006; SARDINHA, 2000; 2004) como nosso aporte analítico. Essa escolha nos possibilita estudar nosso objeto através da análise de um *corpus*, isto é, de uma grande massa de dados naturais – dados autênticos, produzidos com finalidades comunicativas – e, ainda, aplicar procedimentos de ordem quantitativa, mais especificamente a verificação do grau de convencionalização (frequência de *token*) e produtividade (frequência de *type*) da construção em foco (cf. seção 2.3.3).

Além disso, como nos alerta Miranda (2008b:41),

a utilização de outros métodos usados pela Linguística, como a **introspecção** pura, baseada na intuição do lingüista, ou a **extração** de dados através de experiências ou inquéritos [...], ainda que válidos numa perspectiva mais formalista do significado, acarretaria [*nesse tipo de estudo*] um risco de distorção de análise. É que aquilo que as pessoas pensam sobre o pensamento e a linguagem não é necessariamente o modo como o pensamento e a linguagem operam. Assim, a análise das redes de sentido no fluxo discursivo real, espontâneo pode minimizar o perigo das distorções metodológicas, permitindo-nos aceder a dimensões não conscientes do uso da linguagem, tais como às representações e aos processamentos cognitivos da significação.

²³ Aqui não entraremos no mérito acerca do *status* da Linguística de *Corpus*: se se trata de uma disciplina ou de uma metodologia. Uma vez que a vemos como uma maneira de aplicar um conjunto de pressupostos teóricos (SARDINHA, 2000:356), consideramo-la uma metodologia. Para uma discussão mais profunda sobre o assunto, ver Sardinha (2000; 2004).

Ante tal definição, passamos, nas seções seguintes, a delinear alguns aspectos dessa escolha, a oferecer argumentos que justifiquem o diálogo entre Linguística Cognitiva e Linguística de *Corpus*, além de apresentar os caminhos percorridos na montagem do *corpus* específico que subsidia esta pesquisa e sua análise.

4.1 Linguística de *Corpus*, do que se trata?

De acordo com Sardinha (2000:325), a Linguística de *Corpus*

ocupa-se da coleta e exploração de *corpora*, ou conjunto de dados lingüísticos textuais que foram coletados criteriosamente com o propósito de servirem para a pesquisa de uma língua ou variedade lingüística. Como tal, dedica-se à exploração da linguagem através de evidências empíricas, extraídas por meio de computador.

Epistemologicamente, então, a Linguística de *Corpus* alinha-se a Halliday (1991, 1992²⁴ *apud* SARDINHA, 2000) ao adotar uma **abordagem empirista** – o conhecimento se origina da observação dos dados – e **uma visão da linguagem enquanto sistema probabilístico** – embora muitos traços lingüísticos sejam possíveis, eles não ocorrem com a mesma frequência. E, naturalmente, se opõe à visão chomskyana, segundo a qual o conhecimento lingüístico provém de princípios estabelecidos *a priori* e a linguagem é vista como possibilidade.

Nessa visão, a variação não é aleatória, mas sim um mapeamento regular entre a frequência de um traço e o contexto de ocorrência. De acordo com Biber (1988, 1995²⁵ *apud* SARDINHA, 2000:451), “há uma correlação entre características lingüísticas e situacionais (os contextos de uso)”.

²⁴ HALLIDAY, M. K. Corpus studies and probabilistic grammar. In: AIJMER, K.; ALTENBERG, B. (org.). **English corpus linguistics**: Studies in honour of Jan Svartvik. London: Longman, 1991. p.30-43.

_____. Language as system and language as instance: The corpus as a theoretical construct. In: J. SVARTVIK (org.). **Directions in Corpus Linguistics**. Proceedings of Nobel Symposium 82, Stockholm, 4-8 August 1991. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 1992. p.61-78

²⁵ BIBER, D. **Variation across Speech and Writing**. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

_____. **Dimensions of Register Variation: A Cross-Linguistic Comparison**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

4.2 Uma definição para *corpus*

Em pesquisas linguísticas, os *corpora* sempre foram instrumentos de grande valia. Exemplo disso foram os empreendimentos lexicográficos que tomaram por base um certo banco de dados, como o dicionário elaborado pelo padre Rafael Bluteau, entre 1712 e 1728, nomeado “Vocabulário Portuguez e Latino”, que fixou um *corpus* de 406 obras de autores dos séculos XV a XVII para servirem de exemplário (ALUÍSIO E ALMEIDA, 2006:156-157).

Na primeira metade do século XX, a tradição estruturalista catalogou uma grande massa de dados das mais diversas línguas, formando largos *corpora* para a realização de estudos de cunho descritivista que possibilitariam o desvelamento das estruturas de tais línguas. O advento do Gerativismo, entretanto, na segunda metade do século XX, vem romper com a tradição dos estudos da linguagem amparados em metodologias empiristas, estabelecendo a intuição linguista como fonte/base para uma pesquisa linguística, sustentada pelo mentalismo racionalista. Juntamente com críticas ao processamento manual de grande massa de dados, o apelo de Chomsky residia basicamente em dois argumentos: (1) nenhum *corpus* seria representativo da linguagem, já que tudo o que produziríamos seria novo, replicaríamos regras, mas não as mesmas instanciações de tais regras; e (2) sendo o linguista um falante competente da língua e o nosso conhecimento sobre a linguagem inato, nada além de sua intuição (do linguista) seria preciso para estudar fenômenos linguísticos (SARDINHA, 2000: 326-327).

Nas décadas finais do século passado, o crescente interesse pelo estudo da linguagem em contextos de usos reais fez renascer o interesse pelos *corpora*. Uma concepção diferente de *corpus*, contudo, vem, sendo cunhada graças à Linguística de *Corpus*. Dentro dessa concepção, um *corpus* é

um conjunto de dados lingüísticos (pertencentes ao uso oral ou escrito da língua, ou a ambos), sistematizados segundo determinados critérios, suficientemente extensos em amplitude e profundidade, de maneira que sejam representativos da totalidade do uso lingüístico ou de algum de seus âmbitos, dispostos de tal modo que possam ser processados por computador, com a finalidade de propiciar resultados vários e úteis para a descrição e análise.

(SANCHEZ, 1995²⁶, p.08-09 citado em SARDINHA, 2000:338)

Como se pode perceber, essa definição apresenta algumas peculiaridades e restringe o uso do vocábulo a uma coletânea extensa e representativa de dados lingüísticos autênticos, cujo conteúdo foi criteriosamente escolhido, legíveis a computador e reunidos com o intuito de ser objeto de pesquisas.

Para McEnery e Wilson (1996²⁷ *apud* ALUÍSIO E ALMEIDA, 2006:157), a noção moderna de *corpus* acarreta ao menos quatro características fundamentais: (a) amostragem e representatividade: o *corpus* deve ser uma amostragem representativa da língua ou variedade de língua investigada; (b) tamanho finito: já que não é possível incluir em um *corpus* toda a linguagem, todo *corpus* é finito; (c) formato eletrônico: no atual emprego do termo *corpus*, é fundamental que os textos que o compõem estejam em formato eletrônico; e (d) referência padrão: uma vez formado um dado *corpus*, ele estará disponível para outros pesquisadores em pesquisas futuras e distintas daquela que primeiramente o compôs, tornando-se uma referência para estudos lingüísticos.

Considerando-se que, inicialmente, um *corpus* é formado para servir a um tipo de pesquisa lingüística e essas são muito variadas, temos também uma extensa tipologia de *corpora*, definidos a partir de critérios variados, como modo (falado/escrito), tempo (sincrônico/diacrônico/contemporâneo/histórico), seleção (de amostragem/monitor/dinâmico/estático/equilibrado), conteúdo (especializado/regional/multilíngue), autoria (de aprendiz/de língua nativa), disposição interna (paralelo/alinhado), finalidade (de estudo/de referência/de treinamento) (SARDINHA, 2000:339-342).

²⁶ SANCHEZ, A. Definicion e historia de los corpus. In: A. SANCHEZ *et al.* (org.). **CUMBRE: Corpus Linguistico de Espanol Contemporaneo**. Madrid: SGEL, 1995.

²⁷ MCENERY, T.; WILSON, A. **Corpus linguistics**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1996.

4.3 A parceria entre Linguística Cognitiva e Linguística de *Corpus*

Como explicitado à introdução do presente capítulo, a Linguística de *Corpus* apresenta-se como uma opção metodológica pertinente ao nosso enquadramento epistemológico sociocognitivista e construcionista. Tal abordagem metodológica permite-nos lidar com uma grande massa de textos autênticos, em linguagem natural, heterogêneos e de múltipla autoria, criteriosamente coletados e armazenados (SARDINHA, 2004:16-20) através de um aparato tecnológico para buscas e quantificação de dados no *corpus*.

Em vista da convergência teórica da Linguística Cognitiva com os Modelos de Uso da GrC, isto é, com a visão de que a gramática de uma língua é formada a partir da recorrência de padrões estabelecidos culturalmente (cf. seção 2.1), a operação com as variáveis de **frequência de *token* (uso)** e **frequência de *types* (tipos)** está no cerne de nossos procedimentos analíticos (seção 2.3.3). Como visto, a primeira está ligada ao grau de convencionalização de uma construção na língua. Assim, quanto maior for a reiteração de uma construção ou sua frequência de uso de uma construção, desde que tenha relevância comunicativa, maior será seu grau de convencionalização em uma dada língua. A segunda diz respeito à produtividade de uma construção, ou seja, à capacidade de uma construção instanciar outros *types*/tipos dentro do mesmo padrão.

Tais parâmetros de frequência estão presentes na visão probabilística que, de igual modo, sustenta a Linguística de *Corpus*. Considerando esse diálogo, tais parâmetros passam, então, a ocupar papel central em nossas análises e trazem à tona um conceito já presente nos primórdios dos estudos saussurianos: a noção de diversidade linguística, de que há mais divergência do que similaridades entre as seis mil línguas do globo terrestre (MIRANDA, 2008b). Ainda que a universalidade ocupe a cena teórica da Linguística Cognitiva, tal paradigma opera cada vez mais em direção aos Modelos de Uso, apostando na força da diferença como o grande segredo das línguas humanas.

Apesar de o trabalho com exemplos extraídos de contextos reais não ser novidade para a LC,

o que a Lingüística de *Corpus* traz de novo para esse paradigma é a utilização de grandes massas de dados, manipulados em termos de frequência e capazes de apontar novas dimensões do uso lingüístico encobertas por uma “lingüística de exemplos” (ALBERGARIA, 2008:47).

Embora a parceria entre as duas perspectivas que estamos casando não seja muito recente, alguns linguistas inseridos no paradigma sociocognitivo e construcionista já apresentam em seus trabalhos fortes argumentos em favor da pesquisa com base em *corpora*.

Stefanowitsch (2006:63-64), em seus estudos sobre metáfora, aponta uma vantagem central em se trabalhar com *corpora*: a possibilidade de se postular a centralidade de um dado aspecto dentro de uma dada língua (ou variante) a partir da quantificação dos dados. Para ele, através dos métodos que denomina ecléticos (por envolver uma forma irregular de pesquisa, podendo ser usados mais de um método como, por exemplo, a introspecção e a coleta de exemplo) é difícil estabelecer-se uma base empírica firme para, em seu caso, por exemplo, estudar a metáfora conceptual de uma perspectiva linguística.

Gries e Divjak (2003:60), pesquisando polissemia e sinonímia, apresentam quatro fatores que fazem a abordagem ancorada em *corpora* superior a outros métodos investigativos. Essa superioridade se faz por: (a) fornecer várias instâncias do objeto, ao invés de apenas alguns julgamentos isolados; (b) fornecer informações que emergem naturalmente dos dados e não julgamentos ou respostas que potencialmente refletem o ponto de vista (o bias) do pesquisador; (c) apresentar os dados de diferentes maneiras, tal como de fato ocorrem, não só da forma que o pesquisador possa julgar importante; e (d) permitir uma identificação *bottom-up*, i.e. do todo às partes e não das partes ao todo (cf. seção 2.3.1), de distinções importantes acerca do objeto assim como descrições mais precisas do mesmo.

Muito embora a adoção da Linguística de *Corpus* como caminho metodológico represente “uma significativa contribuição no campo da Lingüística Cognitiva no Brasil, uma vez que se contrapõe a uma conduta investigativa ainda bastante calcada em análise de exemplos e na introspecção”, vale ressaltar que “a introspecção não deixa de comparecer em qualquer processo interpretativo dos dados” (MIRANDA, 2008b:41).

Ainda, algo que merece destaque acerca desse tipo de pesquisa é que a sua realização apresenta um grave entrave em nosso país: os *corpora* tratados de nossa

língua disponíveis são bancos de dados muito limitados, restritos a dados oriundos de textos de registros escritos e mais formais da língua. Isso prejudica, dentre outras coisas, a investigação de fenômenos mais presentes em instâncias mais informais da linguagem, como a construção que é objeto do presente trabalho. Especificamente acerca dessas construções mais periféricas, tais *corpora* impossibilitam a tarefa de provar a convencionalização de alguns (ou muitos) de seus *types*, que têm sua convencionalização comprovada, por exemplo, em *sites* e *blogs*.

Esse problema, porém, não inviabiliza a pesquisa em *corpora*. Muitos pesquisadores, inclusive do nosso grupo de pesquisa (como SAMPAIO, 2007; CARVALHO-MIRANDA, 2008; ALBERGARIA, 2008; CARRARA, 2010), têm apelado para bancos de dados não tratados que permitem, contudo, buscas a partir do computador. São de especial valia *sites*, portais, *blogs*, enfim, quase todas as ferramentas do mundo virtual. Nesses casos, porém, as dificuldades são muito grandes e, em alguns casos, como o nosso, são intransponíveis, como veremos na próxima seção.

4.4 A montagem do *corpus* e os caminhos trilhados pela pesquisa

Nossa pesquisa, de maneira geral, envolve duas grandes etapas que também se dividem em outras fases. Nesta seção, será nosso objetivo tratar da primeira dessas etapas, a saber, a seleção e organização dos dados a serem pesquisados, que subsidiam as análises (segunda etapa) que serão apresentadas no próximo capítulo.

A montagem do banco de dados envolvendo especificamente casos da Construção SEC constitui o primeiro (e decisivo) passo de nosso estudo. No intuito de sermos fiéis aos pressupostos que vimos enunciando no decorrer deste trabalho, tal tarefa precisou ser realizada em duas diferentes fases:

Primeira fase: partindo dos resultados de Sampaio (2007) que aponta, no padrão X DE Y, “rir” como elemento Y mais frequente (*chorar de rir, fartar-se de rir, morrer de rir* etc.), iniciamos por investigar, em três diferentes bancos de dados de linguagem (*Corpus* do Português, *Corpora* do Projeto VISL e portal Abril.com), a

expressão “de rir” como forma de levantar os elementos X de nosso padrão construcional (o anexo I traz os dados obtidos a partir dessa estratégia). Nossa hipótese inicial era de que, partindo de um *type* mais frequente e, por isso, mais convencionalizado, obteríamos uma gama ampla e significativa de variáveis combinatórias deste padrão construcional. De fato, nossa hipótese se confirmou. Os seguintes *types* foram levantados a partir das buscas:

(i) *Corpus* do Português – 45 milhões de palavras:

TABELA 2
Types levantados a partir do *Corpus* do Português

	Type da Construção SEC (Y = rir)	Tokens
01	BORRAR de rir	01
02	CANSAR de rir	01
03	CHORAR de rir	01
04	ESTOURAR de rir	01
05	FARTAR de rir	10
06	FINAR de rir	01
07	MORRER de rir	14
08	REBENTAR de rir	01
	TOTAL	30

(ii) VISL – 360 milhões de palavras:

TABELA 3
Types levantados a partir dos *corpora* do projeto VISL

	Type da Construção SEC (Y = rir)	Tokens
01	CANSAR(-SE) de rir	02
02	CONTORCER(-SE) de rir	01
03	ENGASGAR(-SE) de rir	01
04	ESPREMER(-SE) de rir	01
05	FARTAR(-SE) de rir	19
06	MIJAR(-SE) de rir	01
07	MORRER de rir	20
08	ROLAR de rir	08
	TOTAL	53

(iii) Abril.com – não disponível:

TABELA 4
Types levantados a partir do portal Abril.com

	Type da Construção SEC (Y = rir)	Tokens
01	ACABAR(-SE) de rir	09
02	CAGAR(-SE) de rir	01
03	CAIR de rir	01
04	CHORAR de rir	03
05	CONTORCER(-SE) de rir	01
06	DOBRAR(-SE) de rir	03
07	ESBALDAR(-SE) de rir	01
08	ESBORRACHAR(-SE) de rir	01
09	ESCANGALHAR(-SE) de rir	09
10	ESCRACHAR(-SE) de rir	01
11	ESGANIÇAR(-SE) de rir	01
12	MIJAR(-SE) de rir	01
13	MORRER de rir	185
14	NÃO SE AGÜENTAR de rir	01
15	PASSAR MAL de rir	02
16	RACHAR(-SE) de rir	08
17	RASGAR(-SE) de rir	01
18	ROLAR de rir	52
19	TORCER(-SE) de rir	01
	TOTAL	282

Como, naturalmente, alguns tipos foram encontrados em mais de um dos *corpora*, obtivemos vinte e sete diferentes *types* da construção investigada em um total de 365 ocorrências. São eles:

TABELA 5
Types da Construção SEC levantados nos três bancos de dados

	Tipo da Construção SEC (Y = rir)	Corpus do Português	VISL	Abril.com	Total
01	ACABAR(-SE) de rir	---	---	09	09
02	BORRAR(-SE) de rir	01	---	---	01
03	CAGAR(-SE) de rir	---	---	01	01
04	CAIR de rir	---	---	01	01
05	CANSAR(-SE) de rir	01	02	---	03
06	CHORAR de rir	01	---	03	04
07	CONTORCER(-SE) de rir	---	01	01	02
08	DOBRAR(-SE) de rir	---	---	03	03
09	ENGASGAR(-SE) de rir	---	01	---	01
10	ESBALDAR(-SE) de rir	---	---	01	01
11	ESBORRACHAR(-SE) de rir	---	---	01	01
12	ESCANGALHAR(-SE) de rir	---	---	09	09
13	ESCRACHAR(-SE) de rir	---	---	01	01

14	ESGANIÇAR(-SE) de rir	---	---	01	01
15	ESPREMER(-SE) de rir	---	01	---	01
16	ESTOURAR(-SE) de rir	01	---	---	01
17	FARTAR(-SE) de rir	10	19	---	29
18	FINAR(-SE) de rir	01	---	---	01
19	MIJAR(-SE) de rir	---	01	01	02
20	MORRER de rir	14	20	185	219
21	NÃO SE AGÜENTAR de rir	---	---	01	01
22	PASSAR MAL de rir	---	---	02	02
23	RACHAR(-SE) de rir	---	---	08	08
24	RASGAR(-SE) de rir	---	---	01	01
25	REBENTAR(-SE) de rir	01	---	---	01
26	ROLAR de rir	---	08	52	60
27	TORCER(-SE) de rir	---	---	01	01
	TOTAL	30	53	282	365

Algo importante a se pontuar é que vários *types* da Construção SEC que julgamos frequentes na linguagem cotidiana (como “pirar de rir”, “quicar de rir”, dentre vários outros) não foram atestados nessa pesquisa. Contudo, em vista das dimensões do trabalho, a investigação da construção partirá dos casos supracitados apenas, apesar de não ignorarmos a existência de outros *types* possíveis da nossa construção na Língua Portuguesa.

Segunda fase: munidos dessas informações, passamos à busca de cada um dos vinte e sete (27) *types* verbais encontrados em um único *corpus*: o *Corpus* do Português. A restrição a esse *corpus* deveu-se à inviabilidade da busca (por falta de ferramenta) de todas as flexões dos verbos levantados na primeira etapa da pesquisa no portal Abril.com. Assim, tomando, por exemplo, o *type* “Morrer de Y”, teríamos que proceder à busca das seguintes entradas (que correspondem a todas as flexões do verbo nos modos indicativo, subjuntivo e imperativo acrescidas da preposição “de”):

morro de	morri de	morria de	morrera de	morrerei de
mores de	morreste de	morrias de	morreras de	morrerás de
morre de	morreu de	morria de	morrera de	morrerá de
morremos de	morrestes de	morriamos de	morrêramos de	morreremos de
morreis de	morreram de	morriéis de	morrêreis de	morrereis de
morrem de		morriam de	morreram de	morrerão de
morreria de	morra de	morresse de	morrer de	morto de
morrerias de	morras de	morresses de	morreres de	morta de
morreria de	morra de	morresse de	morrermos de	morrido de
morreríamos de	morraram de	morrêssemos de	morrerdes de	morrendo de
morrerêis de	morrais de	morrêsseis de	morrerem de	
morreriam de	morram de	morressem de		

Além disso, o número de ocorrências no conjunto dos três *corpora* excederia em muito a possibilidade de uma análise criteriosa em um projeto dissertativo.

O *Corpus* do Português conta com quarenta e cinco milhões de palavras distribuídas em torno de cinquenta e sete mil textos, de variados gêneros, englobando tanto o Português de Portugal quanto o Português do Brasil, perpassando os séculos XIV a XX. Conforme aponta a tabela a seguir, o *corpus* não conta com textos do século corrente, o que, aliada à natureza mais formal dos textos que compõem o *corpus*, pode representar um certo prejuízo, como indicamos ao final da seção anterior, em relação à análise da convencionalização da construção:

TABELA 6
Distribuição dos dados no *Corpus* do Português

PALAVRAS	SÉCULO	PAÍS	GÊNERO
550.968	XIII	Portugal	
1.316.268	XIV	Portugal	
2.875.653	XV	Portugal	
4.435.031	XVI	Portugal / Brasil	
3.407.741	XVII	Portugal / Brasil	
2.234.951	XVIII	Portugal / Brasil	
10.008.622	XIX	Portugal / Brasil	
3.087.052	XX	Portugal	Acadêmico
3.271.328	XX	Portugal	Notícias
3.048.020	XX	Portugal	Ficção
1.100.303	XX	Portugal	Oral
2.816.802	XX	Brasil	Acadêmico
3.346.988	XX	Brasil	Notícias
3.028.646	XX	Brasil	Ficção
1.078.586	XX	Brasil	Oral

Fonte: *Corpus* do Português

O padrão de busca nessa etapa foi o lexema do verbo acrescido da preposição “de” (e.g.: [fartar] de; [morrer] de), para que pudéssemos abarcar em uma única busca todas as flexões dos verbos. Realizada as buscas, o *corpus* então nos trouxe como resultados todos os casos em que tais verbos precedem à preposição “de”. Como nem tudo são ocorrências da construção que investigamos, foi necessário realizar uma “limpeza” manual dos dados.

Um ponto de fundamental importância relativo a tal tarefa é a metodologia de trabalho do nosso grupo de pesquisa. Nela, orientador, pós-graduando e

bolsistas de Iniciação Científica trabalham de forma integrada, de modo que as discussões acerca do objeto investigado (leituras, reflexões etc.) são realizadas por todos os envolvidos no projeto. Isso possibilita a atribuição de um papel ativo aos bolsistas de IC na execução da pesquisa. No caso presente, os bolsistas Bernardino Guedes, Danielle Uchôa e Rachel Delgado auxiliaram, de maneira decisiva, na coleta dos dados, assim como em sua “limpeza”.

Tal “limpeza” apresentou uma dificuldade às vezes grande: como nosso sistema conceptual é em grande parte metafórico (cf. seção 2.2.3.1), em vários momentos, é difícil definir se uma dada construção é um caso da Construção SEC – isto é, se X pode ser mesmo visto como um Operador Escalar – ou se se trata de uma construção que se vale do sentido básico desses verbos. Esse problema, ressalta-se, ocorreu mais com os verbos que indicam impactos físicos ou fisiológicos mais brandos e que, de fato, são passíveis de acontecer, como “chorar” (“de rir/de raiva/ de ódio”) e com os verbos mais convencionalizados na construção, caso de “cansar(-se)” (“de falar/de andar”) e “fartar(-se)” (“de trabalhar/de política”).

Para solucionar tal dificuldade, o *frame* (cf. seção 2.2.2) foi evocado no sentido de desambiguar o contexto. Elucidado o *frame* Posição em uma escala, estávamos perante um caso da Construção SEC, contudo, se o *frame* evocado fosse o *frame* relativo ao sentido básico do verbo (*frame* de morte, e.g.) tratava-se de uma construção que se valia do sentido básico dos verbos investigados. Contrastemos os casos abaixo:

- (01) 19:Fic:Br:Rocha:Dusa Eu sou aquele pai desesperado que o senhor encontrou, no Rodeador, cavando sepultura pra enterrar o último filho que **morreu de fome!**
- (02) 19:Fic:Br:Carvalho:Iniciais Todo mundo **estava morrendo de fome** e o japonês continuava fazendo suas evoluções com a lentidão e as torções de uma lesma num canto da sala à luz de vela [...]

Como atesta esses exemplos, “morrer de fome” pode indicar tanto que alguém faleceu por falta de ingestão de alimentos – (a) – ou indicar que alguém tem fome em escala superlativa – (b). Assim, saberemos de qual caso se trata observando os pressupostos da Semântica de *Frames* (seção 2.2.2), ou seja, observando a cena que o léxico e a gramática da elocução elucidam: no primeiro exemplo, o adjetivo “desesperado”, a perífrase verbal “cavar sepultura” e o verbo

“enterrar”, somados ao aspecto perfectivo e ao tempo passado, suscitam um *frame* de morte. Já no outro exemplo, os vocábulos “lentidão” e “torções”, emoldurados em um aspecto imperfeito e em um tempo presente, enquadram a expressão em um domínio de escalaridade.

A tabela abaixo resume os dados obtidos nesta etapa, que representam o volume de dados final a serem pesquisados. Todas as ocorrências que formam nosso *corpus* específico constituem o anexo II, em que também é possível encontrar as entradas inseridas no *software* de busca do *corpus* utilizado.

TABELA 7
Constituição do *corpus* específico

	Tipo da Construção SEC	Resultados da busca	Ocorrências da Construção SEC	Produtividade da busca
01	ACABAR(-SE) de Y	252	08	3,2%
02	BORRAR(-SE) de Y	08	04	50%
03	CAGAR(-SE) de Y	03	02	66,7%
04	CAIR de Y	835	96	11,5%
05	CANSAR(-SE) de Y	437	372	85,1%
06	CHORAR(-SE) de Y	196	112	57,1%
07	CONTORCER(-SE) de Y	06	01	16,7%
08	DOBRAR(-SE) de Y	75	01	1,3%
09	ENGASGAR(-SE) de Y	---	---	---
10	ESBALDAR(-SE) de Y	---	---	---
11	ESBORRACHAR(-SE) de Y	---	---	---
12	ESCANGALHAR(-SE) de Y	01	01	100%
13	ESCRACHAR(-SE) de Y	---	---	---
14	ESGANIÇAR(-SE) de Y	---	---	---
15	ESPREMER(-SE) de Y	06	---	---
16	ESTOURAR(-SE) de Y	27	17	63%
17	FARTAR(-SE) de Y	401	381	95%
18	FINAR(-SE) de Y	18	05	27,8%
19	MIJAR(-SE) de Y	02	01	50%
20	MORRER de Y	1.486	674	45,4%
21	NÃO SE AGÜENTAR de Y	01	01	100%
22	PASSAR MAL de Y	---	---	---
23	RACHAR(-SE) de Y	18	01	5,6%
24	RASGAR(-SE) de Y	46	05	10,9%
25	REBENTAR(-SE) de Y	52	34	65,4%
26	ROLAR de Y	29	---	---
27	TORCER(-SE) de Y	30	10	33,3%
	TOTAL	3.929	1.726	43,9%

Como aponta a tabela 7, acima, nossa análise de dados abarcará um total de mil setecentos e vinte e seis (1.726) ocorrências (*token* da construção no *corpus*) em dezenove (19) dos vinte e sete (27) *types* da Construção SEC desvelados pela primeira fase desta etapa, pois não foram encontradas ocorrências dos outros oito *types* no *Corpus* do Português. Apesar de tal déficit (além daqueles que temos conhecimento, mas não apareceram nos dados resultantes da primeira fase de busca), a análise e as conseqüentes generalizações não serão prejudicadas, exceto em relação à comprovação de convencionalização de diversos *types*, uma vez que todos os verbos na posição de X que temos conhecimento parecem possuir a mesma natureza semântica – verbos que suscitam o *frame* de impacto físico ou fisiológico.

Constituído nosso *corpus* específico, o **passo seguinte** constitui a análise e descrição da Construção SEC. Essa etapa, em vista de sua complexidade, também se divide em duas subetapas: (a) análise quantitativa, isto é, a partir dos parâmetros dos Modelos de Uso da GrC (seção 2.3.3), quantificação e avaliação das ocorrências da Construção SEC em termos da correlação probabilística proposta entre Frequência de Ocorrência e grau de convencionalização da construção e entre frequência de tipos e produtividade da construção (GOLDBERG, 1995); (b) análise qualitativa, qual seja a descrição da Construção SEC em termos formais, semânticos e pragmáticos, a investigação dos processos cognitivos envolvidos na instituição dessa rede construcional, a postulação de sua rede de herança e a indicação, com algumas possíveis evidências, de seu processo de convencionalização (visto na perspectiva da gramaticalização) e sua produtividade.

Em vista de tudo que foi até aqui exposto, passamos, enfim, à análise dos dados no próximo capítulo.

5 A CONSTRUÇÃO SUPERLATIVA DE EXPRESSÃO CORPORAL

“Se fosse reduzida a moldes, a categorias estanques, a linguagem não diria tudo o que tem a dizer, e diz.”

Maria Helena de Moura Neves

Ao longo do presente estudo, juntamente com a elucidação do nosso objeto de pesquisa – a Construção Superlativa de Expressão Corporal (Construção SEC) –, vimos enunciando a teoria da linguagem à qual nos filiamos (capítulo 2), o panorama dos estudos que envolvem a intensificação na Língua Portuguesa (capítulo 3) e a metodologia da qual nos valemos em sua investigação (capítulo 4). Este capítulo, enfim, apresentará os resultados das análises realizadas.

Começemos pelos exemplos:

- (01) 19:Fic:Br:Garcia:Silencio queria era apenas assustar, podemos telefonar para ele e dizer que eu **estou me borrando de medo**.
- (02) 19Or:Br:Intrv:Web Já vivi muito de promessas. Se isso enchesse barriga, eu não **morria de fome**, não passava fome nas épocas de dificuldade.
- (03) 19:Fic:Br:Cony:Piano Enquanto o sábado não chegasse, ele podia se **fartar de ouvir** todos os discos que quisesse, e afora a mania de ouvi-los [...]

A hipótese analítica central deste trabalho, já enunciada à introdução, consiste, pois, na afirmação dos enunciados superlativos do tipo acima ilustrados como instâncias de um nódulo da rede de Construções Superlativas do Português, a Construção Superlativa de Expressão Corporal.

Em vista de tal suposto, nossa tarefa analítica consiste, exatamente, em acumular evidências em favor da existência da Construção SEC. Assim, no presente capítulo, passamos à descrição polos formal e semântico-pragmático que a instituem como um elo simbólico na rede de construções superlativas do Português e da motivação conceptual da construção em foco (seção 5.1). Finalizado esse trabalho, trataremos das relações de heranças que a configuram (seção 5.2 e 5.3) e abordaremos seu processo de convencionalização (visto na perspectiva da

gramaticalização) e sua produtividade (seção 5.4 e 5.5). Ao final, apresentamos uma síntese dos ganhos analíticos do presente capítulo (seção 5.6).

5.1 A Construção SEC como um elo da rede construcional do português

À introdução e no capítulo 3 – no qual tratamos do fenômeno da intensificação –, situamos a Construção SEC como mais um resultado do macroprojeto “Construções Superlativas no Português do Brasil: um estudo sobre a semântica das escalas” (MIRANDA, 2008a – CNPq), logo como mais um elo dessa grande rede de construções, que, de acordo com Miranda (2008a:01),

Trata-se de um repertório de construções variadas do PB, distintas em termos **formais**, e que se alinham, em termos de elos “familiares”, em torno de uma **dimensão conceptual** e de uma **dimensão comunicativa** básicas:

- DIMENSÃO CONCEPTUAL: expressão superlativa em uma gradação; evocação do *frame* de uma escala, focalizada no seu grau máximo ou mínimo, e motivada figurativamente (por metáfora e/ou metonímia);
- DIMENSÃO COMUNICATIVA: saliência expressiva através de motivação figurativa e humor.

As construções apresentam níveis de esquematicidade diferentes, podendo ser mais genéricas ou mais específicas (cf. seções 2.3 e 3.4). Assim, no caso da rede de Construções Superlativas, podemos situar, em nível mais genérico, um tipo de construção com preenchimento parcial, com a seguinte formulação:

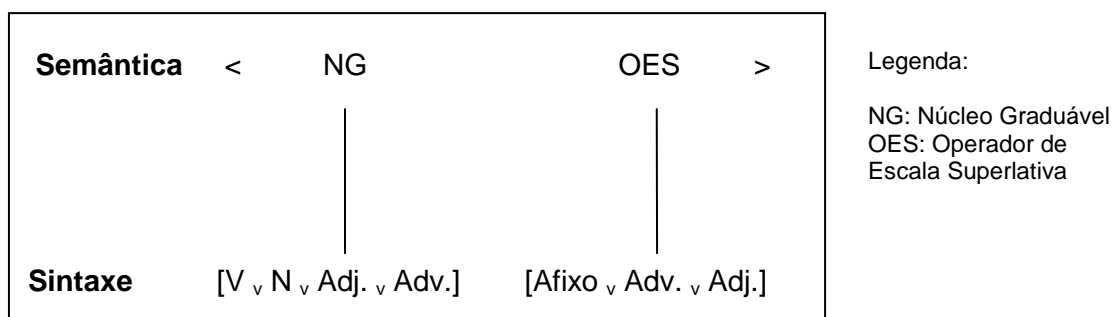


FIGURA 10 – Construção Superlativa Genérica (canônica)

Genericamente, o que uma Construção Superlativa implica é a noção de elevação de um Núcleo Graduável (NG) ao seu grau máximo. Tal gradação é indicada pela presença de um Operador de Escala Superlativa (OES). Em termos morfossintáticos, NG é preenchido por palavras de classes que podem apresentar graduabilidade. No caso do português, verbos (“Pai do novo 'Messi' **fala demais** e Barça desiste de jovem argentino de 12 anos”), nomes (“Uma **tristeza imensa** olhar um jovem cheio de sonhos, uma família que perde um filho de forma tão brutal!”), adjetivos (“Namoro e casamento é algo **muito belo**, mas também **muito sério**.”) e advérbios (“Um **muíttssimo** feliz ano novo!!!”)²⁸.

Como vimos buscando afirmar no decorrer deste trabalho, a Construção SEC, nos termos descritos por Sampaio (2007) e assumidos neste trabalho, é também uma estratégia linguística de elevar ao grau máximo uma ideia, ou seja, é uma Construção Superlativa. Tal como elucidada pelos dados obtidos a partir da pesquisa nos *corpora*, a Construção SEC apresenta o padrão formal

[X_v de Y_(NV)]

em que **X**, o Operador de Escala Superlativo, é um **verbo** (ou uma perífrase verbal) e **Y**, o Núcleo Graduável é, prototipicamente, um **nome** e/ou um **verbo**:

- (04) 19Or:Br:Intrv:ISP Thomas (Electra Com Creta). Aí Cacá fez Ubu, estourou e eu **fiquei morrendo de inveja**.
OES NG
- (05) 19Or:Br:Intrv:ISP o meu clown não consegue cruzar os braços. A platéia **morre de rir** do que é, na verdade, uma tragédia para o meu personagem.
OES NG
- (06) 16:FMMelo:Letters Com as premissas de que haveria de seguir o Conde Ene ao Brasil, **me acabei de destruir**, empenhar e carregar de novas obrigações.
OES NG
- (07) 18:Machado:Memórias Minha irmã Sabina, já então casada com o Cotrim, **andava a cair de fadiga**. Pobre moça! dormia três horas por noite, nada mais.
OES NG

²⁸ Exemplos coletados a partir de buscas no site <<http://www.google.com.br/>>.

Em termos semânticos, a Construção SEC evoca a seguinte cena metafórica: uma Causa de intensidade superlativa (Y) desencadeia um Impacto/dano físico ou orgânico (X) sobre um Afetado.

Assim, o que temos nos termos exatos previstos pela Gramática das Construções (cf. capítulo 2) é a imposição do sentido da construção, no caso uma Construção Superlativa, sobre o sentido básico dos itens verbais alocados na posição X. Nossa hipótese é de um *mismatch*/desencontro (cf. seção 2.5) entre a sintaxe de tais verbos e sua função nessa construção, em especial quando Y é também um verbo, como buscaremos provar no decorrer deste capítulo.

Mismatch/desencontro, como vimos, é uma incongruência, relativa ao comportamento padrão de um item e o seu uso em uma determinada construção. No caso da Construção SEC, o *mismatch* ocorre com os verbos em X – plenos em sua natureza –, que vêm, de maneira geral, funcionar como modalizadores na construção e, nos casos em que Y trata-se de um verbo (seção 5.3.1), chega a assumir a função de verbo (semi)auxiliar modal.

A postulação da Construção SEC como um elo da rede de construções superlativas passa, como já anunciamos, pela delimitação de seus aspectos formais e semântico-pragmático de tal modo a evidenciar sua função específica dentro da rede simbólica de valor superlativo a que se vincula. No encaixo dessa tarefa, propomos, a seguir, uma análise minuciosa, em termos quantitativos e qualitativos, do *corpus* específico constituído (cf. capítulo 4). Assim, nas seções a seguir, discorreremos com mais detalhes sobre cada uma das variáveis da construção (seções 5.1.1, 5.1.2 e 5.1.3) e também sobre o tratamento da construção como unidade construcional (subseção 5.1.4).

5.1.1 O X da construção

Como mostrado no capítulo anterior, foram encontrados nos bancos de dados investigados (*Corpus* do Português, *Corpora* do Projeto VISL e portal Abril.com) vinte e sete diferentes verbos que podem ocupar o *slot* X, dos quais dezenove tiveram ocorrência comprovada no *Corpus* do Português. Nesse *corpus*,

cada um dos *types* da Construção SEC tem seu uso/frequência de ocorrência distribuídos de maneira distinta:

TABELA 8
Frequência de ocorrência da Construção SEC no *Corpus* do Português

	Type da Construção SEC	Nº de ocorrências encontradas (45 milhões de palavras)	Ocorrências encontradas no:		Exemplos
			PB	PE	
01	MORRER de Y	674	498	176	“eu fiquei morrendo de inveja”
02	FARTAR(-SE) de Y	381	73	308	“as pessoas fartam-se de dizer que o mundo é cruel”
03	CANSAR(-SE) de Y	372	282	90	“Cansei de ouvir o Kirchner ser chamado de caloteiro”
04	CHORAR de Y	112	74	38	“Rita chorava de saudades desse tempo”
05	CAIR de Y	96	57	39	“Ele caía de sono.”
06	REBENTAR(-SE) de Y	34	15	19	“O peito viril lhe rebentava de dor”
07	ESTOURAR(-SE) de Y	17	10	07	“o peito estourando de saudades”
08	TORCER(-SE) de Y	10	07	03	“se torcia de riso com uma taça na mão”
09	ACABAR(-SE) de Y	08	02	06	“nunca pude acabar comigo de gostar della”
10	FINAR(-SE) de Y	05	02	03	“Margarida fiel ao seu amor se finava de saudades por mim”
11	RASGAR(-SE) de Y	05	01	04	“Isto lhe rasgava de dor o coração”
12	BORRAR(-SE) de Y	04	03	01	“- É difícil ficar do lado do Deo sem se borrar de rir”
13	CAGAR(-SE) de Y	02	01	01	“Eu quase me caguei de medo”
14	CONTORCER(-SE) de Y	01	---	01	“esses muitos se contorcem de sofrimento por não poderem enganar também o Estado”
15	DOBRAR(-SE) de Y	01	01	---	“Biguá dobrava-se de tanto rir”
16	ESCANGALHAR(-SE) de Y	01	01	---	“os olhos escangalhados de inspecionar a Rua”
17	MIJAR(-SE) de Y	01	01	---	“quase se mijando de medo”
18	NÃO SE AGÜENTAR de Y	01	01	---	“Não se agüenta de contentamento”
19	RACHAR(-SE) de Y	01	01	---	“era para agarrar o bicharedo rachando de gordo”
	TOTAL	1.726	1.030	696	

O fato de alguns verbos de ocorrência comprovada na primeira etapa da pesquisa (busca pela expressão “de rir”, cf. seção 4.4) não aparecerem no *corpus* utilizado não desmente, contudo, a existência de tais *types* (seções 4.3 e 4.4) e de seu uso na linguagem cotidiana, uma vez que pudemos encontrá-los nas outras fontes consultadas. Além disso, não podemos ignorar nossa sensibilidade de falantes do português que nos atesta tais casos como usuais. O que ocorre, como já discutimos no capítulo de metodologia, são as restrições de dados nos *corpora* tratados disponíveis em Português, inclusive no *Corpus* do Português, usado neste estudo. Assim, apesar das dificuldades metodológicas encontradas, os vinte e sete *types* habilitados na Construção SEC são uma evidência da produtividade deste

padrão construcional. Suas ausências em nosso *corpus*, no entanto, prejudicam nossa análise no sentido de investigar suas convencionalizações e centralidade em tal rede.

Como aponta a tabela, o *type* mais frequente da construção é, portanto, aquele em que o verbo “morrer” ocupa a posição X (39% do total encontrado), seguido de “fartar” (22,1%), “cansar” (21,5%), “chorar” (6,5%), “cair” (5,6%), “rebentar” (2%) e “estourar” (1%). A pequena frequência dos demais tipos da construção aponta para um baixo grau de convencionalização de tais casos nos textos do *corpus* utilizado. Isso se dá, entendemos, também devido à natureza mais formal dos textos que compõem o *Corpus* do Português e o fato de esse *corpus* não armazenar textos do século corrente.

Os dados parecem apontar para uma herança por tipo – nos termos dos Modelos de Uso – sendo “Morrer de Y”, em que Y é um nome, e “Cansar(-se) de Y”, em que Y é majoritariamente verbo, os *types* matrizes da herança. Sobre tal questão voltaremos a discutir na seção 5.3.

A tabela revela ainda a diferente convencionalização dos *types* no Português Brasileiro (PB) e no Português Europeu (PE). “Fartar(-se) de Y”, por exemplo, é altamente convencionalizado no PE, correspondendo à 80,1% da ocorrência desse *type*. No PB, sua presença é bem inferior (19,9% dos casos encontrados), chegando a soar até um tanto “antigo”. “Morrer de Y”, ao contrário, é convencionalizado no PB (73,9%) e ocorre em números menores no PE (26,1%). Merece ainda destaque a diferença de ocorrência nas variantes do Português de “Cansar(-se) de Y”, “Cair de Y” e “Chorar de Y”. Todos os três *types* possuem uma expressiva diferença de ocorrência em textos do PB e do PE: o primeiro possui 75,8% de sua ocorrência no PB e 24,2% no PE; o segundo tem 59,4% dos dados encontrados no PB e 40,6% no PE; e o último tem atrelada 66,1% de sua ocorrência ao PB e 33,9% ao PE.

Sobre os demais casos, os dados não nos autorizam a tecer qualquer consideração devido à baixa ocorrência. Entretanto, em vista dos dados dos cinco casos mais expressivos encontrados no *Corpus* do Português (um *corpus* grande de 45 milhões de *tokens*), pode-se dizer que o uso da Construção SEC como estratégia de intensificação é mais presente na variante brasileira do Português.

5.1.1.1 A valência de X

A noção de valência diz respeito à natureza e ao número de argumentos controlados por um dado predicador (verbal ou não verbal). Assim, nesta seção, ao tratarmos da valência dos verbos que ocupam o X da Construção SEC, estaremos lidando com a relação argumental implicada pelos significados de tais itens. Para tanto, valemo-nos dos trabalhos de Borba (1996) e Borba *et al.* (1990), que trazem a descrição de verbos do português em termos de suas valências.

Borba (1996:20-21) desdobra o termo valência em três diferentes níveis: (1) valência quantitativa, refere-se à quantidade de argumentos que um predicador pode ter; (2) valência qualitativa, diz respeito à(s) característica/class(es) dos elementos que preencherão os *slots* destinados aos argumentos; e (3) valência semântica, que trata das regularidades dos elementos que atuam nas sequências como predicadores e argumentos.

Outra consideração que é feita acerca da natureza sintático-semântica dos verbos é o enquadramento desses em quatro categorias:

- (a) Verbos de **ação**: expressam uma atividade realizada por um sujeito *agente*. Indicam, portanto, um *fazer* por parte do sujeito: o pássaro *voa*; o garoto *brinca*; o sábio *pensa*.
 - (b) Verbos de **processo**: expressam um evento ou sucessão de eventos que afetam um sujeito *paciente* ou *experimentador*. Por isso traduzem sempre um *acontecer* ou um *experimentar*, isto é, algo que se passa como sujeito ou que ele experimenta. Em “O bebê acordou” o sujeito é afetado por aquilo que o verbo indica e em “Ana sente frio” é um experimentador. Pode ser também que o sujeito seja um beneficiário. Neste caso o verbo tem mais de um argumento (Rosa ganhou uma rosa).
 - (c) Verbos de **ação-processo**: expressam uma ação realizada por um sujeito *Ag* [Agente] ou uma causação levada a efeito por um sujeito *Ca* [Causa], que afetam o complemento. A ação-processo sempre atinge um complemento que expressa uma mudança de estado, de condição ou de posição, ou, então, algo que passa a existir.
 - (d) Verbos de **estado**: expressam uma propriedade (estado, condição, situação) localizada no sujeito, que é, pois, mero suporte dessa propriedade ou, então, seu experimentador ou beneficiário.
- (BORBA, 1996:58-61)

O Dicionário Gramatical de Verbos do Português Contemporâneo do Brasil (BORBA *et al.*, 1990), escolhido por nós para a descrição dos verbos licenciados

como X pela Construção SEC, é construído a partir desses parâmetros. Como ocorre nos trabalhos lexicográficos tradicionais, os autores tomam o lexema verbal e, em subverbetes, classificam as diferentes valências a partir das diferentes acepções e exemplifica esse uso. Segundo Perini (2008:166), trata-se de um dicionário mais rico que os dicionários tradicionais porque indica os papéis temáticos a cada uma das acepções dos verbos e utiliza uma variedade maior (em relação aos demais dicionários) de descrições estruturais. O mesmo Perini (2008: 166-167), contudo, alerta que a informação acerca dos itens, nesse dicionário, embora copiosa, é “às vezes omissa ou incorreta em alguns pontos (defeito talvez inevitável em uma lista de 1.363 páginas!)”, o que, em muitos casos, dificulta o estabelecimento de generalizações.

Recortando as acepções e valências das cenas evocadas pela Construção SEC, os verbos, seguindo a tipologia proposta por Borba *et al.* (1990), pertencem à categoria dos verbos de processos:

TABELA 9
A valência dos *types* de X evocadas na Construção SEC

Classificação	Verbo	Argumento externo		Argumento interno		Exemplos ²⁹
		Pac.	Ag.	Ø	01	
Processo	01	Acabar(-se)	X		X	“os pais de Helena, arruinados, acabaram-se bem cedo”
	02	Borrar(-se)	X		X	“Olha que eu me borro todo, heim?”
	03	Cagar(-se)	X		X	“Na hora do perigo, o cara se cagou”
	04	Cair	X		X	“Os ratos correm e logo caem”
	05	Cansar(-se)	X		X	“O obscuro operário cansava-se o dia inteiro”
	06	Chorar	X		X	“Leo tem olhos que choram continuamente”
	07	Contorcer(-se)	X		X	“O animal, semi-morto, contorcia-se a cada golpe”
	08	Dobrar(-se)	X		X	“O braço dobrava em ângulo”
	09	Escangalhar(-se)	X		X	“Por sua culpa, escangalhou-se o programa.”
	10	Estourar(-se)	X		X	“Seu aneurisma era coisa grave de estourar ao menor esforço”
	11	Fartar(-se)	X		X	“As aves vão se fartar”
	12	Finar(-se)	X		X	“A pobre [moça] se finou do peito cinco anos depois”
	13	Mijar(-se)	X		X	“O sujeito mijou-se todo”
	14	Morrer	X		X	“[o boi] morreu, depois de muito maltratado e até mordido por cascavel”
	15	Não se aguentar ³⁰	X		X	“Reporter não se aguenta na entrevista”

²⁹ Exemplos extraídos de Borba *et al.* (1990).

³⁰ Apesar de contemplar várias expressões cristalizadas, Borba *et al.* (1990) não contemplam a perífrase verbal “não se aguentar”. Tal locução, embora tenha como núcleo o verbo “aguentar” (que

16	Rachar(-se)	X		X		“O pé do menino rachara ao pisar no braseiro”
17	Rasgar(-se)	X		X		“Seu braço rasgou-se nos espinhos”
18	Rebentar	X		X		“acode, minha gente”, a corda rebentou”
19	Torcer(-se)	X		X		“A criança perfazia círculos rápidos no ar () torcendo-se rebrilhante e transparente”

A predominância desse tipo de verbo – de processo – com sujeito paciente na Construção SEC justifica-se em função de o sujeito de X (“**O peito estourando de saudades**”) ser afetado pela Causa Y (“**O peito estourando de saudades**”), tendo desencadeado sobre si o impacto/dano corporal expresso por tais verbos, e não poder, na maior parte dos casos, controlá-lo.

Perini (2001) dá à valência um tratamento construcional, explicitando sua relação com o conceito de construção. O autor (2001:146), assim, propõe que

a valência de um verbo é o conjunto de construções em que ela pode ocorrer, e os verbos se classificam segundo a valência de cada um. E cada construção utilizada para exprimir a valência de um verbo se chama **diátese**; assim a valência de um verbo é o conjunto de suas diáteses. [Grifo do autor]

Considerando a valência dos verbos habilitados para X da Construção SEC a partir da perspectiva construcionista proposta por Perini (2001), temos, então, em 100% dos casos investigados, verbos Ergativos em construções igualmente Ergativas, isto é, com argumento externo paciente.

5.1.1.2 Os frames evocados por X

Conforme explicitamos à introdução da presente seção, a Construção SEC é metafórica em sua natureza e tem sua superlatividade imposta por uma relação de Causa/Efeito: devido ao “excesso” de Y (Causa), impactos/danos corporais bruscos

apresenta prototipicamente uma valência transitiva), sugere, na cena evocada pela Construção SEC, uma valência ergativa, assim como os demais verbos que compõem o paradigma de X na construção. O exemplo que apresentamos para esse caso foi extraído a partir de pesquisa no Google.

(X) são figurativamente desencadeados (Efeito) sobre um Afetado. Assim, as cenas ergativas evocadas pelos verbos presentes em nosso *corpus* (19 *types*) implicam um dano, impacto sofrido. No dicionário de *frames* usado neste estudo (FrameNet) não encontramos nenhum *frame* que equivalha às cenas da Construção SEC (cf. seção 2.2.2). Assim, estamos configurando dois *frames* semânticos distintos evocados pelas ULs verbais:

TABELA 10
Frames evocados por X

Frames evocados	Types verbais
Frame de Impacto fisiológico	borrar, cagar, cansar, chorar, escangalhar, fartar, finar, mijar, morrer, não se aguentar
Frame de Impacto físico	acabar, cair, contorcer, dobrar, estourar, rachar, rasgar, rebentar, torcer

Os dois *frames* se distinguem pela natureza (física e fisiológica) do dano/impacto, mas, de modo simplificado, podemos dizer que tais *frames* apresentam três EFs centrais – o EF Causa, o EF Efeito e o EF Afetado/Paciente (cf. seção 2.2.2):

- (08) 19:Fic:Br:Queirós:Muralha - Parece que sua mana Rosália está
Afetado/Paciente
bem caída de amores.
Efeito Causa
- (09) 19:Fic:Br:Lopes:Intrusa era a primeira vez que Maria da Glória dormia fora de casa. A baronesa morria de impaciência por vê-la
Afetado/Paciente Efeito Causa
voltar; à tristeza da ausência juntava-se um cuidado [...]

Cabe ressaltar que, de maneira geral, as consequências trazidas pelos valores superlativos não são benéficas ao EF Afetado. Ao contrário, apresentam-se como processos nocivos e desagradáveis, apontando, pois, para uma semântica negativa, que pode revelar que o enunciador vê de maneira negativa o excesso de Y sugerido pela construção. Isso se alinha a um dito popular encontrado em nossa sociedade de que “nada em excesso faz bem”, que, de certa forma, nega a total coerência da metáfora orientacional “Mais É Melhor”, “Menos É Pior” (LAKOFF E JOHNSON, 1980[2002]) em nossa cultura. Sugere, contudo, com esses mesmos autores (2002[1980]:72), que, uma vez que valores culturais são relativos e muitas

vezes se conflitam, é natural que as metáforas associadas a tais valores também se conflitem.

Tal achado analítico vai ao encontro dos resultados obtidos por dois outros estudos sobre a rede de Construções Superlativas. Bronzato (2010), estudando a Construção Gramatical de Hiperbolização (“**Ele bombou/arrasou/arrebentou** na festa”), evidencia que os *types* verbais licenciados para tal construção evocam o *frame* de Destruição em seu sentido mais central (“arrasar”, “arrebentar”, “bombar”, “detonar”) ou mais periférico (“apavorar”, “arrepisar”, “humilhar”).

Carrara (2010), de igual modo, estudando a Construção Superlativa Causal Nominal, do tipo “...e lasca lá uma **cafonice de chorar**” e “...sempre trazem novidades e **dicas de arrebentar**”, encontra indícios na mesma direção: os *types* verbais evocam *frames* de impacto físico, orgânico e emocional.

5.1.2 O Y do X

Na subseção anterior, descrevemos X, o coração da construção, aquele elemento que imprime à Construção SEC o seu traço de intensidade superlativa, tanto que é devido a sua natureza semântica que nomeamos tal construção. Nesse ponto, ater-nos-emos à descrição do elemento Y, elemento que, na Construção SEC, indica a Causa (EF Causa) do impacto/dano corporal indicado por X, isto é, o elemento graduado e modalizado por X, o Operador de Escala. Trata-se, como vimos à introdução da seção 5.1, do Núcleo Graduável.

Na pesquisa realizada no *corpus*, encontramos quinhentos e trinta e um (531) vocábulos/expressões diferentes nessa posição em um universo de mil setecentos e vinte e seis ocorrências (1.726). Desse total, 61,9% são ocorrências de sintagmas nominais (SN), 36,8% de sintagmas verbais (SV). Os demais 1,3% tratam-se de casos especiais (que serão tratados na subseção seguinte): adjetivos, encontrados no *type* “Cair de Y” e em “Rachar de Y”. Por agora, focalizaremos os Ys que estamos considerando membros da equação padrão da Construção SEC, isto é, aqueles que pertencem às categorias dos nomes e dos verbos:

- (10) 19:Fic:Br:Louzeiro:Devotos - Vem cá, frangote! - Biguá dobrava-se de tanto **rir**. Azulão permanecia cal-mo, de pé.
- (11) 19:Fic:Br:Castilho:Brás Rodolfo Valentino, paletó de um botão só, espera há muito com os olhos escangalhados de **inspecionar** a Rua Barão de Itapetininga.
- (12) 18:Machado:Bonzo toda aquela gentildade, e por isso mesmo malvisto de outros bonzos, que se finavam de puro **ciúme**.
- (13) 17:Macedo:EvaAve a espada contra o que se atrevo a pegarlhe na barba, & o fez cahir de **medo**.
- (14) 15:Frois:Japam1 para caza, que hé de crer, que por sua estranha pobreza vinhão bem mortos de **fome**, chegando na paragem da igreja às horas das Ave Marias [...]

Os exemplos acima e os dados presentes no anexo II atestam, como vimos afirmando, que ocupam Y prototipicamente nomes e verbos. Há, contudo, uma restrição de seleção imposta aos elementos em Y. Os colocados como Y, na Construção SEC, são habilitados a partir da valência sintática do(s) *type(s)* com que se integram. Ou seja, é X que estabelece se Y será preferencialmente um SN ou um SV. Exemplificando:

- O verbo “morrer”, que em seu sentido mais central ativa o *frame* de morte, tem como um de seus elementos a Causa. O EF Causa é, nesse caso, expresso pela preposição “de” seguida de um SN: “morrer de gripe”, “de acidente” etc. Em vista disso, na Construção SEC, o complemento metafórico preferencial do *type* “morrer de” também será um SN: dos seiscentos e setenta e quatro (674) casos desse *type* encontrados no *Corpus* do Português, seiscentos e cinquenta e quatro (654) – 97% – dos Ys são SNs:

- (15) 19Or:Br:Intrv:Web: criança tem essa capacidade de se espantar com o mundo. Por isso ela não **morre de tédio**.
- (16) 19Or:Br:Intrv:ISP: A platéia **morre de rir** do que é, na verdade, uma tragédia para o meu personagem [...]
- (17) 19:Fic:Br:Amaral:Amigos: não consigo parar de pensar que o Rui ficou comigo por piedade, pra não **morrer de culpa**, o que é uma merda pra mim e pra ele.
- (18) 19:Fic:Br:Amaral:Amigos: De vez em quando ele me telefonava. Agora, nem isso. - O Leo **morria de ciúmes** do Ivan.

- Em seu sentido básico, o verbo “cansar” suscita um *frame* de ímpeto biológico (Biological_urge, de acordo com a FrameNet). O EF Razão (*reason*), nesse caso, também é quase sempre expresso pela preposição “de” seguida de um verbo de ação que causa fadiga física (correr, pular etc.). Assim, na Construção SEC, o complemento metafórico de “cansar” será, de preferência, um SV (88,7%):

- (19) 19Or:Br:Intrv:ISP: É a velha argumentação, que já estou **cansado de ouvir**: " O senhor é contra o rock, o pop [...]"
- (20) 19:Fic:Br:Abreu:Santa dizer inesperado, reação de bom humor, eta mulherzinha chata, às vezes até **cansava de tanto contentamento** pois motivos não sobravam, feia, mal-acabada, malcasada [...]"
- (21) 18:Sousa:Missionário: o suor do rosto com a manga do paletó de musselina branca, não se **cansava de lhe fazer elogios**.
- (22) 18:Machado:Bons: Mas aqui está o que é, eu sou um pobre relojoeiro, que, **cansado de ver** que os relógios deste mundo não marcam [...]"

Considerada tal restrição, apresentamos na tabela abaixo a categoria de elementos que cada um dos *types* investigados da Construção SEC seleciona no *corpus* averiguado e suas respectivas frequências:

TABELA 11
Distribuição do elemento Y nos *types* investigados da Construção SEC

	Type	Y = nome	Y = verbo	Y = adjetivo	Total
01	MORRER de Y	654	20	---	674
02	FARTAR(-SE) de Y ³¹	113	268	---	381
03	CANSAR(-SE) de Y	42	330	---	372
04	CHORAR de Y	109	03	---	112
05	CAIR de Y	75	---	21	96
06	REBENTAR(-SE) de Y	33	01	---	34
07	ESTOURAR(-SE) de Y	16	01	---	17
08	TORCER(-SE) de Y	10	---	---	10
09	ACABAR(-SE) de Y	---	08	---	08
10	FINAR(-SE) de Y	04	01	---	05
11	RASGAR(-SE) de Y	05	---	---	05
12	BORRAR(-SE) de Y	03	01	---	04

³¹ O *type* da Construção SEC com o verbo “fartar” foge a essa lógica que postulamos acima, já que, em seu sentido mais básico, liga-se a ele um nome, afinal “fartamo-nos de alimentos” e esses são representados por nomes. O fato de o item X nesse *type*, como veremos mais adiante (especialmente à seção 5.3), estar se gramaticalizando nessa construção em direção a um verbo auxiliar faz com que interaja preferencialmente com um verbo, como aponta a tabela.

13	MIJAR(-SE) de Y	01	---	---	01
14	ESCANGALHAR(-SE) de Y	---	01	---	01
15	CAGAR(-SE) de Y	02	---	---	02
16	CONTORCER(-SE) de Y	01	---	---	01
17	DOBRAR(-SE) de Y	---	01	---	01
18	NÃO SE AGÜENTAR de Y	01	---	---	01
19	RACHAR(-SE) de Y	---	---	01	01
	TOTAL	1.069	635	22	1.726
	(%)	(61,9%)	(36,8%)	(1,3%)	(100%)

Como demonstra a Tabela 11, a categoria dos nomes é mais presente em Y, 61,9% do total de ocorrências encontradas da construção em estudo, contra 36,8% de verbos. Os 1,3% restantes correspondem a adjetivos, casos que fogem do padrão da construção e, como apontamos acima, serão tratados na próxima subseção.

Acerca da semântica dos nomes que aparecem como núcleos dos SNs que ocupam Y, esses são prototipicamente **substantivos abstratos**³² – 96,6% do total de nomes, 59,8% do total de ocorrências da construção – que evocam *frames* de estado (amor, saudade, desgosto, inveja, alegria, fome, sede, fadiga etc.) ou ação (riso, gargalhada, trabalho, cálculos, sono, trabalho etc.). As outras classes de Y-nome (Y = N) que aparecem no *corpus* (e totalizam 3,4% da ocorrência dessa categoria, 2,1% da ocorrência total da Construção SEC) também serão discutidos na subseção seguinte.

Sobre os verbos que compõem o paradigma de Y, o *corpus* mostra que eles sempre aparecem prototipicamente no infinitivo e as quatro categorias de verbos propostas por Borba *et al.* (1990) e Borba (1996) são passíveis de ocupar Y: ação (e.g. “falar”, “rir”), processo (e.g. “admirar”, “aturar”), ação-processo (e.g. “valorizar”, “perder”) e estado (e.g. “esperar”, “viver”). No entanto, há uma natural restrição de seleção relativa à interação de tais verbos com X: o SV que vier a ocupar Y não pode conflitar com o SV que estiver ocupando X no sentido de não atrapalhar a acepção evocada pela construção, ou seja, o sentido de Y não pode auxiliar no disparo do sentido mais literal de X. Em termos de tal construção, dessa forma, posso ter, por exemplo, “fartar(-se) de correr” (“A Tânia, de sete anos, que **se fartou**

³² Cunha e Cintra (2007:178) definem substantivos abstratos como aqueles “que designam noções, ações, estados e qualidades, considerados como seres”. Neves (2000:74), por sua vez, amplia tal categoria de substantivo como aqueles que designam estado, propriedade, qualidade, ação e processo.

de correr e pular pelo acampamento, deixava também uma ambição”, 19N:Pt:Jornal). Mas, se usar esse mesmo Y – “correr” – no *type* “Cansar(-se) de Y”, não teríamos mais uma instância da Construção SEC, já que, nesse *type*, o verbo “correr” em Y atuaria como gatilho para o sentido mais básico de “cansar”, suscitando o *frame* Ímpeto Biológico (*Biological_urge*), e não o *frame* Posição em uma Escala, como veremos mais adiante.

No anexo II, ao final de cada uma das listas de ocorrências dos diferentes *types* da Construção SEC, apresentamos as interações X-Y encontradas no *Corpus* do Português.

5.1.3 Os “foras da lei”

Como vimos à subseção anterior, o Y preferencial da Construção SEC são nomes abstratos (59,8%) ou verbos (36,8%).

Todavia, 3,4% dos nomes (que corresponde a 2,1% do total de ocorrências da construção, cf. seção 5.1.2) não se enquadram no padrão postulado – substantivos abstratos; são substantivos concretos (galerias de arte, parque, ouro, etc.), próprios (Rosedá) e mesmo pronomes (mim, nós, ti). Tais ocorrências estão restritas a dois *types*, quais sejam “Cansar(-se) de Y” (05 ocorrências) e “Fartar(-se) de Y” (31 ocorrências), como ilustram os exemplos abaixo:

(23) 19:Fic:Br:Amado:Jubiaba todos se aquietaram, felizes pelo divertimento. O tempo passa, Balduino, **cansado de Rosedá** a abandonou.

(24) 19N:Pt:Beira professor pensa e diz: espero que o próximo professor te ensine **que eu estou farto de ti**, ou tenho mais que fazer.

(25) 19:Fic:Br:Rodriguez:Destino propósito; pensa que eu não sei? E eu imagino por quê. **Está cansado de mim**, eu não interesso mais!

Uma dificuldade analítica emerge neste ponto. Tais construções preservam, é fato, o valor superlativo metafórico. Contudo, a ausência de paralelismo com os demais *types*, que rejeitam tais formas, parece-nos um argumento forte em favor da

desconsideração dessas trinta e sete ocorrências como exemplo da Construção SEC.

Contudo, uma vez que assumimos com noção de prototipia e radialidade em nossa pesquisa (cf. seção 2.2.1), a análise do objeto investigado precisa considerar o centro e a periferia da construção. Assim, optamos por entender tais casos como uma extensão do padrão, do centro prototípico da construção.

Nesse caso, uma leitura atenta dos exemplos suprapostos sugere que o que “cansa”/“farta” a outrem não é Rosedá (seu lado físico em si), mas, por exemplo, sua presença e/ou sua atitude. O mesmo acontece com os outros casos: não é a segunda e a primeira pessoa do singular que “fartam”/“cansam” o Afetado, mas a presença/atitude de tais pessoas. Desse modo, os exemplos podem ser lidos como uma metonímia do tipo “Todo Pela Parte” (seção 2.2.3.2) – em que uma entidade que compõe um todo é usada para se referir a ele, elucidando um aspecto específico desse todo. Em vista disso, as “pessoas” enunciadas apresentam, com isso, como as partes mais relevantes dos todos que representam.

A emergência de uma construção com adjetivo só ocorre em 1,3% das ocorrências da Construção SEC no *Corpus* do Português, como apontou a Tabela 11. De maneira mais substancial, esse caso se dá apenas no *type* “Cair de Y”: vinte e uma vezes (“cair de bêbado, de podre, de velho/velhinho”). Apenas mais um caso é presente: em “Rachar de Y” (“era para agarrar o bicharedo **rachando de gordo** e aguaxado, pesadão e o tempo mais fresco para a cavalhada”, 19:Fic:Br:Lopes:Gauchescos).

Assim, embora significativa com o verbo “cair” no *corpus*, a presença de adjetivos em Y não constitui padrão, afinal parece tratar-se, pelo que nos apresenta os dados do *corpus*, de um licenciamento específico para o *type* com o verbo cair. De maneira mais ampla, somente esse *type* autoriza Y igual a adjetivo (Y = Adj.), totalizando 21,9% dos seus 96 *tokens*.

5.1.4 A instituição do padrão [X_v de $Y_{(N/V)}$]

Nas duas subseções anteriores, descrevemos os elementos constituintes da Construção SEC, X (Operador de Escala Superlativa) e Y (Núcleo Graduável),

tratando especialmente de suas naturezas morfossintática, semântica e seus comportamentos na construção. Na presente seção, continuaremos, naturalmente, falando de tais elementos, porém o foco volta-se, de modo mais específico, para a sua integração, que institui, por assim dizer, o padrão linguístico que estamos nomeando Construção Superlativa de Expressão Corporal.

Frente tal tarefa, focalizaremos, em primeiro lugar, a motivação conceptual da Construção SEC. Em seguida abordaremos separadamente o polo semântico e o polo formal da construção, embora não os dissociemos (cf. seção 2.3). Tais “recortes” na apresentação do objeto visam apenas à maior clareza da descrição.

5.1.4.1 A motivação conceptual da Construção SEC

Carvalho-Miranda (2008:82), estudando a rede de construções concessivas, afirma que

um princípio orientador do pensamento sociocognitivista é a gramática ser uma rede de signos, isto é, de símbolos emparelhados de forma e modos de significação semântico-pragmáticos e não uma rede de padrões puramente formais. Ainda: a gramática é motivada **conceptual e pragmaticamente**, sendo que a dimensão conceptual envolve esquemas pré-conceptuais básicos, domínios conceptuais, projeções entre domínios, metáforas e metonímias, enquanto que a dimensão pragmática implica necessidades comunicativas e dinâmicas interacionais.

Uma vez que também assumimos tais pressupostos como princípios norteadores deste trabalho (cf. seções 2.1 e 2.2), passamos a delinear a natureza conceptual dos processos motivadores do padrão construcional que estamos estudando. A complexidade de sua instituição apresenta o entrelaçamento entre o esquema imagético da Imposição (variação do esquema da Força) e a noção de Causalidade que, projetando-se figurativamente na metáfora primária “Causa É Força Física”, motivam o padrão gramatical característico dessa construção.

Nesse ponto, é preciso colocar que os estudos que vêm sendo desenvolvidos dentro do macroprojeto sobre a rede de construções superlativas (cf. seção 3.4) vêm apontando, reiteradamente, as mesmas bases conceptuais para

toda a rede que o nosso estudo aponta. Bronzato (2010) também vai na mesma direção.

5.1.4.1.1 A articulação do conceito de Causalidade na Construção SEC

A Causalidade, tal como discutida à subseção 2.2.3.1, é um conceito humano básico que forma uma *gestalt* em nossa experiência (LAKOFF E JOHNSON, 2002 [1980]:144), isto é, um todo considerado mais básico do que suas partes.

Nos termos de Tomasello (2003[1999]:31-34, cf. seção 2.3.1), o conceito de Causalidade, intrínseco à cognição humana e exclusivo da espécie, diz respeito a uma causa subjacente que agrega dois eventos.

Na construção que estamos estudando, Y (EF Causa) é a causa subjacente entre dois eventos:

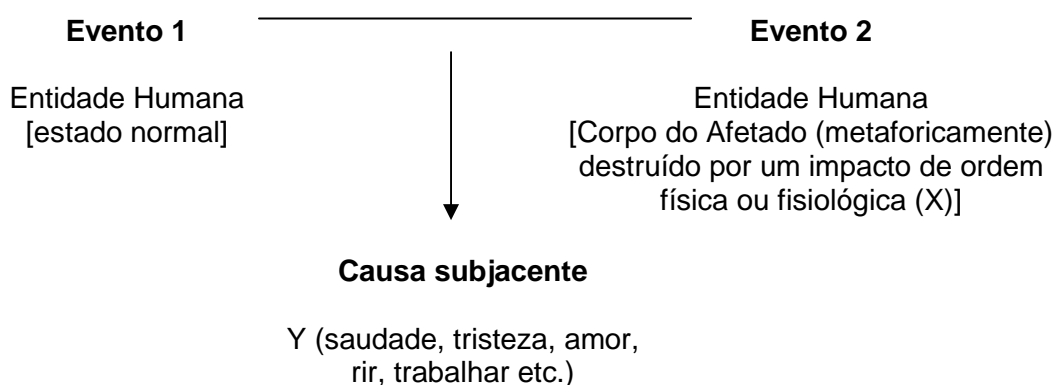


FIGURA 11 – A articulação da causalidade na Construção SEC

A descrição do Evento 1 na figura acima supõe uma entidade humana em um estado “normal” que, afetada por uma Causa, sofre um dano, um impacto em seu corpo (EF Consequência), passando ao estado indicado pelo Evento 2.

Na Construção SEC, portanto, a noção de Causalidade manifesta-se na relação entre desencadeamento metafórico de um Efeito (X) (um impacto físico ou fisiológico) em função de uma Causa (Y) (cf. seção 5.1.1). A Causa (Y), um estado

(tristeza, medo, saudade etc.) ou uma ação (rir, trabalhar, avisar etc.), funciona, em termos cognitivos, como o recipiente de onde emergem os impactos supracitados.

Tal noção serve de base à metáfora conceptual “Causalidade É Emergência” (LAKOFF e JOHNSON, 2002[1980]:151-152), que associa a manifestação de um evento, no caso o Efeito indicado por X, em relação direta com uma Causa. De toda forma, em virtude de a natureza prototípica de Y ser não-humana e, com isso, não poder manifestar manipulação direta ou intencionalidade, a Causalidade na construção é uma extensão da forma mais prototípica de se formular o conceito.

5.1.4.1.2 O esquema imagético da Imposição

Dos sete Esquemas Força que vimos à subseção 2.2.1, é o esquema Imposição aquele que se encontra na origem da instituição da Construção SEC como construção do Português. Segundo Johnson (1987:45), tal esquema emerge da experiência de

ser movido por forças externas, como o vento, água, objetos físicos e outras pessoas. Quando uma multidão te empurra, é-se movido por um caminho que pode não ter escolhido, por uma força que não pode resistir. Algumas vezes, a força é insuperável, como quando a multidão torna-se completamente fora de controle; em outros momentos a força pode ser contra-atacada ou modificada. Nos casos de imposição, a força vem de algum lugar, tem certa magnitude, move-se por um caminho e tem uma direção. [Trad. nossa]

Dessa forma, na Construção SEC, uma Causa Y se impõe sobre um Afetado, causando nesse um impacto de ordem física ou fisiológica. Os exemplos

- (26) 19:Fic:Br:Garcia:Silencio podemos telefonar para ele e dizer que **eu estou me borrando de medo**
- (27) 19:Fic:Br:Costa:Sala **Eu** quase **me caguei de medo**, essa é que é a verdade!
- (28) 19:Fic:Br:Novaes:Mao Foi quando, quase **se mijando de medo**, o moleque o cutucou com a coronha do bacamarte

ilustram tal imposição de forças: aos sujeitos é imposto um medo em grau tão elevado que acabam por ter metaforicamente desencadeadas atividades fisiológicas, que, embora controláveis em certos contextos, nas situações apresentadas geralmente não dão aos afetados possibilidade de controle.

Essa prototípica impossibilidade de controle, por sua vez, é o que marca a presença de tal esquema imagético na Construção SEC. O Afetado não tem escolha a não ser aceitar os efeitos metafóricos da força sobre seu corpo.

Em vista disso, como construção que envolve um Esquema Força em seu domínio fonte, a Construção SEC tange necessariamente uma dinâmica entre forças (seção 2.2.1), isto é, a configuração, proposta por Talmy (2000 *apud* MULDER, 2007:294-317), em termos da tendência da força após a interação entre a força de um Agonista e a de um Antagonista.

Como Agonista, na Construção SEC, temos o sujeito da construção – Entidade Humana Afetada – e o Antagonista como aquilo (estados e ações) que é vivenciado em termos superlativos – Y. Nessa leitura, X indica a consequência, o efeito da ação da força de Y sobre o sujeito, revelando, assim, a “potência” da força do Antagonista, uma vez que quanto maior for sua força, mais brusca será a expressão corporal.

É possível que uma mesma construção apresente diferentes configurações da força³³. A Construção SEC, entretanto, parece não afigurar tal complexidade, apontando unicamente para as configurações da Força, quais sejam as que a força do Antagonista sempre supera a do Agonista.

As entidades do esquema podem ser instanciadas na construção de maneira que haja, por parte do Agonista, a tendência para o movimento, e o Antagonista lhe imponha repouso. Em (29), a força e imposição do antagonista sobre o agonista é representada pelo verbo “morrer”, que suscita uma ideia de repouso (“a morte é o repouso eterno”). Assim, deduzimos que a tendência do Agonista era de movimento, uma vez que sua força é sempre contrária a do Antagonista:

(29) 19:Fic:Br:Carvalho:Bebados minha cabeça estava estourando; eu estava morrendo de sono; disse que ia fechar os olhos

³³ A Construção Negativa Superlativa de IPN (MIRANDA, 2008, seção 3.4), por exemplo, é um caso de construção que habilita instancias com as quatro configurações da Dinâmica de Forças.

Já em (30), como a força do Antagonista é indicada pelo verbo “dobrar”, que fornece uma ideia de movimento, podemos também deduzir, pela oposição em relação à força do Antagonista, que o Agonista tendia ao repouso, mas não foi capaz de manter-se nessa condição:

(30) 19:Fic:Br:Louzeiro:Devotos - Vem cá, frangote! - Biguá **dobrava-se de tanto rir**. Azulão permanecia calmo, de pé.

Na diagramação proposta por Talmy (2000:415 *apud* MULDER, 2007:296), as representações são, respectivamente, as seguintes³⁴:

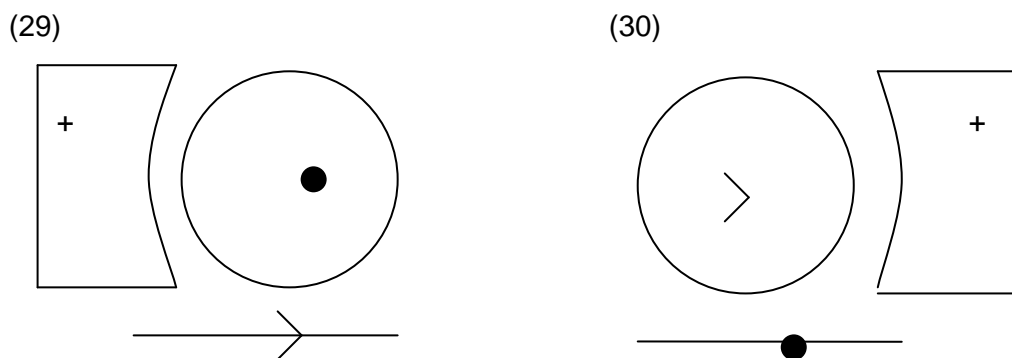


FIGURA 12 – A representação da Dinâmica das Forças na Construção SEC

Nesses termos, a relação de Causa/Efeito (cf. seção 5.1.1.2) que se delinea na construção pode ser lida da seguinte maneira: a força imposta pelo Antagonista, isto é, a Causa (a inveja, por exemplo), é de tal maneira intensa que desencadeia um Efeito – uma expressão corporal (cansar, faltar, morrer, tremer etc.) – no Agonista, que, por ter sua força suprimida, se em movimento, passa ao repouso e, se em repouso, passa ao movimento.

5.1.4.1.3 A metáfora primária “Causa É Força Física”

Tal como pontuamos à seção 2.2.3.1, a compressão da noção de Causalidade em termos de força física, de acordo Lakoff e Johnson (1999),

³⁴ A diagramação segue os parâmetros apresentados à nota 3, na página 27.

encontra-se em nossa experiência primária de alcançar resultados ao exercer força física em objetos para movê-los ou mudá-los de lugar, dando origem à metáfora primária “Causa É Força Física”.

Essa relação, na Construção SEC, configura-se, como sugerimos em vários momentos, a partir da lógica a seguir: a vivência de um determinado estado (medo, emoção, raiva etc.) ou uma ação (rir, trabalhar etc.) em termos superlativos – a Causa (Y) – manifesta-se como força física que age sobre o corpo do Afetado, causando-lhe um impacto/dano corporal metafórico, suscitado pela ativação dos *frames* de Impacto Físico ou de Impacto Fisiológico.

Pensando essa relação, encontramos uma nova metáfora primária no cerne da construção: “Intensidade É Força Física”, em que a intensidade é tomada como uma parte da força. Assim, os *frames* de impacto demarcam intensidade superlativa, conseqüentemente, os verbos que remetem a tais *frames* atuam, nessa construção, como Operadores de Escala Superlativa (cf. introdução da seção 5.1).

A associação dessa metáfora com outras duas metáforas primárias que discutimos – “Causalidade É Emergência” e “Causa É Força Física” –, dão origem à metáfora complexa, marcante em nossa cultura, “Viver é Guerrear”, já discutida em Bronzato (2010) e Carrara (2010), que assim a mapeou:

Metáfora: Viver É Guerrear		
Domínio Fonte: Guerra		
Domínio Alvo: Vida		
Mapeamentos:		
GUERREIROS	→	VIVENTES
ARMAS	→	ATRIBUTOS
CONQUISTAS	→	PROPÓSITOS
VENCER	→	TER SUCESSO
PERDER	→	FRACASSAR
VENCEDOR	→	VIVENTE COM SUCESSO
DERROTADO	→	VIVENTE COM FRACASSO
DANOS/DESTRUIÇÃO	→	IMPACTOS físico, orgânico, emocional, moral
CAMPO DE BATALHA	→	VIDA

FIGURA 13 – Mapeamento da metáfora complexa “Viver É Guerrear”
Fonte: Carrara (2010:138)

Em nossa experiência, entender a ação de viver em termos de guerrear, justifica-se, por, em nosso dia a dia, “lutarmos” contra seres de nossa espécie, outros animais, doenças (causadas por protozoários, vírus, bactérias), sistemas

complexos erigidos pelo homem; lutamos, muitas vezes, contra nós mesmos, nossos sentimentos, nossas ações. Enfim, “vamos à luta”, como reza o dito popular.

A Construção SEC, em vista disso, é um caso da linguagem que manifesta a guerra de um ser humano contra sentimentos e ações vividas descomedidamente. Esse achado é coerente com a relativização da metáfora “Mais É Melhor” (LAKOFF E JOHNSON, 1980[2002]) em nossa cultura, apontando que o excesso não nos é benéfico e que mais não é melhor em todos os casos (seção 5.1.1.2).

O que foi colocado nesta seção reitera, como pontuamos à sua introdução, achados analíticos muito próximo ao de outras pesquisas ligadas ao macroprojeto “Construções Superlativas no Português do Brasil: um estudo sobre a semântica de escala” (MIRANDA, 2008a – CNPq) e do trabalho de Bronzato (2010). Isso, em termos de um conjunto de estudos de caso, significa uma possível generalização acerca das motivações conceptuais das ditas Construções Superlativas.

Os achados aqui apresentados também se apresentam como evidências fortes em favor da tese sociocognitiva e construcionista de que “gramática é conceptualização” (CROFT E CRUSE, 2004:01, seção 2.1).

5.1.4.2 A nova valência da cena

Vimos mais detalhadamente às primeiras subseções da presente seção (5.1.1 e 5.1.2) que, em termos morfossintáticos, temos um padrão [X_v de $Y_{(N/V)}$], em que X são verbos que evocam os *frames* de Impacto fisiológico e de Impacto físico (seção 5.1.1) e Y, prototipicamente, são nomes e verbos de diferentes categorias (seção 5.1.2).

Por ter como processo elementar a metáfora, podemos pensar a construção que estamos estudando em termos dos domínios fontes que a configuram e do processo figurativo que resulta no domínio alvo.

Foi, pois, sobre as cenas evocadas no domínio fonte que nos debruçamos ao descrever as valências dos verbos habilitados para X. O que muda, então, quando a sintaxe e a semântica dos verbos se combinam com a sintaxe e a semântica da construção é o que veremos nesta subseção.

Tomados em seus sentidos básicos, vimos que os verbos da Construção SEC (X) são, em sua totalidade, Ergativos, o que implica um sujeito Paciente acompanhado, ou não, por um adjunto, um constituinte opcional. De acordo com Perini (2008), a Construção Ergativa constrói-se sem o adjunto (“Ele morreu”; “Ele chorou”; “Ele caiu”), ao passo que, agregando o adjunto, passamos a ter a Construção Ergativa Causal (“Ele morreu de câncer”; “Ele chorou de dor”; “Ele caiu na escada”), já que o adjunto vem informar o que desencadeia aquilo que é expresso pelo verbo.

No padrão da Construção SEC, a valência vigente é herança da Ergativa Causal (cf. seção 5.2). O que seria, entretanto, um constituinte opcional na Ergativa Causal, passa a ser obrigatório na Construção SEC. Assim, temos X como o Operador de Escala, indicando o impacto fisiológico/físico metaforicamente desencadeado no sujeito afetado por Y, o Núcleo Graduável e Causa da expressão corporal. Na Construção SEC, portanto, Y não pode ser tratado como um adjunto adverbial (ou seu equivalente oracional, uma oração subordinada adverbial), já que sua enunciação é imprescindível.

Dessa forma, Y está altamente integrado com X, constituindo, como vimos argumentando, uma construção (i.e. uma única unidade de processamento) relativamente convencionalizada (como sugere a ocorrência em *corpus*), em nível sintagmático.

5.1.4.3 A reanálise semântica promovida pela cena – o frame de Escala

A Construção SEC, como estrutura metafórica, sofre, em vista da cena cognitiva que a sustenta, uma reanálise semântica, passando a perspectivizar um novo *frame* conceptual, o *frame* de escala.

Isso se dá devido à interação do sentido da construção – que sugere uma leitura escalar de um estado (alegria, tristeza etc.) ou ação (rir, estudar etc.) – com o dos *frames* dos verbos que participam da construção na posição X, que não se tornam opacos.

Dessa forma, enquadrando os itens a partir da semântica escalar suscitada pela Construção SEC (ou seja, da perspectiva do domínio alvo da construção) os

elementos que compõem a construção receberão novos rótulos em vista dos EFs do *frame* Posição em uma Escala (cf. seção 2.2.2): o Afetado preencherá o EF Item, ou seja, “entidade cuja propriedade escalar é especificada”; X, por sua vez, preencherá o EF Valor, que diz respeito à “posição ou variações de posição que o Item ocupa em uma escala”; e Y o EF Variável (“propriedade escalar que o Item possui”):

(31) 19:Fic:Pt:Joyce:Distância Lá que a rapariga morria de amôres por ele, ninguém lho arrancava da cabeça, nem com remoques

Item Valor Variável

O EF não central Grau (que “identifica o Grau para o qual a propriedade escalar de um Item retém com respeito a alguma Variável”) parece estar fundido, na Construção SEC, com EF valor, uma vez que essa construção já carrega em seu cerne o grau superlativo.

5.1.4.4 A formalização da Construção Superlativa de Expressão Corporal

Nos termos descritos até este ponto, passamos a uma síntese do padrão construcional (formal e semântico) descrito para a Construção SEC:

- (i) Conceptualmente, essa construção evoca uma semântica escalar, suscitada em termos superlativos.
- (ii) Apresenta o padrão $[X_v \text{ de } Y_{(NV)}]$, em que X – Operador de Escala Superlativa – são verbos que evocam *frames* de impacto fisiológico ou de impacto físico e Y – Núcleo Graduável – pode ser um nome (prototipicamente um substantivo abstrato) ou um verbo.
- (iii) Trata-se de um elo de herança da Construção Ergativa Causal (construção em que o sujeito é paciente e um adjunto apresenta a Causa que afeta o sujeito), da qual erige sua valência.

Em vista de tais aspectos, a formalização pode ser proposta, considerando a construção superlativa mais genérica [Núcleo Graduável (NG) + Operador de Escala Superlativa (OES)], discutida à introdução deste capítulo, e os traços semânticos e formais que definem este nóculo da rede superlativa. Como nos trouxe

o trabalho de Sampaio (2007), temos, dessa forma, duas variações de um mesmo padrão construcional:

1. A Construção SEC Nominal (“João morreu de medo”)

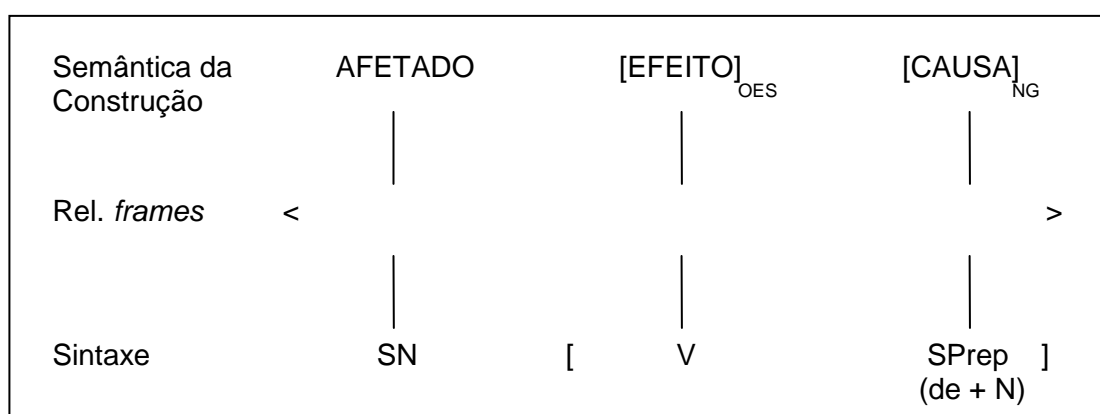


FIGURA 14 – A formalização da Construção SEC Nominal

2. A Construção SEC Verbal (“João morreu de rir”)

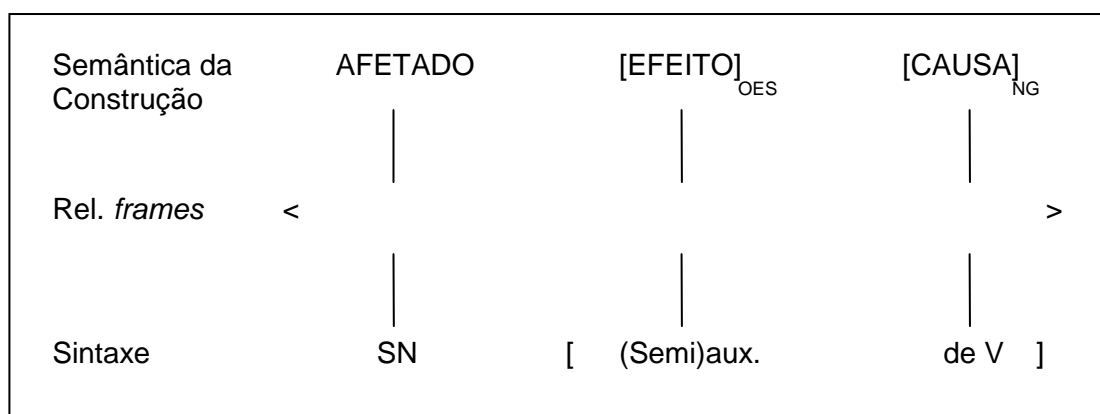


FIGURA 15 – A formalização da Construção SEC verbal

Os diagramas esquematizam a configuração da Construção SEC em suas duas variações. Além do fato de Y ser um nome em uma e verbo em outra, o que difere, basicamente, a variante verbal da construção de sua variante nominal é a condição de (semi)auxiliar modal que estamos reclamando para X quando esse se liga a outro verbo (MIRANDA, inédito). Na Construção SEC Verbal, portanto, X tem, com isso, duas funções: (1) indicar as noções de modo, tempo, pessoa e número,

como qualquer verbo auxiliar; e (2) posicionar a instância da construção em uma escala de força pragmática.

Apesar desse estatuto que está sendo reivindicado para X na Construção SEC Verbal, é preciso enunciar com clareza que tais verbos não têm semântica opaca já que ainda têm o poder de evocar metaforicamente os *frames* característicos da construção (*frame* de impacto fisiológico e *frame* de impacto físico).

Particularmente, dois *types* da Construção SEC Verbal – “Cansar(-se) de V” e “Fartar(-se) de V” –, através da pesquisa em *corpora*, mostraram-se estar em estágio mais avançado de convencionalização e talvez estejam alterando sua dimensão semântica e formal de modo a atuar como auxiliares modais. A dificuldade para situar os casos como casos de metáfora (ou seja, dificuldade em se ter consciência metafórica acerca desses casos) talvez seja um argumento em favor dessa hipótese. Trataremos com mais especificidade questões sobre a auxiliarização desses dois *types* da Construção SEC na seção 5.5.

5.1.4.4 A dimensão pragmática da construção

Modalidade, de maneira geral, é o processo pelo qual se removem barreiras ou impõem-se forças em relação a um interlocutor. Nos termos de Miranda (2005: 171-195), a modalidade apresenta-se como uma categoria linguística que gerencia a interação. A origem conceptual de tal processo de modalização está no esquema de Causa como Imposição de Força e como Suspensão de Barreiras (seção 2.2.1), que, por sua vez, autoriza a Hipótese da Dinâmica das Forças (seções 2.2.1 e 5.1.4.1.2). Esse primitivo cognitivo (suscitado por nossa experiência em lidar com forças) projeta-se figurativamente no domínio social, estabelecendo a Modalidade Deontica (imposição de forças e remoção de barreiras de cunho social e moral), e no domínio conceptual, fundando a Modalidade Epistêmica, que diz respeito às forças que se impõem ou as barreiras que se suspendem advindas “de um corpo de premissas (causa) que compele o raciocínio do falante/interlocutor em determinada direção, ou rumo a uma conclusão” (MIRANDA, 2005:186).

A Construção SEC, alinhavando estratégias cognitivas específicas (seção 5.1.4.1), sofre, na dinâmica do discurso, uma reanálise do *frame* que ativa em seu domínio alvo – *frame* de Impacto físico/fisiológico –, passando a suscitar o *frame* Posição em uma escala (seção 5.1.4.3), apresentando-se como estratégia de modalização e de subjetificação, que sugere um **grau superlativo**. Tal superlatividade, assim como qualquer outra, enfatiza e hipervaloriza o que com ela é enunciada, impressionando o interlocutor e levando-o a assumir com convicção a posição que o falante/escritor assume (cf. seção 3.2).

Comparando a Construção SEC com Construções Superlativas mais canônicas, pode-se dizer que o grau de intensidade que Construção SEC sugere ultrapassa, contudo, a de tais estratégias, revelando que o caráter superlativo indicado por essa construção refere-se aos níveis finais da escala; não se trata apenas de níveis elevados, mas de níveis excessivamente elevados.

Em termos de uso, cremos que isso se dá devido à necessidade expressiva do falante ante as formas mais regulares de intensificação superlativa, haja vista o natural desgaste no sentido de construções altamente recorrentes da língua – como construções de intensidade que utilizam intensificadores mais canônicos como “muito”, “bastante” “o(a) mais...”, dentre outros. Isso nos leva a renovar com frequência a linguagem, criando sempre novas estratégias para se alcançar um dado sentido e aproximarem uma elocução ao nível de construção da cena cognitiva que pretendem indicar – subjetificação.

Em vista disso, essa construção alinha-se com outras construções canônicas existentes no Português, no *frame* de intensidade superlativa, elucidando um esquema próximo ao seguinte:

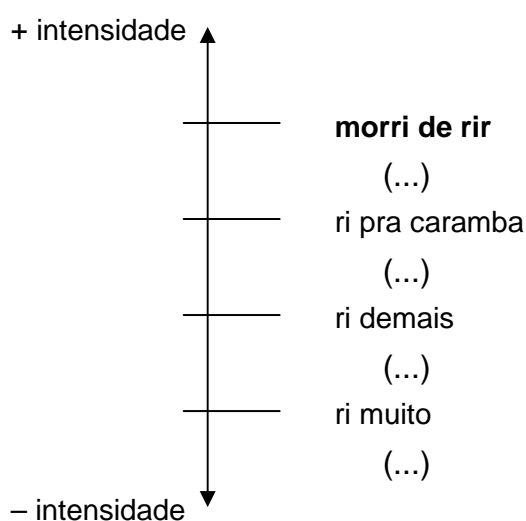


FIGURA 16 – Alinhamento da Construção SEC com outras construções superlativas da LP

A Construção SEC, porém, como uma construção recorrente na Língua Portuguesa, com pelo menos setecentos anos de história atestados em nosso *corpus* (encontram-se ocorrências da construção no *Corpus* do Português já no século XIII³⁵ – “o bõõ rey nûca **cansou de ben fazer**”, 13:CIPM:CGEsp – século cujos textos são os mais antigos que o *corpus* traz), parece também ter sofrido seus desgastes no decorrer dos tempos e seus tipos mais usuais, sugerem os dados, também se cristalizaram. Como argumento lógico para tal, cabe enunciar o princípio de Bybee (2003:604), já citado à seção 2.4.2, de que “a frequência de uso leva ao enfraquecimento da força semântica pelo hábito – processo pelo qual um organismo para de responder com o mesmo vigor a um estímulo repetido”.

Dessa maneira, o raciocínio de que os tipos da Construção SEC com maior força semântica, ou seja, aqueles que evocam os *frames* de impactos/danos mais radicais (como “morrer” e “finar”), sejam também aqueles de maior força pragmática parece não proceder. Com isso, o *type* “Morrer de Y”, por exemplo, que, em termos semânticos ocuparia a ponta da escala de efeitos sobre o corpos, parece, mediante sua forte convencionalização, perder força pragmática. Tal desgaste possibilita a emergência de outros *types* (inclusive escatológicos, como “Cagar de Y”, “Mijar de Y”), que, embora indiquem, em termos semânticos, impactos/danos menos radicais,

³⁵ A limitação do *corpus* não nos autorizam a considerar este ponto como um marco diacrônico inicial.

passam a ocupar o topo da escala. Assim, alcançam mais expressividade e permitem que os usuários da língua tenham sempre à disposição estratégias linguísticas que lhes permitam imprimir o grau de subjetificação que necessitam/almejam.

A natureza mais formal do *corpus* utilizado (cf. seção 4.4) não nos permite propor grandes generalizações acerca dos gêneros e variantes da Língua Portuguesa em que a Construção SEC mais substancialmente aparece. Todavia, levando-se em conta os dados presentes no *corpus* temos as seguintes proporções de ocorrências da Construção SEC:

TABELA 12
Os gêneros da Construção SEC

Gêneros³⁶	% de ocorrência
Literatura/ficção	87,2%
Oral	3,1%
Notícias	8,9%
Acadêmico	0,8%
TOTAL	100%

A tabela aponta que as ocorrências da construção, no *Corpus* do Português, habitam, em vasta maioria das vezes (87,2%), gêneros textuais literários/ficção. Essa informação, de certa forma, aponta para a Construção SEC como uma construção de domínios mais informais da língua (cf. seção 4.3), uma vez que gêneros literários possuem um caráter maior de subjetividade, devido à busca constante por expressividade e de retratar a linguagem de um determinado grupo social.

Essa construção ainda tem 8,9% de sua ocorrência em textos de gêneros jornalísticos (notícias). Tal presença da Construção SEC nesse domínio (embora não tão expressiva como em textos de ficção), revela uma faceta da construção que não presumíamos: seu uso em textos mais formais, especialmente dos *types* “Cansar(-se) de Y”, “Fartar(-se) de Y” e “Morrer de Y”, que têm presença notável nesses textos.

³⁶ Conforme pontuamos no capítulo de metodologia, o *Corpus* do Português categoriza os textos em quatro macrogêneros: ficção, oral, notícias e acadêmico. Essa classificação, contudo, só é válida para os dados do século XX. Os dados oriundos de textos dos demais séculos não recebem tais rótulos, é apenas apontado o nome de seu autor.

Nos gêneros acadêmicos, a ocorrência da construção é ínfima (0,8%), confirmando a preferência dos gêneros desse registro por um linguajar mais “sério e preciso” e a natural despreferência por uma linguagem mais exagerada e humorística.

O percentual de ocorrência da construção em gêneros orais no *corpus* investigado (3,1%), a nosso ver, não diz muito sobre ser a Construção SEC uma construção da oralidade, uma vez que os dados oriundos de textos dessa modalidade são incipientes nesse *corpus*. Como apontamos à nota 13 e na tabela 6 (seção 4.4), há textos orais somente do século XX e, ainda, das vinte milhões de palavras presentes nos textos desse século, apenas dois milhões são relativos à oralidade (dos outros dezoito milhões, seis são de gêneros ficcionais, seis de gêneros acadêmicos e, por fim, seis milhões de notícias). Dessa forma, a verificação de Construção SEC ser (ou não) uma construção mais oral não pode ser empreendida com os dados levantados na presente pesquisa e apresenta-se como matéria para um novo projeto investigativo.

As sequências em que a Construção SEC aparece nos textos indicados também aponta para algo pertinente em nossa defesa. Pensando que uma narração/relato suscita, de certa forma, certo grau de avaliação, subjetificação por parte do escritor/falante, afinal, ao realizarmos tais tarefas, escolhemos a maneira de recortar a cena (um copo com uma mesma quantidade de líquido pode, para pessoas diferentes, estar meio cheio ou meio vazio) e, com isso, implicitamente e subjetivamente acabamos indicando uma avaliação (cf. seções 3.2 e 3.3).

Assim, a constatação de que a construção que estamos estudando aparece, basicamente, em sequências narrativas e em diálogos (nos textos de ficção) e em trechos de relatos (nos outros gêneros) também se apresenta como um achado que converge com a ideia de que a Construção SEC é uma construção mais informal. Registros mais informais têm muito mais liberdade para lançar mão de ideias subjetificadas, mais próxima, moralmente e epistemologicamente, da realidade individual do enunciador do que de uma realidade, digamos, consagrada coletivamente. Isso se dá, já que tais sequências dão, em textos narrativos, liberdade aos personagens de se expressarem mais naturalmente e, nos relatos, permite a construção de uma visão mais particular (recheada de “impressões”) de um determinado acontecimento ou de uma paisagem, por exemplo.

Os dados acima apresentados, contudo, mostram que a Construção SEC também se apresenta como estratégia de intensificação em textos de registro mais formal (principalmente no que se refere aos *types* “Cansar(-se) de Y”, “Fartar(-se) de Y” e “Morrer de Y”), como gêneros jornalísticos, o que, de certa forma, contribui para a afirmação da forte convencionalização desses três *types* da construção.

Os já citados trabalhos de Bronzato (2010) e Carrara (2010), que, diferentemente desta dissertação, fazem uso de *corpora* não tratados, apontam para instâncias mais informais da língua construídas no século XXI o *habitat* mais representativo da categoria de construções que aqui estamos estudando. Bronzato (2010:164-165) afirma ser o *blog* “o lugar, por excelência,” da construção que estuda, devido a dois fatores preponderantes:

(i) em termos de registro, essa Construção se aplica a discursos informais, característica compatível com a linguagem utilizada na moldura do *blog*; (ii) a função semântico-pragmática de hiperbolização e hipervalorização da ação engendrada pela entidade sujeito só é bem aceita socialmente em molduras bem marcadas e o *blog* é uma dessas molduras, na medida em que é uma ferramenta discursiva de autoexpressão.

A autora inclui também os fóruns virtuais como ambientes pertinentes à Construção Gramatical de Hiperbolização (e, por extensão, às demais construções superlativas que dela se aproximam, como a Construção SEC):

outra moldura otimizada quanto ao aparecimento da Construção Gramatical de Hiperbolização [...] são os **fóruns virtuais**, de caráter opinativo, nos quais os interlocutores pretendem argumentar a favor ou contra um artista, um desportista, uma equipe, um programa de tevê, enfim, qualquer evento ou entidade passível de ser avaliada.

Tais aspectos e postulações nos permitem projetar, conseqüentemente, ampliando o espectro de atuação da Construção SEC para além dos registros escritos e, com base nos gêneros apontados pelas autoras (e em nossa vivência de falantes da língua), propor que seja provável que tal construção também se apresente como produtiva em gêneros informais da oralidade, como debates não institucionais, relatos de experiência, dentre outros, além dos que aqui colocamos.

5.2 As relações de heranças

Assumimos, à seção 2.3, que o inventário de construções de uma língua não se estrutura como uma lista aleatória, ao contrário, agrupa-se radialmente, de forma que cada construção seja um nódulo da grande rede de construções da língua. Nessa disposição, as construções estão entre si interligadas por elos de herança, que podem ser de quatro tipos: herança por polissemia, por subparte, por instanciação e por metáfora.

As relações de herança nas quais a Construção SEC se envolve foram, de certa forma, desveladas pelo já citado trabalho de investigação da polissemia da “morte” de Sampaio (2007). Embora o trabalho da autora refira-se à rede parcialmente elucidada como “a Rede de Construções com o Léxico da Morte”, as relações de herança da Construção SEC parecem seguir parte da rede das “construções da morte”, a saber, aquela que desemboca na Construção Superlativa Causal, que nada mais é do que o *type* “Morrer de Y” da construção que estamos estudando (cf. Introdução e seções 3.4 e 5.1).

Com isso, a rede proposta para um *type* específico da Construção Superlativa de Expressão Corporal atende na verdade a todos os *types* dessa construção. Com base nisso, o que é dito sobre tal *type* pode ser arrolado à Construção SEC como um todo, possibilitando a generalização das postulações de Sampaio (2007:102-104) sobre a Superlativa Causal a todos os *types* que levantamos nesta pesquisa em *corpus*.

A autora traça a rede “radialmente organizada em termos de herança” e apresenta a tipologia construcional “a partir de um *frame* básico e de sua irradiação” para um novo *frame* (Sampaio, 2007:102). Dessa forma, a construção central é a Construção Inacusativa (“João morreu”, “João cansou”) que, por um elo de instanciação origina a Construção Inacusativa Causal (“João morreu de câncer”, “João cansou de correr”). Por um elo metafórico, a Construção Inacusativa Causal então motiva a Construção Superlativa Causal, que se desdobra em dois padrões, a Construção Superlativa Causal Nominal e Construção Superlativa Causal Verbal.

A rede que apresentaremos abaixo, contudo, não se trata de uma reprodução *ipsis litteris* da que Sampaio (2007) propõe. Algumas alterações serão

realizadas, em função dos achados deste trabalho e de a autora seguir a tipologia de Miotto *et al.* (2004³⁷) e nós, diferentemente, seguirmos Perini (2008).

Considerando tais aspectos, a configuração de uma rede parcial de heranças da Construção SEC evoca o seguinte diagrama:

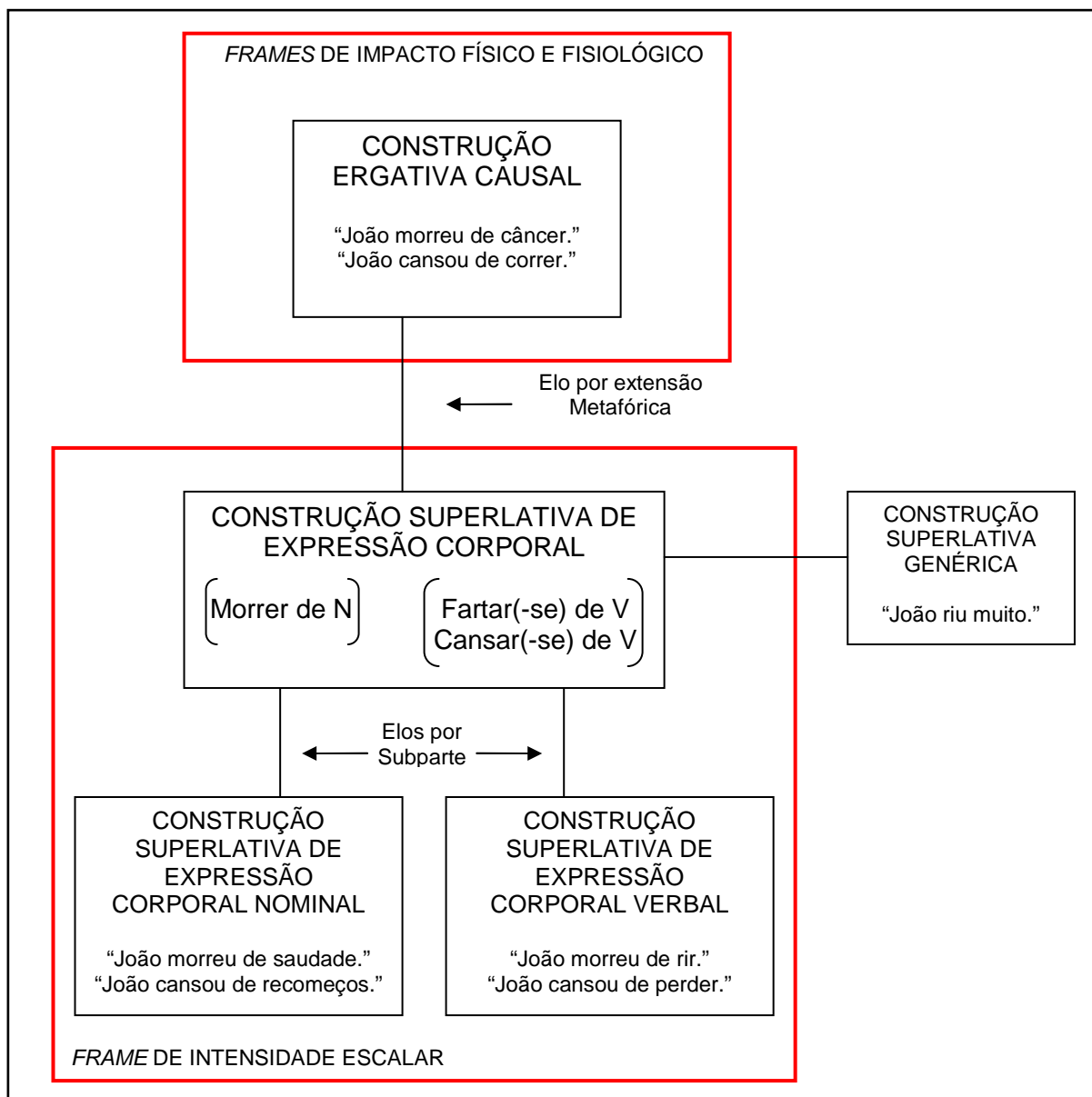


FIGURA 17 – Rede de herança (parcial) da Construção SEC

As motivações para tais relações parecem-nos claras:

- Da Ergativa Causal para a Superlativa de Expressão Corporal Nominal: os verbos que interagem com a Ergativa Causal suscitam processos que

³⁷ MIOTTO, C. *et al.* **Novo Manual de Sintaxe**. Florianópolis: Insular, 2004.

indicam impactos físicos e fisiológicos. Em vista disso, a criatividade humana valeu-se da força que tais impactos representam para o corpo humano para sugerir, por extensão metafórica, um aumento brusco no grau de ideias representadas por nomes e verbos.

- A instituição dos dois padrões da Construção SEC: a possibilidade de interação da construção com verbos de características distribucionais diversas (cf. seção 5.1.2), uns que preferem ligar-se a nomes e outros a outros verbos, acabou por instanciar dois padrões distintos da construção, um em que X une-se a um nome, que vem a ocupar Y (Construção SEC nominal), e outro em que X funciona, como estamos reivindicando como um (semi)auxiliar modal ao ligar-se a outro verbo (Construção SEC Verbal). Na seção seguinte, discutiremos as matrizes dessas duas variantes da Construção SEC.

As relações de herança que instituem a Construção SEC e suas variações são achados relevantes para mostrar a centralidade da metáfora na instituição da gramática e do léxico, ampliando e renovando a rede de construções de uma língua. Com isso, somamos os frutos analíticos deste trabalho ao argumento cognitivista de que a metáfora é muito mais do que um simples adorno retórico (LAKOFF E JOHNSON, 2002[1980]; 1999). Trata-se, em termos muito amplos, de uma estratégia de entendimento que perpassa por categorias organizacionais fundamentais à cognição humana: conceptualização (em nível linguístico e mental) de noções primárias e complexas; léxico (expandindo o sentido das palavras e, conseqüentemente, aumentando e renovando repertório vocabular das línguas); e gramática (dentre outras coisas, ampliando a atuação de uma construção a novos contextos e graus de subjetificação).

5.3 “Morrer de N” e “Cansar(-se) de V”: matrizes de uma herança por tipo

A centralidade dos *types* “Morrer de Y” e “Cansar(-se) de Y” na rede da Construção SEC nos leva a postulá-los como matrizes dos demais *types* da construção.

Dois fatores são fundamentais nessa consideração:

- (1) Esses *types* são os mais convencionalizados dentro de cada uma das variantes da Construção SEC: “Morrer de Y” da variante nominal e “Cansar de Y” da variante verbal (cf. anexo II e seção 5.1.1).
- (2) No tempo, esses dois *types* são os primeiros a ocorrer dentro de cada uma das variações da Construção SEC. No *Corpus* do Português, já no século XIV – primeiro século do qual o *corpus* armazena dados – a Construção SEC Nominal aparece no *type* com “morrer” e a Construção SEC Verbal com “cansar”:

(32) 13:Mettman:CantigasSM2 Esta é como Santa Maria sãou ûu ome bõo que coidava **morrer de ravia**.

(33) 13:CIPM:CGEsp pero tanta era a pestilencia e fame na terra, o bõõ rey nûca **cansou de ben fazer**.

Considerando que, em vista dos dados dos quais dispomos, não há evidências fortes que permitam apontar para um *type* único como matriz de toda a rede construcional que envolve a Construção SEC, postularemos “Morrer de Y” como matriz da variante nominal da Construção SEC e “Cansar(-se) de Y” como matriz da Construção SEC Verbal. Assim entendemos, pois o *type* com “morrer” possui 97% de seu uso está ligado à Construção SEC Nominal, abrindo-se à Construção SEC Verbal com baixa ocorrência, ao contrário do *type* “Cansar(-se) de Y” cujo uso está mais atrelados à variante verbal da construção (88,7%).

“Fartar(-se) de Y” é também um caso emblemático da construção que estamos estudando, pois possui ocorrência no século XIV (“Oo senhor tu êches e fartas o pobre justo e piedoso e homildoso **ffarta-lo de totalas riquizas da tua Casa**”, 13:CIPM:VidaSantos) e é o segundo *type* mais convencionalizado, perdendo apenas para “Morrer de Y”. Por interagir, porém, mais substancialmente com verbos (70,3% de seu uso) e a sua ocorrência mais antiga dentro desse *corpus* ser na Construção SEC Nominal, cremos não ser possível, no contexto da presente pesquisa, incluí-la também como construção matriz da variante verbal da construção.

A primeira ocorrência do *type* com “fartar” no *corpus* ser da Construção SEC nominal, confirma, contudo que, em sua origem, esse *type* liga-se a Construção SEC Nominal (cf. seção 5.1.2). O que, sincronicamente, faz-lhe atuar mais na Construção SEC Verbal é o estágio avançado do processo de gramaticalização que parece se

encontrar, atuando já quase como um verbo auxiliar (seção 5.5), logo se ligando mais a verbos.

5.4 A Construção SEC como uma construção em processo de gramaticalização

A presente seção tem por objetivo a apresentação de argumentos em favor do processo de gramaticalização da construção em estudo, sob uma perspectiva sincrônica. Ainda que os dados que fomentam o presente estudo não tenham sido coletados com esse intuito, a tarefa descritiva da Construção SEC a partir de um prisma sociocognitivista e construcionista nos conduziu a tal achado. Consideradas as convergências entre o paradigma teórico subscrito neste estudo e as abordagens contemporâneas da Teoria da Gramaticalização (cf. seção 2.4.2), a consideração desse fenômeno de mudança em nossos dados, ainda que de modo não aprofundado, representa um ganho analítico.

Dessa forma, pretende-se aqui, em primeira mão, apontar, com evidências extraídas de nosso *corpus*, o processo de gramaticalização da Construção SEC, focalizando, portanto, que a mudança sofrida pelo elemento X (que impõe gradualidade superlativa) não é meramente semântica, mas trata-se de um conjunto de mudanças que definem, como acabamos de evidenciar, a participação em um padrão construcional com forma e significado fixados pela reiteração de seu uso na Língua Portuguesa.

Conforme se colocou à seção 2.4, a noção de gramaticalização envolve necessariamente alterações de diferentes naturezas – sintática, semântica e discursivo-pragmática que se dão paulatinamente no decorrer do tempo.

Visando, assim, os parâmetros de Hopper (1991 *apud* Gonçalves *et al.*, 2007:79-85) apresentados à seção 2.4.1, passamos, abaixo, a fazer um enquadramento da Construção SEC, como unidade linguística em processo de gramaticalização. Não se comentará acerca da especialização dessa unidade, já que o *corpus* específico não permite o tipo de análise que esse item demanda:

- **Estratificação:** a Construção SEC, como evidenciamos, é uma estratégia de se conferir escalaridade superlativa a uma construção no Português. Os verbos que ocupam a posição X demarcam tal gradualidade funcionando

como Operadores de Escala Superlativa (OES). Essa estratégia “convive” com outros meios de se demarcar o grau em Português (são exemplos de construções mais cristalizadas na língua as que se valem dos advérbios “muito”, “bastante”, “demais” etc.). Como a Construção SEC é uma construção com uso definido em termos de busca de expressividade enfática, nossa posição é de que ela, de toda forma, não “substitui” as concorrentes. São estratégias escalares em distribuição complementar nesse paradigma, i.e., cumprem papéis discursivos e semânticos específicos.

- **Divergência:** construções como a Ergativa e a Ergativa Causal atestam a preservação do sentido e das propriedades “originais” dos verbos licenciados pela Construção SEC, que suscitam os *frames* de impacto físico e impacto fisiológico em construções como a Ergativa Básica. A tabela 7, no capítulo anterior, mostra que 44,1% do uso de tais verbos está ligado à Construção SEC (Verbal e Nominal). Assim, 55,9% das ocorrências desses elementos estão ligadas a outras construções, dentre elas as suas construções-mãe (como, ao montar o *corpus*, foram eliminadas as ocorrências que não diziam respeito à Construção SEC, não há como estabelecer, por agora, a quais outras construções tais verbos também estão ligados e em que números).
- **Persistência:** a ideia de impacto físico/fisiológico brusco apresentada pela construção-mãe é projetada figurativamente na Construção SEC, porém sugerindo intensidade superlativa.
- **Decategorização:** em termos das características ligadas a esse fenômeno, aqui, pontua-se a função de semiauxiliar modal (e até mesmo de auxiliar modal no caso dos *types* “Cansar(-se) de Y” e “Fartar(-se) de Y”, cf. seção 5.5) que esses verbos parecem assumir na variante verbal da construção, formando com o elemento Y uma locução verbal com valor modal (em oposição à sua natureza de verbo pleno). A ausência de mobilidade dessas unidades no interior da construção (contraoando-se à mobilidade característica de classes mais lexicais, como a dos verbos) constitui-se como uma evidência nessa direção. Embora os dados tenham sido buscados com a preposição “de” sempre procedendo ao verbo, parece-nos que, se existe, é rara a topicalização desses verbos (e.g. “Morreu João de

rir”) na Construção SEC, assim como a topicalização de Y (como no exemplo “De rir morreu João” ou “De rir João morreu”), comprovando também a integração desses elementos no padrão postulado. Assim, temos palavras de semântica plena, membros iniciais de uma classe “aberta”, de itens lexicais plenos que expressam, majoritariamente, significado mais concreto, e que passam a compor uma classe mais “fechada”, mais gramatical, de formas que expressam significados mais abstratos (BRINTON E TRAUGOTT, 2005:01) – a classe das construções intensificadoras. Como classes abertas, tais verbos tem resistência natural a tornarem-se mais gramaticais.

Nesse ponto, merece ainda relevo a mudança/queda de fronteiras sintáticas entre os elementos da construção. Pensando em termos de maior/menor integração entre esses elementos, poderíamos postular o seguinte *cline*:

$$[X] [\text{prep.}] [Y] > [X] [\text{de } Y] > [X \text{ de } Y]$$

Em um primeiro momento, teríamos uma desintegração total entre os elementos, momento em que X, verbo ergativo pleno, ligava-se sintaticamente à Y como adjunto por intermédio de uma preposição. Posteriormente, a preferência pela preposição “de” e o seu conseqüente aumento de frequência fez com que “de” e Y se integrassem, rompendo, dessa forma, a fronteira entre esses dois elementos, que passaram a funcionar como unidade única de processamento, como construção. Por fim, o aumento da frequência de uma categoria específica de X (os verbos que ativam os *frames* de impacto físico e impacto fisiológico) se ligando à construção [de Y] possibilitou a queda total das fronteiras que se interpunham entre os três elementos, integrando-os assim em uma única construção em nível sintagmático, a Construção Superlativa de Expressão Corporal.

Seguindo essa trilha, pode-se postular que a construção foi sendo preenchida de modo a tornar-se cada vez mais restrita: de construção aberta (em que X poderia ser qualquer verbo ergativo ligado a um adjunto por intermédio de uma conjunção), passando a construção semi-aberta (em que a preposição que liga os outros dois elementos passa a ser necessariamente a preposição “de”), por fim, chegando a uma construção também semiaberta, porém mais restrita devido ao fato de X ser obrigatoriamente um verbo que remete ao *frame* de impacto físico ou de impacto fisiológico.

Em termos de gramaticalização, entretanto, é preciso esclarecer que há *types* da Construção SEC mais cristalizados do que outros. Novamente a coluna “Produtividade da busca” da tabela 7 (seção 4.4) ajuda a entender esse fato: quanto maior a produtividade da busca³⁸, mais gramaticalizado o verbo estará na Construção SEC e, naturalmente, mais o seu sentido estará atrelado a essa construção, uma vez que seus sentidos em outras construções serão mais escassos e pouco utilizados pelos usuários da língua.

Nessa linha, dois casos chamam a atenção: os *types* “Fartar(-se) de Y” e “Cansar-se de Y”. Os verbos desses *types* – fartar(-se) e cansar(-se) – estão de tal forma gramaticalizados na Construção SEC (o primeiro tem 95,8% de seu uso atrelado a essa construção e o segundo, 85,1%) que sofreram alterações profundas de suas funções sintático-semânticas na Construção SEC Verbal: eles parecem deixar de ter uma semântica plena para passar a auxiliares, logo, tendo seus comportamentos sintáticos modificados no contexto dessa variante da construção. Para os outros *types* estamos propondo, como vimos no decorrer da seção 5.1.1, a função de semiauxiliares modais, já que sofrem modificações mais brandas. Isso ocorre, pois a construção, por estar em processo de gramaticalização, mantém a semântica de Causa/Efeito de forma mais arraigada na maior parte dos *types* (17 dos 19 estudados). Apenas os dois casos, que já estão mais gramaticalizados, há uma maior opacidade de X.

5.5 A Construção SEC Verbal: de fato, uma Construção com Verbo Auxiliar?

A Construção SEC Verbal, como a formalizamos (seção 5.1.4.4), impõe uma relação entre dois verbos [(X)_{V1} de (Y)_{V2}]. Ao introduzir a seção 5.1, pontuamos acerca de nossa hipótese acerca do *mismatch* entre a sintaxe e a semântica padrão dos verbos alocados em X e a sua função na Construção SEC. Em vista disso, estamos postulando que, nessa construção, X atua, de maneira *default*, como semiauxiliar (MIRANDA, inédito) e, nos casos que estão em estágios mais

³⁸ Não confundir produtividade da busca com produtividade do *type* da construção. A produtividade da busca relaciona-se com a quantidade de dados obtidos por uma estratégia de busca e em qual proporção os dados levantados dizem respeito à construção que está sendo estudada.

avançados do processo de gramaticalização (“Cansar(-se) de Y” e “Fartar(-se) de Y”), já como auxiliares. Esta seção se dedica à discussão desse tópico.

Para Perini (2001:148), a questão da auxiliaridade tange a noção de valência. A sequência **verbo + forma nominal** (como no exemplo “Mané **vai brincar** com os primos.”), em seu modo de ver, implica em apenas um núcleo do predicado – no caso (Y)_{V2} – e, por isso, a valência desse é, sempre, a estruturadora da cena. Dessa forma, a substituição de “vai brincar” por “brincar” não traz nenhum problema de aceitabilidade, afinal, (X)_{V1}, o auxiliar, serviria apenas para demarcar as noções de tempo, modo e pessoa.

Rodrigues (2006), estudando o que nomeou Construções do tipo Foi e Fez (CFFs), aborda de maneira mais profunda a definição de verbos auxiliares e aponta que, embora haja divergência

quanto ao conjunto de verbos incluídos na classe dos verbos auxiliares [...] todavia há uma convergência no que diz respeito à definição desses verbos. Os verbos auxiliares em Português são identificados com base em duas propriedades principais: (a) recebem flexão de tempo, modo e pessoa, e (b) se conectam a um segundo verbo, principal, que se apresenta sempre sob uma forma nominal verbal, formando assim uma locução verbal.

(RODRIGUES, 2006:117-118)

Entretanto, a autora (2006:118), seguindo Lobato (1975:33³⁹), afirma serem esses critérios insuficientes para garantir que um verbo em forma nominal posposto a uma forma verbal nominal trate de um processo de auxiliaridade.

Em vista disso, destaca parâmetros propostos por quatro autores – Lobato (1975), Ilari (1997⁴⁰), Longo e Campos (2002⁴¹) e Castilho (2002⁴²) – para identificar a auxiliaridade em Português moderno. Uma vez que tais parâmetros são muito próximos, sintetizamo-los a seguir: (a) redução semântica (“o verbo auxiliar perde seu significado lexical”); (b) unidade semântica (que implica, dentre outras coisas, que “o verbo auxiliar e o principal têm um só sujeito”, que um circunstante temporal

³⁹ LOBATO, L. M. P. Os verbos auxiliares em português contemporâneo. Critérios de Auxiliaridade. In: LOBATO, L. M. P. *et al.* **Análises Lingüísticas**. Petrópolis: Vozes, 1975. p. 27-91.

⁴⁰ ILARI, Rodolfo. **A expressão do tempo em português**. São Paulo: Contexto, 1997.

⁴¹ LONGO, B. O.; CAMPOS, O. S. A auxiliaridade: perífrases de tempo e de aspecto no português falado. In: ABAURRE, M. B. M.; RODRIGUES, A. C. S. (orgs.). **Gramática do Português Falado**, Vol. VIII: Novos estudos descritivos. Campinas: Editora da Unicamp, 2002. p. 445-497

⁴² CASTILHO, A. T. *Aspecto Verbal no português falado*. In: ABAURRE, M. B. M.; RODRIGUES, A. C. S. (orgs.). **Gramática do Português Falado**, Vol. VIII: Novos estudos descritivos. Campinas: Editora da Unicamp, 2002. p.83-121

ou uma negação tenha escopo sobre todo o conjunto); (c) impossibilidade de desdobramento da locução em construções completivas; (d) formas simples e perifrásticas possuem equivalência semântica; (e) o mesmo verbo apresenta significados divergentes quando usado como auxiliar ou como verbo principal; e (f) detematização (“o verbo auxiliar não se associa a uma grade temática”) (RODRIGUES, 2006:118-119).

Tomando por base os critérios apresentados, podemos afirmar que a Construção SEC Verbal fere mais radicalmente apenas o parâmetro posto no item (d): $(X)_{V1}$ da Construção SEC não indica apenas tempo, modo e pessoa, mas aponta também para a intensidade com que o evento ocorre. Assim, mesmo que uma forma simples viesse a apresentar informações sobre a intensidade do evento, não se equivaleria a Construção SEC, uma vez que a intensidade sugerida por essa construção é peculiar (cf. seção 5.1.4.4). Esse fator não nos permite, então, considerar a Construção SEC como um caso prototípico de Construção com Verbo Auxiliar.

Essa transgressão ao item (d) não nos permite, contudo, negar que a Construção SEC é uma Construção com Verbo Auxiliar. Afinal, ela se enquadra nos demais critérios, fazendo com que possa ser vista como um caso mais periférico dessa categoria. Os exemplos abaixo reforçam esse ponto de vista ao mostrarem que a valência seguida é sempre a de $(Y)_{V2}$, inclusive nos casos de *types* de maior opacidade:

- (34) 19Or:Br:Intrv:Web JACOB FILHO: É... bate nele. Bate agora. Pô!
Eu já **cansei de incentivar** invasão de troço.
V1 V2 Al de V2
- (35) 19:Fic:Br:Castilho:Brás Rodolfo Valentino, paletó de um botão só,
espera há muito com os olhos **escangalhados de inspecionar**
V1 V2
a Rua Barão de Itapetininga.
Al de V2
- (36) 19:Fic:Br:Gomes:Rios - Já te disse: o Adão gostava de mentir. E o
Adão **morreu de tanto contar** mentira.
V1 V2 Al de V2

Os verbos “cansar”, “escangalhar”, “fartar” e “morrer”, como sabemos, podem ocorrer como Verbos Ergativos em Construções Ergativas (verbos com complementos externos do tipo Paciente que não possuem argumento interno, como em “Maria morreu jovem”/ “Tiago cansou rápido”) ou em Ergativas Causais (“Maria

morreu de anemia”/”Tiago cansou de correr”). Na Construção SEC ilustrada em (32) a (35) uma reanálise desses verbos parece estar sendo promovida. (Y)_{V2} demarca a valência da construção e (X)_{V1} passa a ser reanalisado como auxiliar modal ou semiauxiliar modal.

Assim, nos exemplos (32) a (34), em que temos Construções Transitivas, há alterações na grade temática, passando o sujeito da construção a Agente, ao invés de Paciente/Afetado (papel que recebe na cena básica da construção). Os complementos de (Y)_{V2} (elementos não participantes da cena básica) dependerão da valência desse verbo para terem seu papel temático atribuído.

Essa alteração de valência ocorre também quando (Y)_{V2} é um Verbo Intransitivo (i.e., de sujeito Agente e sem argumento interno). Nos exemplos abaixo, os sujeitos das três elocuições – explícito em (36) e desinencial em (35) e (37) – recebem o papel de Agente:

- (37) 16:FMMelo:Letters Com as premissas de que haveria de seguir o Conde Ene ao Brasil, **me acabei de destruir**, empenhar e carregar de novas obrigações.
V1 V2
- (38) 19Or:Br:Intrv:ISP cenas, para ele ver, porque eu o imitava muito bem mesmo. Ele **morria de rir**.
Ag. V1 V2
- (39) 19:Fic:Br:Abreu:Santa obedecia correndo, no dia seguinte voltava, chafurdava na alegria, **não cansava de sorrir**.
V1 V2

Só não há a alteração dos rótulos semânticos da cena básica quando (Y)_{V2} é também um Verbo Ergativo. O sujeito atua como Paciente, assim como no domínio fonte:

- (40) 19:Fic:Pt:Ribeiro:Terras Florinda **não se fartava de admirar** à serva de Deus e ao trasteio da casa
Pac. V1 V2
- (41) 18:Olímpio:Luziahomem A pobreza não me afronta, porque tenho forças para trabalhar e ainda **não cansei de sofrer**.
V1 V2

Rodrigues (2006:119-120) ainda traz a sugestão de Longo e Campos (2002) de tratar verbos plenos e auxiliares a partir de um *continuum* de gramaticalização, que envolveria os critérios abaixo:

Cr terios para verificar o grau de gramaticaliza o de verbos auxiliares (Longo & Campos 2002):

- a. Inseparabilidade: se houver itens intervenientes, o grau de fus o   baixo;
- b. Irreversibilidade: se forem constatadas anteposi es ou mudan a de ordem, o grau de gramaticaliza o   mais baixo;
- c. Esvaziamento sem ntico (*semantic bleaching*);
- d. Recursividade: o fato de um verbo poder incidir sobre uma base id ntica indica que o verbo auxiliar e a base n o s o interpretados como sin nimos e que o auxiliar se esvaziou semanticamente, adquirindo um valor gramatical;
- e. Perda de caracter sticas sint ticas.

Nesse enquadre, por estarem em um *continuum*, mais uma vez o fato de n o atender a todos os cr terios n o nos obriga a negar (X)_{V1} como um verbo auxiliar. Por m, parece claro que, na Constru o SEC, V1, mesmo nos *types* “Cansar(-se) de Y_V” e “Fartar(-se) de Y_V”, n o pode, de fato, ser tratado como um auxiliar protot pico, pois: ainda que “b” possa ser um cr terio mais fortemente atendido por (X)_{V1} na Constru o SEC, assim como “e” (de maneira mais sutil por m), “a” e “d” s o par metros que ainda n o s o atendidos por (X)_{V1} na Constru o SEC. Como ressaltamos mais acima, h  entre (X)_{V1} e (Y)_{V2} a preposi o “de” e n o   poss vel algo do tipo “cansar(-se) de cansar” ou “fartar(-se) de fartar”. Acerca do item “c”, como afirmamos acima, poder  ser atendido de maneira mais ampla nos *types* “Cansar(-se) de Y_V” e “Fartar(-se) de Y_V” e de maneira mais discreta nos demais *types*.

Um dado ainda relevante e que atesta nossa reivindica o de atribuir a fun o de auxiliar modal para (X)_{V1} nos *types* “Cansar(-se) de Y_V” e “Fartar(-se) de Y_V”   o fato Borba *et al.* (1990) j  apontarem para “cansar” seguido da preposi o “de” como auxiliar que indica uma modaliza o intensiva. De acordo com os dicionaristas esse verbo

  **auxiliar** precedendo **de** + infinitivo para indicar aspecto **cessativo**: *Cansei de falar para mudarem daqui [...]; A desgra a cansou de visitar aquela casa; O desempregado cansou de esperar uma resposta da ag ncia.* //Essas constru es t m carrega uma modaliza o intensiva. (BORBA *et al.*, 1990:242) [Grifos dos autores]

“Fartar(-se) de Y”, pelo grau de entrincheiramento que apresenta na Constru o SEC, haja vista os dados levantados no *corpus* investigado, pode, a

nosso ver, receber a mesma rotulação. Daí decorre a dificuldade em se ter consciência metafórica desses casos (cf. seção 5.1.4.4).

O exemplo a seguir pode também ajudar na afirmação da (semi)auxiliaridade de (X)_{V1} na Construção SEC Verbal, por indicar a integração entre (X)_{V1} e (Y)_{V2}, codificando um evento unitário:

- (42) 19Or:Br:Intrv:ISP no Snow Show, o meu clown não consegue cruzar os braços. **A platéia *morre de rir* do que é, na verdade, uma tragédia para o meu personagem**

No período marcado em negrito, se formos entender “de rir” como uma oração subordinada adverbial causal reduzida de infinitivo – como pode sugerir uma análise gramatical que parte de uma leitura mais literal –, teríamos um conflito de processamento, já que a oração sublinhada – outra adverbial causal – seria uma subordinada da subordinada (algo que os gramáticos, se consideram, não enunciam em suas obras⁴³). Ao passo que, se olharmos para a expressão em itálico (“morre de rir”) como uma unidade, não teremos esse problema, já que apenas a oração sublinhada indicaria a causa de, no caso, o ato superlativo de rir.

Outra questão que aponta para essa reivindicação é a presença, em alguns exemplos, de verbos modais antecedendo X em casos que Y é um verbo, como em:

- (43) 15:Trancoso:Proveito especial cuidado que tinha de servir e festejar a nova desposada, sem se poder **fartar de louva-la** de formosa e avisada.

A presença de tais verbos pode ser um indício de que [(X)_{V1} de (Y)_{V2}] é processado como um evento simples, único, já que a enunciação em sequência de três sintagmas verbais distintos poderia causar estranheza e problemas no entendimento de uma ideia expressa por uma elocução. Tais fatos, em nossa visão, ratificam a condição de (semi)auxiliar que Miranda (inérito) propõe para estes verbos modalizadores.

Assim, pelo que aqui vimos, podemos então concluir que, embora a Construção SEC Verbal não se configure como um caso clássico de Construção com Verbo Auxiliar, (X)_{V1} pode, sim, ser visto como auxiliar nos *types* “Cansar(-se)

⁴³ Em pesquisa nas gramáticas de Bechara (2005) e Cunha e Cintra (2007), não foi encontrada uma menção à possibilidade de uma oração subordinada ter outra subordinada como principal.

de Y_v ” e “Fartar(-se) de Y_v ” e como semiauxiliar nos demais *types* que autorizam a Construção SEC Verbal.

5.6 Discussão dos resultados

O presente capítulo buscou situar a Construção SEC como uma construção da grande rede de construções superlativas da Língua Portuguesa (MIRANDA, 2008a). Para tanto, buscamos, sempre com base no *corpus* específico montado: descrever a natureza morfossemântica e o comportamento na construção em foco de seus principais elementos, X e Y, e a instituição do padrão construcional [X_v de $Y_{(NV)}$], atentando para a sintaxe da construção, sua semântica e a dimensão de seu uso. Compreender o enlace cognitivo que possibilitou o estabelecimento desse padrão construcional; desvelar sua rede de herança e, finalmente, situá-la como uma construção em processo de gramaticalização foram as outras tarefas analíticas cumpridas.

Como resultados desses esforços, foram-nos revelados elementos comuns a toda a rede de construções supracitada (o que nos possibilitou incluir a construção nesse rol) e especificidades, que tornam legítimo o nosso apelo de considerar a Construção SEC como um elo independente da grande Rede de Construções Superlativas, com forma, sentido e uso próprios.

Recorrendo ao nosso *corpus* e a outras fontes de dados, pudemos atestar a produtividade da Construção SEC (27 *types*). A verificação de convencionalização dessa construção, contudo, obteve resultados mais restritos. Só pudemos comprovar a frequência de ocorrência de alguns *types* (“Cansar(-se) de Y”, “Cair de Y”, “Chorar de Y”, “Fartar(-se) de Y” e “Morrer de Y”,), o que parece resultar da natureza do *corpus* utilizado na investigação, composto por textos de instâncias mais formais da linguagem e sem dados do presente século.

Os achados levantados, em termos teóricos, vêm ainda corroborar os seguintes pontos de vista: a presença da corporeidade e da cultura na construção da gramática de uma língua, a metáfora como processo central na construção da gramática das línguas, a relatividade do conceito metafórico numa determinada

cultura, a gramática como uma rede de construções radialmente organizada e a sistematicidade da mudança da linguística em processos de gramaticalização.

6 CONCLUSÃO

No presente trabalho, tendo por escopo teórico Linguística Cognitiva e os Modelos Baseados no Uso da Gramática das Construções e como metodologia a Linguística de *Corpus*, procuramos descrever o par forma-função do que nomeamos Construção Superlativa de Expressão Corporal no intuito de fixá-la como um padrão recorrente na Língua Portuguesa, com propriedades formais e semântico-pragmáticas específicas.

Nesse intuito, passamos à investigação em *corpora* em duas etapas. A primeira etapa envolveu a pesquisa em três diferentes bancos de dados (*Corpus* do Português, *Corpora* do Projeto VISL e portal Abril.com) para levantarmos *types* construcionais da construção. A segunda etapa abarcou a pesquisa de ocorrências dos vinte e sete *types* levantados na primeira etapa no *Corpus* do Português, que formaram nosso *corpus* específico.

Com o *corpus* específico montado, passamos a análise dos dados que, em suma, resultaram nos seguintes pontos:

- (i) A frequência de ocorrência da construção comprova sua convencionalização. No entanto, dos dezenove *types* que obtiveram, ao menos, ocorrência mínima no *Corpus* do Português (oito dos vinte e sete *types* encontrados não tiveram *token* nesse *corpus*), apenas cinco (“Morrer de Y”, “Fartar(-se) de Y”, “Cansar(-se) de Y”, “Chorar de Y”, “Cair de Y”, “Rebentar(-se) de Y” e “Estourar(-se) de Y”) tiveram convencionalização comprovada no *corpus*.
- (ii) Em termos de seu polo formal, a construção apresenta a seguinte configuração: $[X_V \text{ de } Y_{(N/V)}]$, em que X é sempre um verbo que suscita um *frame* de impacto/dano físico (como “cair”, “rachar”, “rolar”) ou fisiológico (como “cansar”, “mijar”, “morrer”) e Y, prototipicamente, um nome abstrato ou um verbo (de qualquer das quatro categorias propostas por BORBA *et al.*, 1990, e BORBA, 1996).
- (iii) Cognitivamente, a construção apresenta um entrelaçamento entre os esquemas imagéticos da Imposição (variação do esquema da Força) e da Escala (JOHNSON, 1987), do conceito de Causalidade (LAKOFF E JOHNSON, 2002[1980], 1999; TOMASELLO, 2003[1999]), com as

metáforas primárias “Causa É Força Física”, “Intensidade é Força Física” e “Causalidade é Emergência” (LAKOFF E JOHNSON, 1999) e a metáfora complexa “Viver É Guerrear” (CARRARA, 2010), que motivam seu padrão gramatical.

- (iv) Semanticamente, X é reanalisado como um Operador de Escala Superlativo, passando Y a Núcleo Graduável, o que faz com que a construção evoque o *frame* Posição em uma Escala, no lugar dos *frames* de impacto/dano físico ou fisiológico, alinhando-se com outras construções do Português no *frame* de escala superlativa.
- (v) Pragmaticamente, a construção: (a) apresenta maior força do que estratégias de superlativização mais tradicionais, focalizando, assim, níveis extremamente elevados da escala cognitiva; (b) ajeita-se no repertório de construções do Português como estratégia de subjetificação e argumentação em que o enunciador impõe forças em relação ao seu interlocutor, pertinente a contextos discursivos em que o falante/escritor possui maior liberdade de expressão subjetiva; (c) apresenta um desgaste de seus *types* mais convencionalizados, fazendo com que a escala de força pragmática divirja da escala semântica.
- (vi) A Construção SEC é herança direta da Construção Ergativa Causal. O caráter gradual dos impactos físico/fisiológico apresentados na construção-mãe são metaforicamente transferidos para a construção-filha, em quem sugerem intensidade superlativa.
- (vii) A variante verbal da construção – Construção SEC Verbal – apresenta um desencontro (*mismatch*) entre a sintaxe mais canônica dos elementos X e o seu valor de (semi)auxiliar modal na Construção SEC.
- (viii) Por fim, a Construção SEC é uma construção em processo de gramaticalização, pois: (a) coexiste com diversos outros meios de se marcar grau no Português (Estratificação); (b) outras construções preservam as funções originais dos verbos licenciados para a Construção SEC (Divergência); (c) por mais gramaticalizado que seja o *type* da construção, X não apresenta semântica totalmente opaca (Persistência); e (d) os verbos que vêm a ocupar X assumem, nessa construção, uma função que diverge do funcionamento padrão da categoria a que primariamente se vinculam (Decategorização).

Em vista de tais resultados, esta pesquisa apresenta-se especialmente relevante no que concerne à descrição de construções da Língua Portuguesa, revelando um pequeno nóculo da grande rede de construções que institui a gramática dessa língua. Ressalte-se ainda o relevo de tal investigação, que diz respeito à tradução entre línguas, ao expandir a descrição da gama de estratégias de se intensificar uma ideia em nossa língua e, por isso, permitir traduções mais precisas.

No que diz respeito aos ganhos teóricos e analíticos, podemos dizer que o estudo da Construção SEC aqui empreendido oferece reforço às seguintes premissas cognitivistas:

- (a) “O conhecimento sobre a linguagem emerge do uso da linguagem” (CROFT E CRUSE, 2004:01): somente a verificação de frequência de padrões linguísticos específicos pode atestar a centralidade desse padrão no interior de uma língua.
- (b) As cognições estão interligadas: sendo a linguagem reflexo e meio de estudo do funcionamento do cérebro humano, usar uma linguagem relativa à expressão corporal para intensificar elocuições pode sinalizar que as fronteiras (se é que elas existem) entre as cognições são verdadeiramente muito tênues.
- (c) Centralidade de processos figurativos na constituição da gramática e do léxico, constituindo e expandindo a rede de construções de uma língua.
- (d) Hipótese Fraca da Composicionalidade: a Construção SEC é um caso típico de idiomatismo, em que o somatório dos sentidos de seus elementos não indica o sentido que assume no discurso, confirmando que, de fato, “o significante não porta o significado”.

Todo o esforço que realizamos no intuito de destrinchar ao máximo o objeto, não foi, contudo, suficiente no sentido de esgotá-lo. Alguns pontos ainda merecem inquirição.

A nosso ver, é ainda de grande importância a verificação da construção em *corpora* com dados do século presente e oriundos de textos mais informais, para que entendamos com maior precisão a centralidade de cada um dos *types* da Construção SEC nesse momento histórico. É provável que um pesquisa que se valha de dados dessa natureza comprove a convencionalização dos quatorze *types* que tiveram ocorrência baixa no *Corpus* do Português e dos oito *types* elucidados na

primeira etapa da pesquisa, mas não encontrados nesse *corpus*. Além, claro, de aclarar outros *types* que ouvimos em nossos dia a dia, mas que não apareceram em nenhuma das etapas da pesquisa em *corpora*, como “Ficar tonto de sono”, “Ficar louco de amor”, “Pingar de sono”, “Pirar de rir”, “Tremar de medo”, “Ficar cego de raiva”, “Ficar vermelho de vergonha”, “Ficar verde de fome”, “Ficar roxo de raiva”, “Inchar de orgulho”.

Outra questão que aqui levantamos e que merece mais aprofundamento é a que diz respeito à gramaticalização Construção SEC. Como sinalizamos, a montagem de um *corpus* com esse fim é primordial para que o estudo possa ser bem realizado, o que era inviável para nós, devido à extensão do presente projeto.

Para finalizar, é importante reiterar que não buscamos, em nenhum momento, a postulação de verdades, mas diálogos que pudessem nos propor, como diz Wittgenstein, “pontos de vista novos”, que, se férteis, possam produzir frutos positivos que causem novos diálogos que causem diálogos mais novos ainda que nos levem a “lugares” novos que nos permitam aprender cada vez mais sobre nós mesmos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERGARIA, G. **Projeção figurativa e expansão categorial do PB**: o caso de um frame “animal”. Juiz de Fora: UFJF, 2008. 107f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2008.

ABRIL.COM. **Notícias online, atualidades e sites Abril**. Disponível em: <<http://www.abril.com.br/>>. Acessos de nov. 2008 a ago. 2009.

ALUÍSIO, S. M.; ALMEIDA, G. M. O que é e como se constrói um *corpus*? Lições aprendidas na compilação de vários *corpora* para pesquisa lingüística. **Calidoscópico**, São Leopoldo, v. 4, n. 3, p.155-177, 2006.

BICK, E. (org.). **Corpus of VISL Project: Portuguese**. Disponível em: <<http://corp.hum.sdu.dk/cqp.pt.html>>. Acessos de nov. 2008 a ago. 2009.

BORBA, F. S. **Uma gramática de valências para o Português**. São Paulo: Ática, 1996.

BORBA, F. S. *et al.* **Dicionário Gramatical de Verbos do Português Contemporâneo do Brasil**. São Paulo: UNESP, 1990.

BRINTON, L. J.; TRAUGOTT, E. C. **Lexicalization and language change**. New York: Cambridge University Press, 2006.

BRODBECK, R. M. S. **Um monte de problemas gera uma chuva de respostas**: estudo de um caso de desencontro na quantificação nominal em português. Juiz de Fora: UFJF, 2010. 149f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010.

BRONZATO, L. H. **A Construção Gramatical de Hiperbolização**: um caso de coerência metafórica da gramática. Niterói: UFF, 2010. 226f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In: JOSEPH, B. D.; JANDA, R. D. **The handbook of Historical Linguistics**. Oxford, Blackwell, 2003.

CARRARA, A. C. F. **As Construções Superlativas Causais Nominais – uma abordagem construcionista**. Juiz de Fora: UFJF, 2010. 150f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010.

CARVALHO-MIRANDA, L. C. **As construções concessivas de polaridade negativa no Português do Brasil**. Juiz de Fora: UFJF, 2008. 160f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2008.

CROFT, W.; CRUSE, A. **Cognitive Linguistics**. New York: Cambridge University Press, 2004.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **A Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2007.

DAVIES, M.; FERREIRA, M. (orgs.). **Corpus do Português** (45 milhões de palavras, sécs. XIV-XX). Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org>>. 2006. Acesso em: nov.2008 a jul. 2010.

EVANS, V.; GREEN, M. Image schemas. In: _____. **Cognitive Linguistics** – an introduction. Edinburgh: Edinburgh University Press: 2006. p.177-191.

FAUCONNIER, G. **Mental Spaces**. New York: Cambridge University Press, 1994.

FAUCONNIER, G. Mental Spaces. In: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. **The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics**. Oxford: Oxford University Press, 2007. p.351-376.

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. **The way we think**: conceptual blending and the mind's hidden complexities. New York: Basic Books, 2002.

FELDMAN, J. A. **From Molecule to Metaphor**: A Neural Theory of Language. Cambridge: MIT Press, 2006.

FILLMORE, C. Scenes-and-frames semantics, Linguistic Structures Processing. In: ZAMPOLLI, A. (Ed.). **Fundamental Studies in Computer Science**, n. 59, p. 55-88, 1977.

_____. Frame Semantics. **Linguistics in the morning calm**, Seoul (Korea), p.111-137, 1982.

FILLMORE, C.; ATKINS, B. T. Toward a Frame-Based Lexicon: The Semantics of RISK and its Neighbors. In: A. LEHRER, A.; KITTAY, E. F. (eds.). **Frames, Fields and Contrasts: New Essays in Semantic and Lexical Organization**. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1992. p. 75-102.

FILLMORE, C.; KAY, P.; O'CONNOR, C. Regularity and Idiomaticity in Grammatical Constructions: The Case of Let Alone. **Language**, v.64, n.3, p.501-538, 1988.

FRAMENET. **FrameNet**. Disponível em: <<http://framenet.icsi.berkeley.edu/>>. Acesso em: mar. 2008 a jul. 2010.

FRAMENET Brasil. **FrameNet Brasil**. Disponível em: <<http://www.framenetbr.ufjf.br/>>. Acesso em: nov. 2009.

FURTADO DA CUNHA, A. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, M. E. (org.). **Manual de Lingüística**. São Paulo: Contexto, 2008. p.157-176.

GRADY, J. E.; OAKLEY, T.; COULSON, S. Blending and metaphor. In: GIBBS, R. W.; STEEN G. J. **Metaphor in cognitive linguistics**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1999. p.101-124.

GRIES, S. T.; DIVJAK, D. Behavioral profiles: A corpus-based approach to cognitive semantic analysis. In: EVANS, V.; POURCEL, S. (eds.). **New directions in Cognitive Linguistics**. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins, 2003. p.57-75.

GONÇALVES, S. L. *et al.* Tratado geral sobre gramaticalização. In: GONÇALVEZ, S. L.; LIMA-HERNADES, M. C; CASSEB-GALVÃO, V. C. (orgs.). **Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação**. São Paulo: Parábola, 2007. p.15-66.

HOUAISS, A. **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. v.2.0a. São Paulo: Objetiva, 2007. CD-ROM.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

JOHNSON, M. **The body in the mind**. Chicago: University of Chicago Press: 1987.

LAKOFF, G. **Women, Fire and Dangerous Things: What Categories Reveal About the Mind**. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

_____. The contemporary theory of metaphor. In: ORTONY, A. **Metaphor and Thought**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993. p.202-251

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana**. Trad. Mara Sophia Zanotto (coord.). Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Educ, 2002[1980].

____. **Philosophy in the Flesh: The Embodiment Mind and Its Challenge to Western Thought**. New York: Basic Books, 1999.

LEVINSON, S. Relativity in spatial conception and description. In: ____; GUMPERZ, J. J. (Eds) **Rethinking Linguistic Relativity**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996. p.177-202.

LOPES, Carlos Alberto Gonçalves. **A intensificação no Português culto soteropolitano**. UNEB e UFBA: 2001. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/vicnlf/anais/caderno08-02.html>>. Acesso em: 15 maio 2009.

MIRANDA, N. S. O caráter partilhado da construção da significação. **Veredas**, Juiz de Fora, v. 5, n. 2, p. 57-81, 2002.

____. Modalidade: o Gerenciamento da Interação. In: MIRANDA, N. S.; NAME, M. C. L. **Linguística e Cognição**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005. p.171-195.

____. **Construções Superlativas no Português do Brasil: um estudo sobre a semântica de escala**. Projeto de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado em Linguística; GP “Gramática e Cognição”, CNPq, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2008a.

____. **Gramaticalização e gramática das construções**: algumas convergências. Um estudo de caso: as construções negativas superlativas de IPN. Juiz de Fora: UFJF, 2008. 110 f. Relatório (Pós-doutorado em Linguística) – Centro de Comunicação e Letras, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2008b.

____. **Origem e natureza da linguagem humana**, 02 dez. 2008. 03 f. Notas de aula. Hand out.

____. **Processos de conceptualização e categorização** (baseado em Lakoff, 1987). 1º semestre 2010. Notas de aula. Hand out.

____. **Construções Superlativas do Português do Brasil**: um estudo sobre a semântica das escalas. Juiz de Fora: UFJF, inédito.

MULDER, W. Force dynamics. In: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. **The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics**. Oxford: Oxford University Press, 2007. p.298-317.

NEVES, M. H. M. **Gramática de Usos do Português**. São Paulo: UNESP, 2000.

NÚÑES, R.; SWEETSER, E. With the Future Behind Them: Convert Evidence From Aymara Language and Gesture in the Crosslinguistic Comparison of Spatial Construals of Time. **Cognitive Science**, v. 30. p.401-450, 2006.

PERINI, M. A. **Princípios de Lingüística Descritiva**: introdução ao pensamento gramatical. São Paulo: Parábola, 2001.

PERINI, M. A. **Estudos de Gramática Descritiva**: as valências verbais. São Paulo: Parábola, 2008.

REDDY, M. A metáfora do conduto: um caso de conflito de enquadramento na nossa linguagem sobre a linguagem. **Cadernos de Tradução**, n.9, p. 05-47, jan-mar, 2000 [1979].

SALOMÃO, M. M. M. Gramática das Construções: a questão da integração entre sintaxe e léxico. **Veredas**, Juiz de Fora, v.6, n.1, p.63-74, 2002.

_____. **Teorias da Linguagem: a perspectiva sociocognitiva** (Palestra). Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <<http://www.forumdelinguagem.com.br/textos/Texto%20Margarida%20Salom%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: 05 out. 2008.

SAMPAIO, T. F. **O uso metafórico do léxico da morte**: uma abordagem sociocognitiva 2007. Juiz de Fora: UFJF, 2007. 167f. Dissertação (Mestrado em Letras: Lingüística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2007.

_____. **A família de construções com argumento cindido no Português do Brasil**. Juiz de Fora: UFJF, 2010. 151f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010.

SARDINHA, T. B. Lingüística de Corpus: Histórico e Problemática. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, v.16, n.2, p.323-367, 2000.

_____. **Lingüística de Corpus**. Barueri: Manole, 2004.

SILVA, A. S. A Linguística Cognitiva. **Revista Portuguesa de Humanidades**, Braga, v. 01, p. 59-101, 1997.

_____. O poder cognitivo da metáfora e da metonímia. **Revista Portuguesa de Humanidades**, Braga, v. 07, p. 13-75, 2003.

SILVA, J. R. A intensificação numa perspectiva funcional. **Odisséia**, Natal, n. 01, p. 1-18, 2008. Disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/odisseia/numero1/arquivos/LIN01_PT03.pdf>. Acesso em: 15 março 2009.

STEFANOWITSCH, A. Words and their metaphors: A corpus-based approach. In: **Corpus-based Approaches to Metaphor and Metonymy**. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2006. p.61-105.

TOMASELLO, M. **Origens Culturais da Aquisição do Conhecimento Humano**. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2003[1999].

TRAUGOTT, E. C. Subjetification in grammaticalization. In: STEIN, D.; WRIGHT, S. (eds.). **Subjectivity and subjetification: Linguistic Perspectives**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

_____. Constructions in grammaticalization. In: JOSEPH, B. D.; JANDA, R. D. **The handbook of Historical Linguistics**. Oxford, Blackwell, 2003.

_____. The concepts of constructional mismatch and *type*-shifting from the perspective of grammaticalization. **Cognitive Linguistics**, v.18, n.3, p.523-557, 2007.

_____. Grammaticalization and Construction Grammar. In: CASTILHO, A. T. (org.). **História do Português Paulista**. vol. 1. Campinas: Unicamp/ Publicações IEL, 2009.

VIARO, M. E. Com a corda bem esticada: a trajetória de palavras que tem origem no mero ato de esticar. **Língua Portuguesa**, São Paulo, n. 54, p. 60-62, 2010.

ANEXOS I E II